REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

TOMO XXI — 2° TRIMESTRE DE 1858

ALMANAC HISTORICO

DA CIDADE DE S. SEBASTIÃO

DO

RIO DE JANEIRO

COMPOSTO

POR

Antonio Duarte Nunes

TENENTE DE BOMBEIROS

DO REGIMENTO DE ARTILHERIA DESTA PRAÇA

ANNO DE 1799

OFFERECIDO AO INSTITUTO HISTORICO

PELO SR.

José Pedro Werneck Ribeiro de Aguilar

Memorias da fundação da Igreja de S. Sebastião, primeira matriz que houve nesta cidade, com o cathalogo dos prelados administradores que houverão até o tempo em que foi elevada a dignidade de Sé Episcopal, e os bispos que tem havido até o presente.

A igreja de S. Sebastião foi a primeira e unica matriz, que houve nesta cidade até o anno de 1628, com pouca differença, em que foi erecta freguezia a igreja de N. S. da Candelaria, e não sendo possivel descobrir-se monumento algum por onde conste da epoca da criação desta primeira freguezia do Rio de Janeiro, fico por isso sujeito á interpretação critica, valendo-me dos signaes, que indicão a proximidade do tempo analisando as noticias, que pela historia pude adquirir desde a fundação desta cidade.

Sendo certo que no anno de 1567 se fundara esta cidade por Mendo de Sá, Governador Geral do estado do Brasil, e que com elle viera o segundo Reverendo Bispo da Bahia D. Pedro Leitão a semear tambem as primeiras sementes evangelicas pelos seus cooperadores da companhia de Jesus, que ficarão persistindo nesta obra; é sem questão que estes lançarão os primeiros fundamentos da religião e da igreja, não

só formal, mas material, no lugar onde se chamou até certo tempo Villa Velha; não consistindo por então a igreja material senão em uma casa coberta de palhas, segundo permittião as circunstancias do tempo.

Mudada a povoação para o lugar em que hoje existe, e muito principalmente para o terreno, em que se vê fundada a casa da Misericordia, e outras mais, foi de necessidade que tambem se mudasse a igreja, e com effeito se fundou no alto monte de S. Januario.

Quando se principiou esta obra, não me foi possivel saber; mas o tempo em que se finalisou é certo ser no anno de 1583, como se lê no epitafio gravado sobre a pedra sepulchral do Capitão-mór Governador Estacio de Sá, mandado fazer por Salvador Correia de Sá seu primo, e seu successor no governo.

E' bem provavel que só os Missionarios da companhia estivessem trabalhando no curativo das almas, não só Indias, mas tambem dos primeiros povoadores deste Continente até que cultivados já, e reduzidos a melhor estado, lhes fosse dado particular Sacerdote, para os curar e parochiar, pelo Diocesano da Bahia: mas, quem, e em que tempo principiara a existir, ignora-se totalmente, porém he certo que pelo mesmo Diocesano correu o cuidado desta capitania até o anno de 1576.

Neste referido anno a instancias do Sr. Rei D. Sebastião foi obtido do SS. Padre Gregorio 13 em data de 19 de Julho o Breve pelo qual se desmembrou esta capitania ecclesiastica da Diocese da Bahia, a que estava sujeita, o em consequencia foi instituido um Reverendo Administrador, a quem concedeo S. Santidade toda a jurisdicção, e governo espiritual da dita capitania com o poder e faculdades quasi episcopaes; dando, e concedendo ao dito Sr. Rei, e seus sempre augustos successores o poder e faculdade de prover, o deputar a pessoa, que houvesse de servir o dito cargo, e que em virtude da provisão que se lhe passasse podesse exercita-lo, e usar da dita jurisdicção, sem outra confirmação, approvação ou licença.

Por effeito do dito Breve, nomearão os Snrs. Reis deste Reino as pessoas dignas para virem occupar a Prelatura, e serem Administradores da jurisdicção ecclesiastica da capitania, e lugares da governança da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Em tempo já da Prelatura é que se descobre o primeiro Parocho, que consta haver pelo dito L. 1.° de assentos de

baptismos, que conserva na camara ecclesiastica deste Bispado. Seu nome era Martim Fernandes, o qual é certo que estava Vigario desta igreja de S. Sebastião no anno de 1601, como se vê de uma certidão de baptismo feita por elle, que se acha nos autos de Genere de Diogo Gomes Moço (M. 1.° numero 20).

Foi esta Igreja de S. Sebastião de natureza collativa, como se alcança de um documento que se conserva no Archivo do Cabido, e por elle se vê que o Reverendo Administrador Ecclesiastico pedio ao Governador geral em 15 de Setembro de 1628, que visto ter nomeado ao Reverendo João Pimentel para vigario da Igreja Matriz de S. Sebastião, o propozesse em nome de S. Magestade em virtude do Alvará de 21 de Setembro de 1625, para confirmar na igreja da qual foi ultimo e immediato possuidor o Reverendo Martim Fernandes.

Continuou collada até a creação da Sé de cujo tempo por diante ficou sendo o Curato de natureza amovivel; ultimamente se creou de novo de natureza collativa pelo Alvará de 30 de Maio de 1753, e Decreto de Sua Magestade da mesma data, tendo servido desde a creação da Sé os seus Parochos com o titulo de Curas; e nesta epoca se creou tambem na mesma Sé a nova cadeira de Conegos Curas, e della tomou posse seu primeiro conego cura o Reverendo Antonio José Malheiros no dia 19 de Agosto desse mesmo anno.

Creada a Prelatura nesta cidade pelo Breve do SS. Padre Gregorio 13, como fica dito foi o 1.° eleito.

O Reverendo Dr. Bartholomeu Simões Pereira, Presbytero do habito de S. Pedro

Os odios ecclesiasticos do povo, que não soffria reprehensão de seus vicios, nem se sujeitava á obediencia da igreja e ao temor de Deos, forão os motivos de se retirar este Prelado para a capital do Espirito Santo pertencente á sua jurisdição, onde acabou a vida com suspeitas de envenenado.

O dia da sua posse, e fallecimento não consta por faltarem os documentos; porém é certo que em o 1.° dia de Julho de 1591, ainda existia, porque no dito dia passou uma procissão a favor do Provedor, e mais Irmãos da Misericordia para que o Vigario da Parochia se não intrometesse nas suas eleições (Archivo da Santa Casa).

O Reverendo Dr. João da Costa, Presbytero do habito de S. Pedro.

Succedeo ao 1.° não só na Dignidade, mas na fortuna. Estando em S. Paulo, depois de duplicados desgostos, com que o maltratavão, de correrem até delle para o injuriarem, deu fim á carreira da sua justificada e innocente vida.

O Reverendo Dr. Matheus da Costa Aborim, Presbytero do habito de S. Pedro.

Foi nomeado por provisão d'El-Rei D. Filipe 3.° de 20 de Julho de 1606. Tomou posse deste cargo em o dia 2 de Outubro de 1607. Falleceo em Fevereiro de 1629, e foi sepultado na Capellinha do Santissimo Sacramento da Igreja de São Sebastião na mesma Sepultura em que jazia seu grande e verdadeiro amigo o Reverendo Vigario que foi da mesma igreja, Martim Fernandes.

O Reverendo Dr. Fr. Maximo Pereira, Monge Benedictino.

Era nesse tempo 8.° ou 9.° Abbade do Mosteiro desta cidade. Por provisão dos Governadores do Bispado da Bahia, em nome do Ill.mo e Reverendissimo Bispo D. Miguel Pereira, passada aos 13 de Julho de 1629, tomou posse aos 13 de Setembro do mesmo anno. Desistindo do lugar pelas molestias com que se via opprimido, recolheu-se a Portugal em 24 de Setembro de 1630.

O Reverendo Dr. Pedro Homem Albernaz, Presbytero do habito de S. Pedro.

Por desistencia do seu antecessor occupando então os lugares de Provisor e Vigario geal desta cidade, ficou tambem exercendo a Jurisdição Prelaticia, até que por nomeação do Clero desta Cidade foi-lhe conferido legitimamente a Prelatura no dia 23 de Janeiro de 1630, e a servio até Setembro de 1633 por não poder por mais tempo tolerar as ignominias e desattenções com que actualmente o tratava o povo, porque não queria nomear para Vigario a hum tal clerigo chamado por alcunha o Arrevessa-toucinhos.

O Reverendo Dr. Lourenço de Mendonça, Presbytero do habito de S. Pedro.

Foi nomeado por El-Rei D. Filipe 4.° no anno de 1632. Tomou posse a 9 de Setembro de 1633, e com este lugar herdou as afrontas com que o tratou o povo desde os pri-

meiros dias da sua residencia, até que por malignidade e aleivosia o fizerão embarcar em hum desapparelhado barco, deixando o seu ultimo destino á providencia; mas por ultimo foi como preso, e remettido ao tribunal do Santo Officio por crimes, que não podia commetter; e ali mostrando-se innocente, foi mandado consultar por S. Magestade para o cargo de D. Prior do Convento de Aviz. Antes que se ausentasse (segundo parece no anno de 1637) nomeiou para lhe succeder e encher o seu lugar ao

Reverendo Dr. Pedro Homem Albernaz.

Segunda vez servio a Prelatura, na qual foi confirmado, e apresentado por El-Rei D. Filipe 4.°, em quanto a não provesse de propriedade, ou não mandasse o contrario, pela provisão de 2 de Setembro de 1639, na qual lhe concedeo a faculdade de poder substituir o mesmo cargo na pessoa, que lhe parecesse poder servir em sua ausencia, e impedimento que tivesse não podendo elle servir. Exerceo este cargo até succeder-lhe

O Reverendo Dr. Antonio de Marins Loureiro, Presbytero do habito de S. Pedro.

Por nomeação de 8 de Outubro de 1643, o ellegeo o Sr. Rei D. João 4.° para vir succeder assim na Prelatura como nos infortunios, que parece andavão annexos a este cargo, porque tomando posse a 28 de Junho de 1644, e passando-se a visitar os lugares da sua jurisdição em S. Paulo, lhe negarão a obediencia os seus moradores, unindo-se e conspirando-se contra a sua vida. E porque este malevolo intento lhe foi participado, procurando o refugio do convento de S. Francisco (apezar de o terem cercado com sentinellas) felizmente escapou do perigo, restituindo-se a esta cidade. Daqui proseguindo o seu destino em visita á capitania do Espirito Santo, o odio que em toda a parte o perseguia lhe administrou veneno na comida com o qual perdeo logo o juizo. Neste deploravel estado se embarcou para Portugal onde terminou os seus dias sem o menor remedio.

O Reverendo Dr. Manoel de Sousa e Almeida, Presbytero do habito de S. Pedro.

Por nomeação do Sr. Rei D. Affonso 6.° em provisão de 12 de Dezembro de 1658, tomou posse em 1659. Apezar da grande affabilidade, e prudencia de que éra dotado, não teve

o gosto de abrandar a rebeldia de homens facinorosos e malevolos, que o perseguirão na mesma casa da sua residencia, onde no maior silencio na noite de 5 de Março de 1668 o atacarão embocando-lhe uma peça de artilharia carregada com bala, e para que esta fizesse o seu devido effeito, quando elles já estivessem em segurança fóra da cidade (para onde logo se retirarão a fim de evitarem a suspeita, que delles poderia haver) pozerão uma pequena porção de corda acesa com a extremidade unida á escorva, e tendo-se consumido a dita corda ou murrão disparou a peça, empregando-se a bala na parede da casa do mesmo prelado, onde por muito tempo se conservou o signal sem com tudo receber o Prelado prejuizo mais notavel. Por este facto determinou retirar-se para Portugal onde morreo, virtuosamente tendo nomeado occupar e encher o seu lugar, antes da sua retirada ao

Reverendo Dr. Francisco da Silveira Dias, Presbytero do habito de S. Pedro.

Parecia que depois de tantos annos estaria o povo desta cidade menos malevolo para não molestar os seus Prelados com perseguições tão alheias da razão, e da justiça, mas o coração de Faraó ainda se achava endurecido para desistir das afrontas, que fazião o timbre das suas diabolicas heroicidades. Nesta critica situação tomou conta desta Prelazia o benemerito, e charitativo Vigario então da igreja de S. Sebastião; e apezar de seus honrados procedimentos não deixou de ser maculado por simoniaco, fazendo-o ter adquirido por dinheiro a occupação da thesouraria no lugar de Administrador, e Prelado que já servia no anno de 1671, foi confirmado por S. Magestade, mandando em seu alvará de 13 de Janeiro de 1681 que se lhe pagasse o que tinha vencido da terça parte do ordenado de Administrador como se lhe tinha feito mercê, e concedido pelo Tribunal da mesa da Consciencia e Ordens, e que dahi em diante fosse vencendo até que lhe chegasse successor; este esperava-se que fosse o Illustrissimo Bispo Dr. Fr. Manoel Pereira, nomeado e confirmado para primeiro Bispo desta Diocese novamente erecta; mas succedeo-lhe o Illustrissimo Bispo D. José de Barros e Alarcão. Creado e instituido o Cabido foi nomeado primeiro Deão, de cuja dignidade tomou posse no dia 29 de Abril de 1687.

Seguindo os exemplos dos seus maiores o Sr. Rei D. Pedro 2.º sendo Regente do Reino por seu Irmão o Sr. D. Affonso 6.º, e desejoso de que a fé Catholica cada vez mais se firmasse,

e augmentasse nas regiões ultramarinas, que os Portuguezes á custa de muitos trabalhos havião livrado das escuridades da idolatria, meditou estabelecer no Brasil varias cadeiras Episcopaes.

O Bispo da Bahia só não era sufficiente para cuidar e providenciar a mui dilatada região do Brasil, e conhecendo o dito Senhor a necessidade de melhor administração espiritual, cuidou pelos seus embaixadores em fazer dividir aquella dilatada Diocese, postulando ao Santissimo Padre Innocencio II a graça de erigir nesta cidade em Sé Episcopal a igreja matriz de S. Sebastião que lhe foi concedida em Bulla de 16 de Novembro de 1676. O primeiro que occupou esta cadeira foi

O Illustrissimo D. Fr. Manoel Pereira.

Era este da esclarecida Religião dos pregadores; e pela nomeação do Serenissimo Principe Regente o Sr. D. Pedro alcançou a confirmação do Santissimo Padre Innocencio 11 datada aos 16 de Novembro de 1676.

Depois de sagrado, voluntariamente renunciou o Bispado, ficando na mesma côrte, onde occupou os lugares de Secretario de estado, e de Deputado da junta dos tres estados. Falleceo aos 6 de Janeiro do anno de 1678, tendo de idade 63.

O Illustrissimo D. José de Barros Alarcão.

Por nomeação do mesmo Principe, foi confirmado pelo mesmo Santissimo Padre aos 19 de Agosto de 1680, e tomou posse da sua Diocese aos 13 de Julho de 1682. Tendo sido chamado á côrte no anno de 1689, seguio a sua derrota nesse anno ou no seguinte; e ali se demorou até recolher-se a esta cidade, onde chegou no dia 28 de Março de 1700. Falleceo aos 6 de Abril do mesmo anno, tendo de idade 66 annos, 4 mezes e 9 dias. Foi sepultado no Presbiterio do Mosteiro de S. Bento desta cidade como dispozera no seu testamento. Seus ossos forão trasladados no dia 31 de Agosto de 1702 para a igreja de Santa Iria de Sacavem, termo de Lisboa.

O Illustrissimo D. Francisco de S. Jeronimo.

Conego regular da congregação de S. João Evangelista, foi nomeado pelo mesmo Sr. D. Pedro 2.° em 10 de Dezembro de 1700, e confirmado pelo Santissimo Padre Clemente 11 em 20 de Agosto de 1701, tendo sido antes nomeado Bispo

para Macáo em 7 de Julho de 1685, que não aceitou. Depois de Sagrado em 27 de Dezembro do mesmo anno de 1701 no seu convento de Santo Eloy de Lisboa, chegou a esta cidade no dia 8 de Junho, e tomou posse no dia 11 do mesmo mez e anno de 1702.

Entre os seus primeiros cuidados na sua Diocese foi a demarcação deste Bispado pela parte do Sertão com o do Arcebispo da Bahia servindo-se para este fim da diligencia e actividade do Reverendo Gaspar Ribeiro Pereira, que executou esta commissão no anno de 1703, e passando por seu Visitador a Minas Geraes, ahi creou quarenta freguezias. Nesta cidade, e no monte chamado da Conceição, edificou á sua custa (por não bastarem oito mil cruzados, que S. Magestade lhe havia mandado dar) o Palacio em que residem os Excellentissimos Bispos.

A' sua virtude se deveo o socego em que se conservou, e converteo a excessiva desenvoltura dos facinorosos desta cidade, quando por ausencia do governador D. Fernando Martins Mascarenhas ficou a seu cargo o governo, felicidade, e segurança dos habitadores della.

A' sua benção se attribuirão todos os bons successos, como se vio no incendio causado por uma caldeira de alcatrão que ateando as enxarcias, e mais cordoalha do navio, em que elle vinha de Lisboa, não muito distante desta cidade, por sua intervenção instantaneamente terminou todo o incendio e livrou não só a Náo, mas os individuos da sua tripulação de se reduzirem á ultima aniquillação. Outro foi o monumento da virtude deste Prelado, quando pelas suas rogativas a Deos, livrou do ultimo paroxismo no seu palacio, a um enfermo, o qual depois de padecer por dilatado tempo, e não podendo achar remedio á sua enfermidade se não por meio da separação de uma perna, para cuja operação estava já disposto, e munido com os remedios da alma inteiramente se restituio, não precisando de outra medicina, que não fosse o — *Surge et ambula*.

Em memoria da victoria alcançada dos francezes em 19 de Setembro de 1710, pelo edital de 19 de Novembro do mesmo anno, instituio, e fez ser dia Santo e de guarda para todos os moradores, que vivem nesta cidade sómente o dia de S. Januario. A elle se deve a fundação do convento de N. Senhora da Conceição da Ajuda, rogando juntamente com a camara desta cidade a S. Magestade o seu consentimento, que lhe foi prestado a 19 de Fevereiro de 1705.

Muitas são as acções de virtude, charidade e pio zelo, com que este exemplar heroe da igreja se fez recommendavel

á posteridade, e por isso a sua memoria será sempre eterna nos fastos da igreja Fluminense.

Na idade de 83 annos, munido com os Santos Sacramentos, e tendo feito a protestação da Fé entre as lagrimas de seus saudosos subditos, que por dilatado tempo havião conhecido a sua sabedoria, e prudencia politica, amor da paz, amizade dos doutos, e paternal agasalho com que tratava a pobreza, entrou no suave somno da morte mundana, para dar principio á mais preciosa vida no dia 7 de Março de 1721. Ordenou o seu jazigo na capella de N. Senhora da Conceição do seu palacio Episcopal desta cidade, sobre cuja campa se lê o epitafio — *Sub tuum præsidium*.

O Illustrissimo D. Fr. Antonio de Guadalupe, Religioso Observante de S. Francisco da Provincia de Portugal.

Depois de formado na faculdade de direito Canonico, foi servir o lugar na villa de Trancoso, que lhe foi destinado pela judicatura; mas tocado de superior impulso abdicou o lugar, e o trocou pela religião dos Menores, onde viveo 22 annos, empregados quasi em continua Missão.

Neste exercicio o achou a nomeação do sempre memoravel, augusto e sabio Rei o Sr. D. João 3.° em 25 de Novembro de 1723.

Confirmada a nomeação pelo Santissimo Padre Benedicto 13 aos 9 dias das Calendas de Março (21 de Fevereiro) de 1725, foi sagrado em 13 de Maio do mesmo anno; e saindo de Lisboa no dia 2 de Junho, chegou a esta cidade no dia 2 de Agosto, e nesse mesmo dia tomou posse do Bispado por seu procurador o Reverendo Deão desta cidade Gaspar Gonsalves de Araujo.

A sua vigilancia na escolha dos sujeitos habeis para occuparem os lugares do estado clerical, se fez ver pelo conceito que merecerão todos os providos, bastando só para serem reputados merecedores, o serem ordenados, ou admittidos em seu tempo. Deste rectissimo procedimnto nascia conservar-se independente a authoridade da igreja, e de serem respeitadas com mais prompta observancia as suas determinações pastoraes nos lugares mais remotos do seu Bispado; por que a vara da sua jurisdição tanto feria ao perto como ao longe.

Pelos Parochos das freguezias do reconcavo procurou ter a mais importante noticia de pessoas orfãs, viuvas e necessitadas do seu Bispado, para lhes assistir com avultadas esmolas, que por mão dos mesmos Parochos corria, para lhas

distribuir diariamente. Com igual profusão olhou para os Templos, como se vio nos preciosos donativos. que fez á sua Cathedral, na fundação da igreja de S. Pedro desta cidade, lançando-lhe a primeira pedra no anno de 1732; na obra do Aljube, que tambem fundou; no util edificio do seminario de S. José, que estabeleceo; na proveitosa fabrica do Collegio dos Meninos Orfãos, que levantou; e finalmente n'outras muitas acções, que a outras muitas partes o levava o seu incansavel e vigilante zelo.

Esquecido da aspereza dos caminhos, e dos graves incommodos, que erão inseparaveis da jornada, que se deliberou fazer, passou pessoalmente a visitar as Minas Geraes.

Por Bulla do Santissimo Padre Clemente 12, em data de 8 de Março de 1738, foi nomeado visitador Apostolico, e reformador desta provincia da Conceição dos religiosos de S. Francisco. A sua reforma foi de tal qualidade, que ainda hoje se conserva no seu primeiro estado, e he observada sem a menor mudança essencial.

Por elle forão dados os estatutos á Sé Cathedral desta cidade em execução á carta de S. Magestade de 20 de Outubro de 1733 em carta de visitação de 21 de Setembro de 1736.

Quando mais apreciava a residencia do seu Bispado, então o destinou o Fidelissimo Rei o Sr. D. João 5.° para o de Vizeu, aos 12 de Fevereiro de 1740; e saindo desta cidade aos 25 de Maio, chegou a Lisboa aos 26 de Agosto do mesmo anno; mas a cruel, e continua saudade que padecia, pela forçada separação da sua esposa, além das molestias que o opprimião, tão vivamente lhe penetrarão o coração, que por isso se lhe conhecerão evidentissimos signaes da pouca duração da sua vida.

Chegado á côrte, em poucos dias armado com os Sacramentos da igreja para a batalha da morte, na companhia dos seus amados e religiosos irmãos do Convento de S. Francisco de Lisboa, na idade de 68 annos, e de governo deste Bispado 15 e 29 dias entregou nas mãos do seu Creador a sua preciosa vida no dia 31 de Agosto do mesmo anno de 1740. Seu corpo ficando flexivel aquellas horas, que forão necessarias para o exame das suas esclarecidas virtudes, e com demonstrações de predestinado, foi entregue á sepultura claustral do seu Convento como havia disposto em seu testamento, onde jaz em eterno e saudoso silencio.

Foi vigilante, laborioso, e resoluto nas suas determinações, desinteressado e muito cuidadoso em satisfazer a todas as obrigações do seu cargo.

O Illm. D. Fr. João da Cruz, Carmelita descalço da Provincia de Lisboa.

Sendo eleito para succeder ao Illm. D. Fr. Antonio de Guadalupe, chegou a esta cidade no dia 3 de maio do anno de 1741, e tomou posse do Bispado no dia 4 immediato por seu procurador o Rev. Deão Gaspar Gonsalves de Araujo.

Levado das obrigações pastoraes passou ás Minas para as visitar e ahi não sendo bem agasalhado pelo povo, a instrucções do corregedor ou ouvidor, que então occupava o lugar da judicatura naquella capitania, não deixou este prelado de soffrer notaveis desgostos; mas pondo na Real presença de Sua Magestade as ignominias, e pouco respeito com que fôra tratado e a causa primaria ordida pelo desarrazoado e intrigante ministro, teve a satisfação que lhe deu o mesmo Soberano, de ver conduzido em prisão até á côrte, o instrumento principal das ignominias, que então soffreu.

Nomeado para occupar a cadeira episcopal de Miranda, retirou-se desta cidade no fim do anno de 1745 ou principio de 1746, e passando-se para o seu novo bispado, ahi finalizou seus dias, parece que no anno de 1756.

O Exm. e Rvm. D. Fr. Antonio do Desterro, Monge Benedictino.

Nomeado para occupar a cadeira episcopal do Reino de Angola, e confirmada a nomeação pelo Santo Padre Clemente 12 se sagrou na Basilica Patriachal em 25 de Janeiro de 1739.

Embarcado para Angola, veio a esta cidade no mez de Março de 1740, e seguindo a sua derrota, chegou á cidade de S. Paulo de Loanda a 10 de Agosto, e a 15 tomou posse do seu bispado, sendo o decimo setimo prelado daquella diocese.

Tendo governado ali com edifficação, e exemplo pelo espaço de seis annos um mez e tantos dias, foi nomeado por Sua Magestade para succeder ao Illm. D. Fr. João da Cruz, e confirmada a nomeação pela santidade de Benedicto 14, aos 15 de Dezembro de 1745, se trasladou para esta cidade onde chegou no dia 1° de Dezembro de 1746; e feita a protestação da fé no dia 5, àos 11 do dito mez mandou tomar posse do bispado pelo reverendo conego doutoral, o

Dr. Henrique Moreira de Carvalho; fazendo a sua publica entrada no dia 1° de Janeio do seguinte anno de 1747.

Summamente vigilante sobre o bem espiritual, e temporal dos seus subditos, procurou providenciar quanto foi possivel umas e outras necessidades. amigo e conservador da paz, nada omittio para obstar a toda a desordem, fazendo que as suas decisões fossem respeitadas.

Quanto pôde procurou preservar. e defender os lugares dedicados a Deos para o seu culto, e de qualquer irreverencia e profanidade.

Attendendo ao bem commum da republica, e zelo do cumprimento das obrigações de cada um dos seus subditos. procurou pelos meios competentes. que estes satisfizessem os seus officios, não só para comsigo. mas para cada um dos outros.

Querendo desterrar abusos, ritos gentilicos e supersticiosos, introduzidos nas acções pias e santas. e obstar igualmente as demonstrações de inhumanidade com que uns tratavão aos outros seus semelhantes, procurou pelas suas repetidas providencias pastoraes vedar procedimentos injuriosos á mesma religião.

No zelo do culto divino foi singular, fazendo crescer e multiplicar, instituindo em todas as quaresmas o Lausperenne por todas as igrejas da cidade. concorrendo elle com avultadas esmolas de cera para as que erão pobres e necessitadas.

As casas de familias a quem soccorria com liberalidade, as donzelas a quem sustentava e vestia. as viuvas que experimentavão a diminuição das suas necessidades pelo beneficio que recebião da sua vigilante mão. fizerão ser elle o modelo da caridade. o pai dos pobres. e o redemptor da pobreza.

Na prudencia foi notavel: com generosidade sabia premiar os benemeritos: no castigar os delinquentes sempre pareceo que era pai e não juiz.

Finalisou com universal contentamento a obra do convento de Nossa Senhora da Conceição d'Ajuda. intentada já desde o anno de 1704, e deu principio ao exercicio da clausura.

Os seminarios, os recolhimentos, as capellas e igrejas Matrizes se multiplicarão com o seu desvélo em toda a extensão da sua diocese. Então mesmo se multiplicarão os bispados de Mariana e S. Paulo divididos deste.

No interior do mosteiro de S. Bento, mandou edificar um Sanctuario á sua custa no anno de 1760, para deixar na sua Religião o melhor padrão para sua memoria; constituindo-lhe o patrimonio de tres mil cruzados em tres moradas de casas com a pequena pensão de uma missa pela sua alma, e de uma esmola a tres pobres no dia do Desterro da Senhora.

A' sua cathedral para a qual sempre olhou com piedosa attenção, fez varias doações e applicações de dinheiros; por ultimo repartia com ella, por sua morte os seus bens instituindo-a por sua universal herdeira e a fabrica della.

Governou esta cidade por fallecimento do general Conde de Bobadella, e neste tempo forão as suas providencias tão acertadas ainda a respeito da guerra que continuava, que se houve este povo com total satisfação dellas.

Logo que se despojou do governo desta capitania, entregando-o ao novo Vice-Rei deste estado, principiou a tratar com maior fervor da salvação da sua alma; e conhecendo a propinquidade da sua morte depois de recebidos os ultimos Sacramentos, resignado e conforme á vontade de Deos rendeo a vida entregando nas mãos do mesmo Senhor o seu espirito, aos 5 de Dezembro de 1773, tendo de idade 79 annos 5 mezes e 22 dias, e de bispo 35.

Seu sagrado corpo foi levado á sepultura claustral da sua religião Benedictina (como havia pedido em seu testamento), e ali jaz com eterna saudade de toda esta cidade.

A todas as honras funeraes assistio o Illm. e Exm. Marquez do Lavradio, Vice-Rei deste Estado com todos os ministros, militares da sua côrte, pessoas nobres desta cidade, e o Exm. Conde de Valadares então chegado do seu Governo de Minas Geraes.

O Exm. e Rvm. D. Vicente da Gama Leal.

Bispo eleito coadjutor, e futuro successor deste bispado presbitero do habito de S. Pedro. Por motivo das molestias e peso de annos, que padecia o Exm. e Rvm. D. Antonio do Desterro, requerendo ao Sr. Rei D. José I a necessidade de um coadjutor que o alliviasse do peso do regimen desta diocese, foi nomeado este prelado no anno de 1755 e confirmado aos 14 das Kalendas de Agosto (19 de Julho) de 1756 com o titulo de bispo de Hetalonia.

Não chegou a vir para este bispado por ser Sua Magestade servido conferir-lhe o lugar de Deão da Real Capella de Villa Viçosa, que ficou occupando até a sua morte, cujo dia se ignora.

O Exm. e Rvm. Sr. D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco.

Nomeado para coadjutor e futuro successor deste bispado, no dia 15 de Janeiro de 1773, tendo de idade 42 annos, foi confirmado pelo Santissimo Padre Clemente 14 aos 23 de Dezembro do mesmo anno de 1773, e sagrado em Lisboa aos 30 de Janeiro de 1774, com o titulo da Igreja Tipassitanense, ou Tipassa, conservando por especial graça de Sua Santidade o lugar de Deão desta Sé que antes occupava, emquanto durasse a sua coadjutoria.

Embarcado no dia 21 de Fevereiro de 1774, chegou a esta cidade no dia 16 de Abril do mesmo anno. No dia 29 do dito mez feita a protestação da fé, tomou posse deste bispado como legitimo Bispo delle, por ter já então fallecido seu Exm. antecessor, por ser procurador o reverendo Conego Doutoral Paulo Mascarenhas Coutinho, e fez a sua solemne entrada no dia 28 do mez de Maio.

Entrando no exercicio do seu ministerio, e desejoso de apascentar saudavelmente, ou ministrar o pasto são e livre de toda a sisania, pela sua pastoral de 11 de Março de 1775, chamou a todo o clero secular e regular, para os exames de theologia Moral, e para que nesta sciencia ficassem instruidos os que se destinão a seguir o estado ecclesiastico, instituio conferencias, que por ultimo estabeleceo no Seminario de S. José, debaixo de providencias dadas pela sua pastoral de 24 de Março de 1781, estabelecendo depois no mesmo seminario aos 21 de Julho de 1788 os estudos de filosofia, e de rhetorica, geographia, cosmologia e Historia Ecclesiastica.

Deu clausura ao novo convento de Santa Teresa no dia 15 de Junho de 1780 e no dia 16 seguinte presidio ao respeitavel acto da publica entrada das novas candidatas, que professarão as mais velhas, no dia 23 de Janeiro de 1781.

Por Breve do Nuncio Apostolico dos Reinos de Portugal Vicente Ranuzzi, expedido em Lisboa no dia 27 de Julho de 1784, foi nomeado Visitador Geral e reformador Apostolico dos religiosos do Carmo desta provincia, de cujo lugar tomou posse aos 16 de Fevereiro de 1785, e ainda existe no mesmo emprego.

Conserva-se neste presente anno regendo o seu Bispado, que o conserva por notorios annos. A Igreja Matriz de S. Sebastião, depois de elevada á dignidade de Sé Cathedral e creados os Capitulares de que se devia compôr o Romano Cabido della, forão creadas pelo Sr. Rey D. João 5° (como

se vê do seu Alvará de 19 d'Outubro d'1733) mais tres Conezias de Prebenda inteira, qualificadas com os titulos de Doutoral, Magistral, e Penitenciario; e assim mais duas Conezias de meia prebenda, e quatro Capellanias.

No anno de 1733 por Alvará de 30 de Maio foi creado o Curato da Sé de natureza collativa, como fica dito; e finalmente no anno de 1750 por Alvará de 9 de Dezembro, foi S. Magestade servido crear mais uma Conezia Parochial, a qual andaria sempre annexa ao Curato da Sé; mas só com a Congrua, que já estava a este concedida, na qual Conezia, por carta de apresentação de 11 do dito mez e anno houve por bem apresentar ao Reverendo Antonio José Malheiros, que já era Cura Collado da mesma Sé; e á dita Conezia se deu a natureza de Prebenda inteira, com assento no lugar, como as mais Prebendas inteiras, pela Carta do Exm. e Rvm. Bispo D. Fr. Antonio do Desterro dirigida ao Romano Cabido na data de 19 de Novembro de 1759.

Primeiros providos nos Canônicatos:

Deão, o Reverendo Dr. Francisco da Silveira Dias.
Chantre, Dr. João Pimenta de Carvalho.
Thesoureiro-mór, Dr. Clemente Martins de Mattos.
Mestre-Escola, Filippe de Barros Neves.
Arcediago, Dr. Manoel Lourenço da Fonseca.

Primeiros Conegos de Prebenda inteira:

Os Reverendos:

Amaro Pinheiro.
Antonio Dias.
Manoel da Costa Escobar.
Gaspar Ribeiro Pereira.
João da Veiga Coutinho.
Gregorio Caldeira de Mello.
Doutoral, Dr. Henrique Moreira de Carvalho.
Magistral, Manoel de Pinho Cardido.
Penitenciario, Domingos Lopes Antunes.
Conego Cura, Antonio José Malheiros.

Conegos de Meia Prebenda:

Os Reverendos:

Jorge Lourenço da Silva.
Melchior Pinto de Abreu.
Ignacio de Oliveira Vargas.
Antonio de Barros Cavalcante.

Os primeiros Conegos que começarão a residir e derão principio a louvar a Deos na Santa Sé deste Bispado, cumprindo com as obrigações do Côro, forão o Reverendo Chantre Dr. João Pimenta de Carvalho, o Reverendo Mestre Escola Filippe de Barros Neves; o Reverendo Arcediago Manoel Lourenço de Carvalho, e os Reverendos Conegos de Prebenda inteira, Amaro Pinheiro, Antonio Dias, Manoel da Costa Escobar, e Gaspar Ribeiro Pereira, em 15 de Setembro de 1686, e todos continuarão indefectivelmente a sua residencia amara de seis mezes até 15 de Março de 1687, em que a concluirão. Os mais Capitulares forão successivamente dando principio a residir, cumprindo igualmente com as obrigações do Côro.

Conservou-se o Reverendo Cabido na Sé Cathedral de S. Sebastião até o anno de 1734, no qual, a 23 de Fevereiro em virtude do Alvará do Sr. Rey D. João 5º de 30 de Setembro de 1733, se mudou para a Igreja da Cruz. Parece que esta mudança, ou trasladação do Cabido da Igreja de S. Sebastião para a da Cruz, foi por duvidas que se offerecerão entre os Capitulares, e os officiaes do Senado da Camara, e não se praticou com muita decencia, mas acceleradamente, levando-se a Imagem de S. Sebastião de uma para outra Igreja de noite, e como furtivamente, de sorte que chegou o Governador desta Capitania a dar conta a S. Magestade do facto e tambem o Senado da Camara, de que resultou a Provisão Regia de 14 de Dezembro de 1734, na qual mandou S. Magestade estranhar aos Capitulares, que concorrerão para a extracção da Imagem do Santo, fazer-se por semelhante modo. Com a dita mudança para que se não perdesse de todo a memoria daquella antiga Cathedral de S. Sebastião, mandou S. Magestade pelo dito Alvará de 30 de Setembro de 1733, que se conservasse sempre nella um Capellão, o qual seria obrigado a celebrar missa no altar mór, todos os dias por si, ou por outrem, tendo qualquer impedimento ainda de doença, pelas almas dos Srs. Reis de Portugal, dando-lhe para esse fim a congrua, que o mesmo Sr. fosse servido consignar, como tambem para a fabrica da dita Igreja, e no dia 27 de Janeiro de cada um anno, em que se celebra o oitavario do mesmo Santo, seria obrigado todo o Cabido, Clero, assim Seculares como Regulares a fazer uma procissão solemne á dita antiga igreja e cantar nella missa depois de se haver cantado a conventual, e mais officios divinos na nova Cathedral com a devida solemnidade, sem que esta se diminuisse por se haver de cantar outra missa na igreja antiga, ficando nesta fórma transfe-

rida para o dia 27 de Janeiro a procissão, que ja era costume fazer-se no dia de S. Sebastião; havendo S. Magestade por muito recommendado ao Excellentissimo e Reverendissimo Prelado, e Cabido que a manhã ou dia todo da procissão fosse de guarda.

Até o anno de 1757 inclusive se praticou esta acção de manhã conforme a ordem de S. Magestade, mas no seguinte anno de 1758, considerando-se os grandes incommodos, que se seguião de fazer-se a procissão de manhã por ser o mez de Janeiro o de maior rigor do verão neste paiz, e as horas das 11 para o meio dia em que se praticava, serem as de maior intensão de calor, vindo por esta razão a fazer-se este acto com menos decencia; pareceo ao Reverendissimo Cabido que seria melhor fazer-se a procissão de tarde, no mesmo dia assignalado, dirigida á mesma antiga Cathedral, cantando-se nesta de manhã missa solemne com assistencia da parte dos Capitulares, que fizessem corpo do Cabido, e dos mais Ministros necessarios, e do Senado da Camara, sem se faltar, comtudo, aos officios divinos e missa conventual na nova Cathedral, como recommendou S. Magestade, e propondo-se esta materia ao Excellentissimo e Reverendissimo Prelado D. Fr. Antonio do Desterro, e ao Senado da Camara, convierão de boa vontade, e assim se entrou a praticar até o presente.

Na referida igreja da Cruz existio o Revmo. Cabido até o anno de 1737, no qual, na tarde do dia 1° de Agosto com licença, e approvação do Excellentissimo e Reverendissimo Prelado D. Fr. Antonio de Guadalupe, se passou processionalmente para a igreja de N. S. do Rosario dos pretos; fugindo á ruina que ameaçava aquelle Templo, a qual não deu lugar a poder recorrer-se antes a S. Magestade, o que logo depois fez o mesmo Excellentissimo Prelado, dando-lhe conta de todo este facto; e não obstante queixar-se a Irmandade dos pretos, sempre S. Magestade pela sua provisão de 3 de Outubro de 1739 houve por bem que em enquanto se não fazia nova Sé, se conservasse o Cabido na igreja de N. S. do Rosario; ordenando e recommendando novamente ao Excellentissimo Prelado fizesse eleição do sitio capaz para nelle se edificar nova Cathedral, sem ser na dita igreja dos pretos, para a qual se inclinavão os mesmos Prelados, o General Gomes Freire de Andrada, e o Brigadeiro José da Silva Paes na conferencia que em execução das reaes ordens (especialmente a Provisão de 5 de Agosto de 1738) tinhão feito em 20 de Fevereiro de 1739.

Nesta igreja de N. Senhora existe ainda hoje o Revmo. Cabido, e existirá, em quanto se não acabar a igreja chamada Sé nova, á qual por ordem do Senhor Rey D. João 5°, de 9 de Maio de 1747 se deu principio no anno de 1749, lançando-lhe a primeira pedra o Excellentissimo e Reverendissimo D. Fr. Antonio do Desterro em 20 de Janeiro, dia dedicado pela Santa Igreja á solemnidade do invicto Martyr S. Sebastião. De facto continuou a obra até pôr-se na altura de 20 covados mais ou menos; porém a urgente necessidade da divisão de limites da nossa Corôa com a de Castella pela parte do Sul (a que se encaminhou o General Gomes Freire de Andrada) fez converter a despesa da obra para aquella expedição, ficando por este modo sem continuação, e sem esperança de a ter tão cêdo.

Pelas discordias que tem havido entre a Irmandade do Rosario e os Conegos, se propozerão estes proximamente a factura de uma pequena obra sobre as pedras da dita Sé nova, onde com decencia podessem celebrar os Officios Divinos, e as mais funcções do seu Ministerio. De facto derão principio á dita obra para a qual contribuirão todos os capitulares, e capellães á proporção das suas congruas, além das esmolas que pedirão, e das applicações, que lhe mandou fazer o Excellentissimo e Reverendissimo Bispo, porém tendo-se-lhes acabado o dinheiro parou a obra, e ficão na diligencia dos meios para a sua conclusão. (*)

Estado presente da Sé Cathedral:

Prelado, o Exmo. e Rmo. Sr. Bispo D. José Joaquim Justinianno Mascarenhas Castelbranco. No seu Palacio.

Provisor e Vigario Geral, o Reverendo Dr. Francisco Gomes Villasboas. Ao aljube.

Promotor e procurador da Mitra, o Reverendo Dr. José Rodrigues de Carvalho. Rua do Senhor dos Passos.

Compõe-se o Reverendissimo Cabido da Sé Cathedral desta cidade de 19 Conegos a saber: 5 Dignidades, 10 Conegos de prebenda inteira entrando o Cura, e 4 de meia prebenda, os quaes pelos estatutos têm voto em Cabido, como os mais capitulares.

(*) E' o edificio do largo de S. Francisco de Paula, em que está hoje (1858) a Escola Militar.

Dignidades

Deão, o Reverendo Dr. Francisco Gomes Villasboas. Ao aljube.

Chantre, vago.

Thesoureiro-mór, o Reverendo Dr. Manoel Henriques Mayrink. Rua da Prainha.

Mestre Escola, o Reverendo José Coelho Peres. Rua dos Ferradores.

Arcediago, o Reverendo Miguel José de Azeredo Coutinho. Sucusarará.

Conegos de prebenda inteira:

O Reverendo Dr. José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo. Rua de S. Pedro.

O Reverendo Filippe Pinto da Cunha, rua do Ouvidor.

O Reverendo Manoel Bruno de Pina, na mesma.

Magistral, o Reverendo Dr. Joaquim Moreira Mascarenhas, no Seminario de S. José.

Doutoral, o Reverendo Dr. José Rodrigues de Carvalho, rua do Senhor dos Passos.

Cura, o Reverendo Dr. Antonio Rodrigues de Miranda, rua do Rozario.

Cura, o Reverendo Roque da Silva Moreira, rua do Alecrim.

Penitenciario, o Reverendo Dr. João Gonsalves, rua do Rosario.

Cadeiras vagas, 2.

Conegos de meia prebenda:

O Reverendo João de Figueiredo Xavier Coimbra, rua da Candelaria.

O Reverendo Joaquim José da Silva Ferreira, rua Mata Cavallos.

O Reverendo José Filippe da Silva, Arcenal.

Cadeira vaga, 1.

Beneficiados:

Sub-chantre, o Reverendo Antonio Marinho, rua do Aljube.

Mestre de ceremonias, o Reverendo Francisco da Cruz Soares, rua da Alfandega.

Sachristão mór, o Reverendo André Lopes de Carvalho, rua dos Latoeiros.

Sachristão menor, o Reverendo José Rodrigues Bastos Pereira, rua da Cadeia.

Capellães de Côro:

O Reverendo Francisco da Cruz Soares, rua da Alfandega.
O Reverendo André Lopes de Carvalho, rua dos Latoeiros.
O Reverendo Manoel Gomes dos Santos, na Ilha-Secca.
O Reverendo Thomaz Rodrigues Fortes, rua dos Ferradores.
O Reverendo Antonio Pedro Monteiro de Drumond, rua de S. José.
O Reverendo José Luiz de Oliveira, rua das Violas.
O Reverendo José Caetano, rua dos Ferradores.
O Reverendo João Rodrigues de Aguiar, Santa Rita.
O Reverendo Sebastião dos Reis Saraiva, Seminario de S. José.
O Reverendo Felix José, Seminario de S. Joaquim.
O Reverendo José Gomes Sardinha, rua da Alfandega.
O Reverendo Antonio Marinho, rua do Aljube.
Quatro meninos por turno do Seminario de S. Joaquim.
Mestre da Capella, o Reverendo José Mauricio Nunes Garcia, rua das Bellas Noites. (*)
Organista, o Reverendo José de Oliveira Amaral, detraz do Hospicio.
Porteiro da massa, Jacintho Peres, na Conceição.
Sineiro, Mathias Nunes da Silveira, na torre da Sé.

Mestres de ceremonias do Exmo. e Rvm. Bispo Diocesano:

O Reverendo Manoel dos Santos e Sousa, no palacio do Sr. Bispo.
O Reverendo Manoel da Graça e Sousa, no mesmo.
O Reverendo João Francisco Braga, rua Direita.

CAMARA ECCLESIASTICA

Provisor e Juiz dos casamentos e Genere, o Reverendo Dr. Francisco Gomes Villasboas, no Aljube.
Promotor e procurador da Mitra, o Reverendo Dr. José Rodrigues de Carvalho, rua do Senhor dos Passos.
Escrivão, o Reverendo Manoel dos Santos e Sousa.
Escrivão do Registro, Estevão José Coimbra, rua do Cano.

(*) Marrecas e hoje Barão do Ladario (1900). (V. Fazenda.)

Escripturario, Jacintho Ferreira da Silva, S. Joaquim.
Escripturario, Joaquim José Vianna, rua de S. Bento.
Escripturario, Luiz Mendes Gonzaga, rua Direita.
Contador, o Reverendo Manoel da Graça e Sousa.

JUIZO DO RESIDUO E CONTENCIOSO

Juiz, o Reverendo Dr. Francisco Gomes Villasboas, no Aljube.

Escrivão, Luiz de Abreu Fróes, rua dos Pescadores.

Solicitador, Luiz José de Abreu, na mesma.

Porteiro dos auditorios, Vicente de Pinna, rua da Prainha.

Contador, inquiridor e distribuidor, Luiz José de Vasconcellos, rua dos Pescadores.

Meirinho geral do Bispado, Antonio José da Costa Silva, rua de S. Pedro.

Escrivão do dito, João Manoel de Sousa Araujo, rua dos Ferradores.

Carcereiro, João da Costa Freitas, no Aljube.

FREGUEZIAS DA CIDADE, MOSTEIROS, CONVENTOS, RECOLHIMENTOS, SEMINARIOS E IGREJAS

FREGUEZIAS

Sé Cathedral

(Existe na Igreja de Nossa Senhora do Rosario dos Pretos por ordem do Sr. Rei D. João V desde o 1º de Agosto de 1737.)

Conego cura, o Reverendo Dr. Antonio Rodrigues de Miranda, rua do Rosario.

Coadjutor, o Reverendo Manoel Affonso Costa, rua do Ouvidor.

Dito pago pelo Cura, o Reverendo Antonio Teixeira de Sousa, Largo do Bom Jesus.

Candelaria

O fundador desta Igreja foi Antonio Martins da Palma, de nação hespanhola, natural de uma das ilhas Canarias chamada a Palma; o qual, navegando das Indias de Hespanha para a sua Patria, lhe sobreveio uma tempestade, que por muitas vezes se considerou perdido, vendo-se tão

proximo a uma restinga de pedras, e neste conflicto, implorando o soccorro da Senhora da Candelaria, prometteo erigir-lhe uma Igreja na primeira terra povoada onde aportasse. Livre daquelle perigo, continuava a sua derrota; porém o máo estado em que a tormenta tinha deixado a embarcação, lhe fez tomar o prudente accôrdo de arribar a esta Cidade, na qual se deixou ficar, estabelecendo-se com o cabedal que trazia, e cumprindo logo a promessa que havia feito.

No anno de 1639, com beneplacito de sua mulher Leonor Gonsalves, doou a dita Igreja á Santa Casa da Misericordia, com varias condições de suffragios por si, e a dita sua mulher. Aos 12 dias do mez de Setembro do dito anno, sendo Provedor da Misericordia Salvador Correia de Sá e Benevides, com unanime consenso dos Irmãos de mesa, cedeo a referida Igreja ao vigario João Manoel de Mello, o qual se obrigou a guardar e cumprir as condições declaradas na publica escriptura, que se lavrou na presença do dito vigario, e de toda a Mesa. Passados muitos annos forão abolidas as ditas condições, e só existe hoje a da casa que deve ter o Vigario para nella se guardarem as tumbas da Misericordia.

Por faltarem os principaes documentos, não posso fixar a época da creação desta Igreja em matriz, porém vendo-se os livros de baptismo da freguezia de S. Sebastião desta cidade, ahi se achará argumento para descobrir a approximação da sua creação; porque no livro segundo da dita freguezia, se achão alguns assentos de baptismo feitos pelo vigario João Pimentel, quando ao certo não consta que elle fosse vigario da freguezia de S. Sebastião, antes, pelo tempo em que se achão feitos aquelles baptismos, é muito certo servião de Vigarios outros sujeitos.

Em 30 de Setembro de 1628, em que foi feito o primeiro assento, era Vigario o Reverendo Francisco Gomes da Rocha; e este servio até os principios de 1629, e em todo o anno de 1629 servio o Reverendo Manoel Alves e dahi por diante o Reverendo Manoel da Nobrega. Logo não podia servir de Vigario o Reverendo João Pimentel por esses mesmos tempos nesta Igreja, e se elle era então Vigario não podia ser em outra Igreja que não fosse a da Candelaria; porque nenhuma havia nesse tempo além destas duas. A razão de se não achar memoria de seu nome e de seu successor, é pela falta de muitas folhas com que se achão os livros primeiros da freguezia da Candelaria.

Em consequencia desta exposição assignalamos a época da creação desta freguezia antes do anno de 1628, e della se deverá considerar primeiro Parocho o mesmo Reverendo João Pimentel, que parece não excedeo ao dito anno.

Vigario collado, o Reverendo Joaquim José da França, rua do Sabão.

Coadjutor, o Reverendo D. Alexandre Fidelis, rua de S. Pedro.

S. José

A Igreja de S. José foi fundada por Egas Moniz, o qual não a podendo conservar com a decencia precisa, convocou a doze devotos deste Santo para principiarem uma confraria, doando-lhes a dita Igreja na qual erigirão a irmandade que existe hoje, augmentando o templo, e todas aquellas cousas conducentes para a conservação delle, e da mesma confraria. Em 30 de Janeiro de 1751 foi esta Igreja erecta em freguezia por provimento de S. Magestade, de 9 de Janeiro de 1749.

Vigario collado, o Reverendo Ignacio Pinto, junto á freguezia.

Coadjutor, o Reverendo Antonio Rodrigues Estimado, rua da Cadeia.

Santa Rita

O fundador desta Igreja foi Manoel Nacentes Pinto, para a qual concorrerão com esmolas varios moradores desta cidade. Por provimento de S. Magestade de 9 de Janeiro de 1749, foi erecta em freguezia a 30 de Janeiro de 1751.

Vigario collado, o Reverendo Dr. Antonio José Correia.

Coadjutor, o Reverendo Manoel Antunes.

MOSTEIROS, CONVENTOS, RECOLHIMENTOS

Memoria da fundação do Mosteiro de S. Bento nesta cidade, extrahida do seu archivo

Os fundadores deste Mosteiro forão os Padres, Fr. Pedro Ferraz, e Fr. João Porcalho, vindos da Bahia em Outubro de 1589.

Por ordem do Governador Salvador Correia de Sá, o Velho, se recolherão em uma ermida de Nossa Senhora do

O', que nesse tempo estava onde hoje existe o convento do Carmo. Ali se detiverão pouco tempo os fundadores; porque em 25 de Março de 1590, Diogo de Brito de Lacerda lhes doou o terreno, que occupa o Mosteiro, cerca, horta, rua da Prainha até o morro da Conceição, e Aleixo Manoel o velho, que com beneplacito do dito Diogo de Brito de Lacerda, havia edificado em terras suas (no morro em que existe o Mosteiro) uma capella de Nossa Senhora da Conceição, a doou aos ditos Padres fundadores; e em 13 de Maio de 1596 o confirmou com sua mulher por escriptura com data á Fabrica, e mais bens, e como legado que se cumpre. Para a dita capella se mudarão os Padres e nella assistirão, dando principio á fundação do seu mosteiro. Pelos annos de 1602 a instancias de D. Francisco de Sousa, passando por esta cidade a promover o descobrimento de Minas, mudarão os Religiosos o titulo da Padroeira que era da Conceição, em Monserrate; collocando a Imagem da Senhora da Conceição em Altar collateral, onde se lhe dedicão os devidos cultos, em perpetua lembrança dos seus principios e cabal cumprimento da devoção dos primeiros doadores.

Prelados:

Provincial, Fr. Vicente de S. José.
D. Abbade, Fr. Luciano do Pilar.
Prior, Fr. João da Madre de Deus França.

Memoria da Fundação do convento de Nossa Senhora do Carmo desta cidade, extrahida do seu archivo

Em virtude das reaes ordens do Sr. Rei e Cardeal D. Henrique, expedio o Reverendissimo Padre Mestre Fr. Simão Coelho commissario geral na provincia do Carmo do Reino de Portugal, e o Reverendo Padre Fr. Pedro Vianna, com outros Religiosos para missionarem nestas conquistas do Brasil, concedendo-lhes juntamente por uma patente lavrada na cidade de Beja em 28 de Novembro de 1587, o poder fundar conventos, e estender a religião do Carmo por estas mesmas conquistas. De facto o dito Padre commissario Fr. Pedro Vianna, depois de ter fundado o convento do Carmo da villa de Santos, passou para esta cidade, e no anno de 1590 fundou este convento do Carmo em terras doadas, com uma capella de Nossa Senhora do O', pela camara. Fez-se esta fundação no reinado de Filippe 2° de Castella, quando injustamente empunhava o Sceptro Portu-

guez. Presentemente se acha esta religião sem os Prelados competentes, por existir ainda a refórma.

Prelados:

Reformador, o Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano.

Presidente, o Reverendo Padre Mestre Dr. Fr. João de Santa Teresa.

Memoria da fundação do convento de Santo Antonio, extrahida do seu archivo

A instancias dos Governadores e Camara desta cidade, mandou o Padre Custodio, Fr. Leonardo de Jesus que se achava no convento de Pernambuco, aos Padres Fr. Antonio dos Martires e Fr. Antonio das Chagas em 22 de Outubro de 1606, em quanto elle não vinha para dar principio a esta fundação.

Chegados estes dous religiosos, lhes destinarão para sua moradia o sitio de Santa Luzia, e ali estiverão até a chegada do Padre Custodio, que foi a 20 de Fevereiro de 1607, trazendo em sua companhia aos Padres Fr. Vicente do Salvador, Fr. Estevão dos Anjos, Fr. Francisco de S. Braz, e Fr. Francisco da Cruz, que se hospedarão na Santa Casa da Misericordia, onde se demorarão até o dia dos Prazeres, em que se passarão para a ermida de Santo Antonio nas casas de Fernando Affonso.

Não achando a proposito o Padre Custodio aquelle sitio de Santa Luzia, para fundação do novo convento, representou os inconvenientes que havião ao Governador, que era então Martim de Sá, e aos officiaes da Camara, os quaes de unanime consenso doarão aos Religiosos o monte em que existem, de cuja doação se passou uma escriptura publica, aos 9 dias do mez de Abril de 1607. Concluida e ratificada esta doação, cuidou logo o Padre Custodio com os seus Frades em pôr mãos á obra do novo convento, para o que fizerão primeiramente uma pequena Igreja com commodos para sua interina habitação ao pé da ladeira, e nella com toda a solemnidade se disse a primeira Missa no dia 4 de Outubro de 1607.

A 4 de Junho do seguinte anno de 1608, vespera de Corpus Christi se lançou a primeira pedra para a Igreja do novo convento de Santo Antonio, pelo administrador ecclesiastico Matheus da Costa Aborim, o Capitão Mór Governador desta cidade Affonso de Albuquerque, Martim de Sá seu antecessor, o Padre Reitor do collegio Pedro de Toledo,

e o Padre Martins Fernandes. Vigario da Igreja matriz de S. Sebastião.

Aos 7 de Fevereiro de 1615, se passarão os Religiosos para o seu novo convento, e logo no dia seguinte 8 do dito mez se disse a primeira Missa na Igreja nova, que ainda estava por acabar; e no dia de Nossa Senhora da Conceição 8 de Dezembro de 1616 se disse a primeira Missa na Capella mór da dita Igreja.

Prelados:

Provincial, Fr. Joaquim de Jesus Maria Brados.
Guardião, Fr. José Carlos de Jesus Maria do Desterro.

Memoria dos primeiros Religiosos Capuchinhos que vierão a esta cidade, e dos acontecimentos que houverão a seu respeito até a fundação do hospicio em que hoje existe, extrahida do seu archivo

A instancias do Sr. Rei D. João 4º vierão alguns Religiosos Capuchinhos Francezes para varias partes do Brasil encarregados da conversão dos Indios. Destes Religiosos passarão dous para esta cidade no anno de 1659, aos quaes se destinou a capella da Conceição hoje pertencente ao palacio dos Exms. Prelados, para sua residencia. Passados alguns annos chegarão mais cinco Religiosos tambem Francezes, os quaes com os que já existião se forão empregando por estes sertões na reducção dos Gentios, por cujo motivo no anno de 1681 se lhes deu por ordem de Sua Magestade, 80$000 rs. para adiantamento das aldeias que tinhão formado para os Indios já cathequisados.

Neste e em outros semelhantes exercicios se occupavão, quando Sua Magestade prohibio a vinda de Religiosos estrangeiros para as conquistas do Brasil, permittindo tambem a retirada áquelles que quizessem hir para a Europa. Com este motivo se retirarão uns a tempo que outros já erão mortos, de fórma que em 1701 só existia Fr. Matheus que no mesmo anno se recolheo á sua provincia.

Em 1720 sahirão de Lisboa dous Religiosos desta mesma Ordem para a Ilha de S. Thomé, e, não podendo a embarcação tomar aquelle porto, vierão a esta cidade sendo então Governador della Ayres de Saldanha, que os fez hospedar na antiga Conceição, persuadindo-os que ficassem nesta cidade como ficarão.

Naquelle sitio existirão até o anno de 1725 por ordem de Sua Magestade, porém tendo chegado o Illmo. Bispo

D. Fr. Antonio de Guadalupe, e recolhendo-se ao seu palacio da Conceição, se retirarão os ditos Religiosos para o Hospicio (hoje dos homens pardos libertos) que nesse tempo era uma pequena Igreja, fundada pelos Terceiros de S. Francisco, quando por justos motivos se separarão dos Frades de Santo Antonio.

Pouco tempo se demorarão neste lugar por causa da má accommodação que havia, e representando isto mesmo ao Governador e ao Prelado, os mandarão recolher á Igreja de Nossa Senhora do Desterro, até que finalmente mandou Sua Magestade o Sr. Rei D. João 5° que á custa da sua Real Fazenda se fundasse um hospicio com os commodos precisos, e se entregasse aos Missionarios Capuchinhos para sua residencia.

Concluido o hospicio forão chamados o Prefeito e mais Religiosos, e na presença do General e governador Gomes Freire de Andrada, e das pessoas mais condecoradas desta cidade lhes foi dada a posse pelo Provedor da Fazenda Real no anno de 1742.

Prelados:

Prefeito, Fr. Victorio Campiasque.

Memoria da fundação do Hospicio de Jerusalem, extrahida do archivo do mesmo Hospicio

Por ordem do Sr. Rei D. João 5° dirigida ao General Gomes Freire de Andrada, se fundou o Hospicio de Jerusalem no dia 18 de Junho de 1735 para nelle se recolherem os Religiosos Leigos que se empregão nas esmolas para os Santos Lugares de Jerusalem, tanto os desta capitania como os de Minas Geraes, Goyaz, Cuyabá e Matto Grosso, quando são mandados de Portugal para as ditas capitanias e voltão dellas para o Reino.

O Religioso que assistio a esta fundação foi o Leigo Fr. Manoel de Santo Antonio.

Vice-Commissario actual, Fr. José Passos de Arêas.

Memoria da fundação do Convento das Freiras de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda, extrahida do seu Archivo

Até o tempo da fundação deste convento se conservou uma pequena Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, sita no principio da rua dos Barbonos, constando que forão das

primeiras que se erigirão nesta cidade, ignora-se o seu fundador, e o anno em que se deu principio a este pequeno edificio. Tambem consta que na éra de 1600 fôra reedificada, e que até certo tempo fôra a Santissima Virgem bem servida daquelles moradores, destinguindo-se entre elles os Christãos novos com os religiosos cultos que tributavão á Senhora, e com um solemne Jubileu que alcançárão de Roma, com o qual chamavão á sua celebridade os povos circumvizinhos; porém, conhecendo-se depois a sua maldade, e que todos aquelles obsequios, erão dedicados particularmente a uma certa Maria de Judá, se diminuio aquelle antigo e frequente concurso.

O Illmo. D. Fr. João da Cruz, Bispo desta cidade naquelle tempo deu principio á fundação deste Convento da Ajuda para o qual já havia licença obtida pelo Illmo. Bispo D. Francisco de S. Jeronimo e Camara desta cidade. Com a vinda do Exmo. e Revm. Bispo D. Fr. Antonio do Desterro se demolio a referida Igreja de Nossa Senhora da Ajuda, continuando a factura do convento, ao qual deu o titulo de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda e juntamente as Imagens, com toda a fabrica da mesma Igreja. Tambem applicou para este convento um legado que José Serrão e Manoel do Rosario havião deixado a Nossa Senhora da Ajuda em terras onde hoje tem engenho de fazer assucar nos Campos de Goitacazes as mesmas Religiosas com a obrigação de se lhe mandar dizer uma Missa todos os Domingos e dias Santos no Altar de Nossa Senhora da Ajuda, e assim mais cincoenta e duas Missas por anno.

Concluida a obra do convento, vierão da Bahia quatro Religiosas de Santa Clara para insinuarem a fórma da observancia da regra, que principiou no dia 3 de Maio de 1750, e em que tiverão clausura e noviciado as novas candidatas.

Aos 28 de Maio de 1751 forão eleitas as Madres, que tinhão vindo da Bahia, Abbadeça a Madre Maria Leonor do Nascimento, Vigaria a Madre Catharina dos Anjos, Porteira mór a Madre Francisca Custodia das Chagas.

Preladas:

Abbadeça, a Madre Anna dos Querubins.
Vigaria, a Madre Helena Maria da Cruz.

Memoria da fundação da Igreja da Nossa Senhora do Desterro, na qual se fundou o convento das Freiras de Santa Teresa

No proprio lugar em que hoje vemos a fundação deste convento erigio Antonio Gomes do Desterro uma Igreja a Nossa Senhora do Desterro, doando-lhe as terras e escravos, que possuia naquelle monte para ser seu patrimonio.

Não se descobre o anno da sua fundação, e só acho que já existia no de 1629 pelo legado de 16$000 que lhe deixou por sua morte o Reverendo Dr. Matheus da Costa Aborim, Prelado Administrador Ecclesiastico desta capitania, tendo fallecido em Fevereiro do dito anno. Em o dia 24 de Junho de 1750 teve principio nesta Igreja a fundação do convento de Santa Teresa pela fórma seguinte.

Jacintha de S. José, e sua irmã Francisca de Jesus, naturaes desta cidade, tendo obtido as licenças necessarias, fundarão á sua custa no anno de 1742 a capella do Menino Deos, que ainda existe na rua de Mata-Cavallos, e uma casa na qual vivião com fórma regular. A estas duas mulheres se forão aggregando outras até o numero de doze; e como este genero de vida era o seu maior empenho e desejo, rogarão ao General e Governador desta capitania Gomes Freire de Andrada, as quizesse ajudar na fundação de um Convento em cuja clausura desejavão observar a regra de Santa Teresa. Não duvidou a esta supplica o animo pio do General, e tomando a si a factura do convento, o mandou erigir no proprio lugar, onde existia a antiga Igreja da Senhora do Desterro.

No dia 24 de Junho de 1750, se benzeo e lançou a primeira pedra para o novo edificio, assistindo a esta primeira acção as futuras Religiosas por particular obsequio ao seu bemfeitor que estava presente. A 24 de Junho do seguinte anno de 1751 se recolherão as futuras Religiosas ao novo convento, onde já havia sufficiente accommodação, e nelle forão regularmente vivendo até que chegou o Breve e regra de Santa Clara como as da Madre de Deos do Convento de Lisboa.

Com o motivo de não vir o dito Breve com a regra de Santa Teresa conforme desejavão e tinhão rogado, embarcou-se a Madre Jacintha occultamente para Lisboa, e, supplicando ao Sr. Rei D. José a sua pretenção, mandou o mesmo Senhor em Alvará de 27 de Setembro de 1755 expostular o Breve para Santa Teresa.

Com esta nova graça se recolheo a Madre Jacintha a esta cidade, trazendo o Breve expostulado, porém como todas as duvidas, e embaraços emanarão de quem devia cumprir: veio por isso a não ter execução. A este desgosto seguio-se passados alguns annos outro maior, que foi a morte do seu protector, acontecendo o mesmo á Madre Jacintha, no dia 2 de Outubro de 1768, sem conseguir o desejado fructo do seu trabalho.

Nesta inacção se conservarão as futuras Religiosas muitos annos, até que finalmente concluida a vida do Excellentissimo Prelado principiarão a viver como appetecião por especial graça da Augusta Rainha N. Senhora, confirmando-lhes a licença que El-Rei seu Pai lhes havia concedido, e juntamente do patrimonio que tem por Decreto de 11 de Outubro de 1777.

Tendo sahido as novas candidatas do Convento da Ajuda acompanhadas do Illm. e Rvm. Sr. Bispo, em fórma processional, se recolherão ao seu convento e nelle se lhes deu clausura no dia 15 de Junho de 1780, e no dia 16 vestirão canonicamente os habitos.

No dia 23 de Janeiro de 1781 professarão as que tinhão 20 annos de recolhimento. Ratificarão estas as suas profissões; e no dia 19 de Julho do dito anno professarão as outras. No dia 20 tomarão o véo, e nomearão Priora a Madre Maria da Encarnação, que até aquelle tempo as tinha regido desde o fallecimento da Madre Jacintha de S. José.

Preladas:

Priora, a Madre Maria de S. José.
Sub-Priora, a Madre Ignacia Catharina.

Memoria da fundação da Igreja e recolhimento de N. Senhora do Parto, extrahida do Sanctuario Mariano, Tom. 10, Liv. 1°, pag. 20

A Igreja de N. Senhora do Parto foi fundada na éra de 1653 por João Fernandes Mulato, natural da ilha da Madeira, e depois reedificada pelos clerigos quando nella existia a irmandade de S. Pedro.

No anno de 1752 deu principio á fundação do recolhimento o Exm. e Rvm. Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, no qual logo que houverão accommodações se recolherão algumas convertidas, conservando-se com vida regular até o anno de 1788, em que o Illm. e Exm. Sr. Luiz de Vas-

concellos e Sousa, Vice-Rei deste Estado, cheio de fervorosa devoção, se empenhou na grande obra da reedificação, e augmento deste edificio, o qual ainda não estava totalmente concluido, quando desgraçadamente foi reduzido a cinzas pelo incendio em que se abrazou no principio do dia 23 de Agosto de 1789, salvando-se a Imagem de N. Senhora e parte do novo Recolhimento. Na occasião daquelle conflicto se virão as illustres qualidades deste heróe, e as singulares virtudes de que era ornado o seu espirito nas promptas e acertadas providencias, que deu para a cautella e recato das recolhidas, que fez conduzir com toda a decencia para o hospital dos Terceiros de S. Francisco, cuidando ao mesmo tempo com incessante disvello, em atalhar, e extinguir o incendio, do qual ainda havião restos quando elle já distribuia as competentes ordens para a segunda e nova reedificação, a qual se propoz com duplicado empenho, concluindo-a no curto espaço de tres mezes e desesete dias que se completarão a 8 de Dezembro do mesmo anno de 1789.

Na tarde do mesmo dia foi o Exm. Sr. ao dito hospital, onde se achava com toda a decencia a Santissima Imagem da Senhora do Parto com as Recolhidas, e acompanhado das pessoas mais condecoradas desta cidade em fórma processional conduzio a Imagem da Senhora e as Recolhidas para a sua antiga morada, na qual se celebrarão no seguinte dia com muita grandeza os divinos cultos e religiosos festejos em acção de graças.

Regente, D. Joana Isabel.

Porteira, Justina Maria de Jesus.

Memoria da fundação do recolhimento instituido na casa da Misericordia para Meninas Orfãs pobres e Porcionistas

Em 15 de Outubro de 1739, se lançou a primeira pedra para a fundação deste recolhimento que estabelecerão os primeiros fundadores Marçal de Magalhães Lima, e o capitão Francisco dos Santos, concorrendo para esta obra pia com 52.000 cruzados, a saber 20 para a obra do recolhimento, e 32 para patrimonio de 15 orfãs de numero e sua regente que do seu rendimento se deverião sustentar.

Regente, Antonia Francisca da Conceição.

Mestra de costura, Anna Teresa.

Porteira, Anna Ignacia Xavier.

Administradores deste recolhimento:

Escrivão, João José Coelho.

Thesoureiro, Jeronimo Teixeira Lobo.
Procurador, João Alves da Cunha.

SEMINARIOS

PARA INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE QUE SE DEDICA AO ESTUDO ECCLESIASTICO

S. José

Foi instituido em 3 de Fevereiro de 1739 pelo Illm. Bispo desta Diocese D. Fr. Antonio de Guadalupe; e o Senhor Rei D. João 5°. por ordem de 27 de Outubro de 1735 lhe fez doação para seu patrimonio dos bens da capella de N. Senhora do Desterro, que por serem de capella vaga tinhão cahido na Corôa, dando-lhe mais os reditos que tivessem produzido os ditos bens desde que estavão na Corôa, para construcção do mesmo seminario, ficando este obrigado a mandar celebrar uma Missa todos os Sabbados de N. Senhora.

Superiores actuaes:

Reitor, o Conego Magistral Joaquim Maria Mascarenhas.
Vice-Reitor, o Reverendo Bento Cortez de Toledo.
Mestre de Filosofia, o Reverendo Fr. Antonio de Santa Ursula Rodovalho.
Mestre de Moral, o Reverendo João Francisco Braga.
Mestre de Grammatica, o Ordenando Florencio Alves de Macedo.

S. Joaquim

Foi instituido pelo Illm. D. Fr. Antonio de Guadalupe Bispo desta Diocese para instrucção de meninos orfãos, e pobres. Formou institutos á imitação do collegio de Orfãos do Porto com a clausula de que serião aqui admittidos por elles e seus successores, feitas as diligencias de genere para que só se admittão os de limpo sangue e geração, tendo mestres de grammatica latina, musica e cantochão para depois seguirem o estudo que lhes pedir a sua vocação. Para isto mandou o mesmo instituidor comprar um terreno contiguo á Igreja de S. Pedro, onde existirão os seminaristas por alguns annos, porém como pela sua pequenez vivião opprimidos, comprou-se este em que presentemente se achão, annexos á Igreja de S. Joaquim principiada aos 8

dias do mez de Agosto de 1758 por Manoel de Campos Dias com esmolas que adquirio.

Superiores actuaes:

Reitor, o Reverendo Bernardo Leite Pereira.
Vice-Reitor, o Reverendo Antonio Duarte Carneiro.
Mestre de Musica, o Reverendo José de Oliveira.
Mestre de Cantochão, o mesmo Reitor.

N. Senhora da Lapa

O fundador deste seminario foi o Reverendo Missionario Angelo de Siqueira. No anno de 1751 se lançou a primeira pedra para fundação da igreja e seminario no terreno que lhe doou o Capitão Antonio Rabello, e os devotos de N. Senhora concorrerão com esmolas para a factura de toda esta obra que se fez sem onus ou condição alguma.

Superiores actuaes:

Reitor, o Reverendo Henrique João Leite.
Vice-Reitor.
Mestre de Grammatica, João Baptista.

IGREJAS COM RENDIMENTOS CERTOS PARA NELLAS SE RESAREM AS HORAS CANONICAS

Candelaria

Manoel Pinto Duarte e sua mulher Antonia de Abreu, forão os instituidores deste côro no anno de 1724, doando 40.000 cruzados á irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia da Candelaria para na dita Igreja e capella do Santissimo se rezarem com mais solemnidade as horas canonicas de manhã e de tarde ficando ao arbitrio da dita irmandade a escolha e nomeação dos Sacerdotes Capellães para este exercicio; assim como tambem o ordenado que deverião ter conforme os seus empregos no dito côro; com obrigação porém de rezarem os ditos Capellães todos os dias de manhã e de tarde no mesmo côro um Memento cantado pelas almas delles doadores e de Antonio Duarte Velho primeiro marido da doadora, no dia de todos os Santos uma Missa cantada pelas almas dos mesmos doadores e do dito Antonio Duarte Velho. A estes instituidores se seguirão outros devotos, augmentando o numero dos Sa-

cerdotes para o mesmo exercicio que até hoje se contão 15 Capellães.

Presidente, o Reverendo Vigario Joaquim José de França.
Vigario do côro, o Reverendo Jeronimo Pereira Pina.
Sacristão mór, o Reverendo João Maciel de Araujo.

Mestre de ceremonias e Prioste, Reverendos:

Gervasio Machado.
João Correia da Silva.
Manoel Gonsalves de Carvalho.
Francisco Feliciano da Rocha.
Pedro Luiz de Mendonça.
Manoel Antonio de Sousa Netto.
Francisco Nascentes.
Felisberto Coelho da Silva.
Francisco Antonio de Oliveira.
Manoel Fernandes Leal.
Bernardino de Atahide.
1 dito vago.

S. Pedro dos Clerigos

O Côro de S. Pedro foi instituido por Manoel Vieira dos Santos assistente em Minas Geraes, dando 40.000 cruzados de que se lavrou escriptura aos 2 de Agosto de 1764, e por ella se determinou que fossem chamados seis Sacerdotes para dar principio e estabelecer o côro, e neste estado se conservou até o tempo em que o Conego Manoel Freire augmentou mais uma cadeira, com esmola que deu para isso em 1770, e Melchior Soares de Aguiar augmentou mais outra por sua morte em 1790 que todos fazem o numero de 8.

Capellães:

Presidente, o Reverendo Dr. Ignacio Rodrigues Portella.
Vigario do côro, o Reverendo Manoel de Barcellos.
Prioste, o Reverendo Placido Mendes Carneiro.

Mestre de ceremonias, os Reverendos:

Mathias Barbosa Ferreira.
Manoel Pinto.
Simão Sudré.

Minoristas:

José Ignacio.
José Xavier.

Misericordia

O Côro da Misercordia foi instituido em 22 de Fevereiro de 1704 por Ignacio de Andrade Souto Maior e Manoel Pinto dos Santos, os quaes derão em dinheiro e bens de raiz a quantia de 11:737$545 réis. A estes bemfeitores se seguirão mais sete, dando para o mesmo fim 3:208$330 réis, com a condição de haverem capellães; regulando-se o dito côro com a mesma fórma e regimento que se observa no côro da Sé desta cidade.

No fim de Completas são obrigados a cantar um Memento pela alma do instituidor Manoel Pinto dos Santos e a oração *Deus veniæ largitor* pelos mais instituidores, além das missas annuaes. Presentemente se diminuirão dous capellães, e existem onze.

Capellães:

Presidente, o Reverendo Manoel da Silva Campello.
Vigario do côro, o Reverendo Francisco de S. Anna Barros.
Mestre de ceremonias, o mesmo.
Prioste, o Reverendo José da Fonseca Escobar.

Os Reverendos:

Christovão Martins Pinheiro.
Anastacio Ferreira da Cruz.
João Antonio Campello.
Francisco de Paula Ferreira.
Francisco de Paula Bernardes.
Elias da Silva de Carvalho.
João Simões da Fonseca.

Moços do côro:

Domiciano Joaquim Ribeiro.
Rogerio Antonio.
Antonio do Bom Successo.
Joaquim Lopes Carneiro.
Porteiro da massa, José Ayrão.

Noticia da fundação da S. Casa da Misericordia, extrahida de algumas memorias do seu archivo

Como no archivo desta casa se não achão documentos, que mostrem decisivamente a época da sua fundação, citarei o requerimento que o Provedor, e mais irmãos fizerão a

Sua Magestade, e juntamente o Alvará pelo qual lhes forão concedidos os privilegios, e regalias da Casa da Misericordia de Lisboa, que sem embargo de não corresponder a data do dito Alvará ao do cumpra-se que teve nesta cidade, com tudo devo suppôr engano de quem o lavrou porque computando a era da fundação da cidade em 1567 com a do cumpra-se do Alvará em 1630, vem-se a conhecer que são (com pouca differença) os 60 annos da posse que allegão no requerimento, e daqui infiro que a criação desta casa principiou logo depois da fundação da cidade em 1568 ou em 1569, porque a differença que ha seria demora que teve o requerimento em ir a Lisbôa e voltar.

"Dizem o Provedor e Irmãos da Santa Casa da Misericordia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, partido do Brasil, que ha sessenta annos tem feito casa com seu hospital para enfermos, sachristia, palratorio, e é uma das boas da costa e a algumas faz vantagem notavel com sempre ter sua irmandade, guardando o compromisso, fazendo muitas esmolas, casando orfãs, e dando suas ordinarias todos os sabados, conforme a possibilidade da terra; e por quanto até agora não tem provisão para ser Misericordia. Pede a V. Magestade lhe mande passar provisão para que aquella casa possa gozar de todos os privilegios e graças, honras e liberdades que tem e gozão as casas desta cidade de Lisboa, e a da villa de Setubal, e as mais deste reino, e receberá mercê."

"Eu El-Rei Faço saber aos que este Alvará virem, que havendo respeito ao que na petição atrás escripta dizem o Provedor e Irmãos da Santa Misericordia da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro partes do Brasil, e vistas as causas que allegão, hei por bem e me praz que elles possão gozar e usar de todas as provisões e privilegios concedidos á Casa da Misericordia desta cidade de Lisboa, e isto naquellas cousas em que se lhes poderem applicar; e mando ás justiças a quem este alvará for mostrado, e o conhecimento pertencer o cumprão como nelle se contém, o qual hei por bem que valha como carta feita em meu nome por mim assignada sem embargo da ordenação do 2º L. tt. 40 em contrario, João Feyo o fez em Lisboa a 8 de Outubro de 1605. Duarte Correa o fez escrever. — Rei. Alvará porque V. Magestade ha por bem que o Provedor e Irmãos da Santa Misericordia da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro possão gozar e usar de todas as provisões e privilegios concedidos á Misericordia da cidade de Lisboa, e

aquellas cousas em que se lhes podem applicar. Para V. Magestade ver:

Cumpra-se esta provisão de S. Magestade assim como nella se contém. André Gauzão Menezes, Juiz dos Orfãos. — Cumpra-se como nella se contém. Rio de Janeiro, 13 de Agosto de 1630. Pedro Homem Albernaz. — Cumpra-se. Administrador. — Cumpra-se, o Provedor Duarte Correia Vasqueanes."

Estado presente da Irmandade da Misericordia

Provedor, o Illm. e Exm. Sr. Conde Vice-Rei.
Escrivão, o Tenente-Coronel José Caetano de Araujo.
Thesoureiro, João de Siqueira Costa.
Sacristão mór da casa, o Reverendo Pedro Luiz da Silva.
Mordomo nobre dos presos, o Brigadeiro José da Silva Santos.
Companheiro do dito, Francisco Xavier de Mattos.

IGREJAS QUE HA NESTA CIDADE

Santo Antonio, Convento de frades.
N. Senhora da Ajuda, Convento de freiras.
Santa Anna.
Bom Jesus do Calvario.
S. Bento, Mosteiro.
Carmo, Convento de frades.
Conceição do Bispo.
Conceição do Aljube.
Conceição do Conego, rua do Sabão.
Carmo, Ordem terceira.
Santa Cruz dos Militares.
Candelaria, Freguezia.
Collegio de Santo Ignacio, Castello.
S. Domingos, dos Pretos.
Santa Iphigenia, dos Pretos.
S. Francisco das Chagas, Ordem terceira.
S. Francisco de Paula, Ordem terceira.
S. Francisco da Prainha.
S. Gonçalo Garcia.
S. José, Freguezia.
N. Senhora da Gloria.
Hospicio de Jerusalem, Frades.
Hospicio dos Barbonos, Frades capuchos.
Hospicio da Conceição, rua do Rosario.

S. Joaquim, Seminario.
N. Senhora dos Mascates, Lapa.
N. Senhora da Lampadosa.
N. Senhora do Livramento.
N. Senhora da Lapa do Desterro, Seminario.
Santa Luzia.
Mãi dos Homens.
Menino Deos.
Misericordia.
Senhor dos Passos.
S. Pedro, clerigos.
N. Senhora do Parto, Recolhimento.
Santa Rita, Freguezia.
Rosario e Sé, Freguezia.
S. Sebastião, Sé velha.
N. Senhora da Saude.
Santa Teresa, Convento de freiras.

CONTRACTOS REAES

CONTRACTO DOS DIZIMOS

Antigamente todos os contractos, e impostos erão estabelecidos nesta cidade pela Camara, e por ella se fizerão as cobranças e administrações dos mesmos contractos até o anno de 1731, que por ordem de Sua Magestade passou esta administração para a Provedoria da Fazenda Real. Não se descobre documento algum por onde conste os annos em que os ditos contractos tiverão principio, e delles qual foi o primeiro que se estabeleceo, porém é sem duvida, que na era de 1592 já existião; porque por ordem de 10 de Abril do dito anno mandou Sua Magestade estabelecer nesta cidade a arrecadação e remessa de um por cento para a obra pia, tirado dos contractos dos rendimentos reaes desta capitania. L. 12 do Reg. geral da Provedoria a fl. 134.

No anno de 1640 foi executado o capitão Clemente Nogueira, pelo contractador Antonio Dias Garcia, para pagar os dizimos, que por ser professo na ordem de Christo duvidava satisfaze-los.

Administradores:

Antonio dos Santos.
Manoel Caetano Pinto.

CONTRACTO DO SAL

No anno de 1658 já existia, porque em carta de 19 de Janeiro do dito anno mandou Sua Magestade que se rematasse o dito contracto a Luiz de Pina de Caldas, por seis annos.

Administrador e caixa, Luiz Antonio Ferreira.
Escripturario e guarda-livros, José Pereira de Araujo.
Caixeiro, José Antonio Pinto da Motta.
Mestre da barca, Antonio de Sousa Resende.

CONTRACTO DA PESCA DAS BALEIAS

Já existia em 1681, porque por provisão de 18 de Novembro do dito anno mandou Sua Magestade que do rendimento deste contracto se pagassem as congruas do Bispo, e da Sé novamente erecta nesta cidade.

Administrador geral, o Capitão mór, João Marcos Vieira.
Guarda livros, João Antonio de Mira.

Caixeiros:

João Rodrigues da Costa.
Antonio José Pinto.
Manoel dos Santos de Oliveira Pinto.

Vendedores do estanque:

Francisco Manoel de Sousa.
Caetano José Rodrigues.

AULAS REGIAS, MEDICOS, CIRURGIÕES, ORDENS MILITARES

AULAS REGIAS

Por ordem de 12 de Novembro de 1772, mandou Sua Magestade estabelecer differentes aulas nesta capital, e em todas as villas subordinadas a ella para instrucção da mocidade, e em carta régia datada em 17 de Outubro de 1773, dirigida ao Exm. Marquez do Lavradio (então Vice-Rei deste estado) a ordem para a arrecadação do Subsidio Litterario, com o qual são pagos os mestres que vem nomeados da côrte.

Mestres:

De Filosofia, o Bacharel Agostinho Correia da Silva, serve por elle o Reverendo Luiz Gonsalves dos Santos.
De Rhetorica, o Bacharel Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.
De Grego, João Marques Pinto.

De Grammatica, o Reverendo Luiz Antonio de Sousa.
" João Manso Pereira, serve Manoel Felicio da Rocha.
" Vago.
De primeiras lettras, Manoel Ignacio Borges.
Manoel Ferreira.

MEDICOS:

Antonio Francisco Leal.
Estacio Gularte.
José Carlos de Moraes.
Manoel Joaquim Marrocos.
Vicente Gomes.
Julio Cesar Muzzi.
José Aidoado Estruque.
Jacintho José da Silva Medeiros.

CIRURGIÕES APPROVADOS:

1 José Joaquim de Almeida.
2 Bernardo José Tavares.
3 Ignacio Viegas Tourinho.
4 Luiz Alberto do Amaral.
5 Francisco de Sousa.
6 Jacintho Manoel de Sousa.
7 José Vicente da Silva.
8 Elias Correia de Mendonça.
9 Francisco Gomes.
10 Patricio Joaquim de Almeida.
11 João de Almeida.
12 Luiz de Santa Anna.
13 José Pastrano.
14 Antonio Rodrigues Lage.
15 José Fidelis.
16 Simão José de Araujo.
17 Eugenio Gonsalves de Almeida.
18 José Gonsalves.
19 Francisco Manoel Ferrão.
20 José Joaquim de Pinna.
21 Manoel Dias Serra Cavalheiro.
22 Francisco Mendes Ribeiro.
23 Mathias José Pinto Ozorio.
24 Alexandre José Tavares.

Ordens militares

Ordem de Christo.

Esta ordem foi instituida em Portugal reinando El-Rei D. Diniz no anno de 1313, depois de extincta a dos Templarios, cujas rendas lhe forão applicadas: Tem 21 villas e lugares e 454 commendas além de todos os dizimos das conquistas que pertencem ao Grão Mestre, dignidade que El-Rei D. João 3.º uniu á coroa, e se não verificou mais desde esse tempo em nenhum vassallo. O mesmo se deve entender das outras duas ordens, cuja administração e governo é igualmente reservado aos Soberanos do Reino de Portugal, que hoje trazem juntamente as insignias de todas as 3 ordens com fita de tres côres, e do mesmo modo o Principe do Brasil, como commendador das 3 ordens militares.

Militares professos:

O Capitão, D. José Pedro da Camara.

Ministros:

O Chanceler, Luiz Beltrão de Gouveia.
O Desembargador, José Soares Barbosa.
O Desembargador, José Antonio Freire.
O Juiz de Orfãos, Francisco Telles Barreto.

Officiaes Milicianos:

Os Coroneis:

Fernando Dias Paes Leme.
Manoel Alves da Fonseca Costa.
Joaquim José Ribeiro.
Bartholomeu José Bahia.
André Alves Pereira Vianna.

Os Tenentes Coroneis:

Antonio Nascentes Pinto.
Manoel Ribeiro Guimarães.
Pedro de Carvalho de Moraes.

Os Capitães:

Braz Carneiro Leão.
José Caetano Alves.
Antonio Gomes Barroso.
Claudio José Pereira.
Antonio Leite Pereira.

Joaquim Luiz Furtado.
Vicente José de Queiroz Coimbra.

Os Tenentes:

Francisco Antonio de Carvalho.
Bento Antonio Pereira.

Officiaes de Ordenança:

Os Sargentos móres:

Anacleto Elias da Fonseca.
José da Motta Pereira.

O Capitão:

Manoel Gomes Cardoso.

Os Capitães:

José Pereira Guimarães.
Luiz José Vianna Gorgel do Amaral.
José Antonio Lisboa.
Manoel Martins dos Santos Vianna.
Antonio dos Santos.
Joaquim José da Cruz Leitão.

Particulares:

O Dr. Francisco Carneiro Pinto de Almeida.
Manoel Carlos de Abreu Lima.
O Dr. Filipe Cordovil de Siqueira e Mello.
Manoel José Mendes Brandão.
Francisco Pinheiro Guimarães.
Sebastião Leite.
José Antonio Radamaque.

Ordem de S. Bento de Aviz.

Esta ordem é coéva da fundação da Monarchia, e a mais antiga de toda a Hespanha, mas não principiou a ser conhecida por este nome, senão desde que os cavalleiros della por determinação de El-Rei D. Affonso 2.º passarão de Evora a occupar o Castello de Aviz: teve primeiramente 18 villas e 49 commendas.

Militares professos:

O Brigadeiro, Gaspar José de Mattos Ferreira e Lucena.

O Intendente da Marinha, José Caetano de Lima.

Os Coroneis:

Paulo Martins.
Camillo Maia Tonnelet.

Os Tenentes Coroneis:

José Thomaz Brum.
Joaquim Xavier Curado.

Os Sargentos móres:

José Botelho de Lacerda.
Vicente Ferreira Portugal.
Caetano Pimentel do Vabo.

O Capitão, Antonio José Castriôto.

Ministros:

O Conselheiro, Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Ordem de S. Thiago da Espada

Esta ordem começou em Portugal, no reinado de D. Affonso 1°, e foi separada de Castella por El-Rei D. Diniz em 1290. Tem hoje em Portugal 47 villas e lugares, e 150 commendas.

Officiaes de Milicias e Ordenanças professos:

Os Capitães:

Manoel Luiz Ferreira.
Antonio Correia da Costa.

Particulares:

Pedro Henriques da Cunha.
O Dr. Bernardo Carneiro Pinto.
Jacintho Gomes Leão.
José Pinto da Silva.
Leandro.

Negociantes, lojas, embarcações, importação, engenhos

1 Amaro Velho da Silva e C.ª
2 D. Anna Maria de Sousa e C.ª
3 Antonio Gomes Barroso.
4 Antonio Botelho da Cunha.
5 Antonio dos Santos.
6 Antonio José Lopes de Araujo.
7 Antonio Luiz Fernandes.
8 Antonio Correia da Costa.
9 Antonio José da Costa Barbosa.

10 Antonio José Ferreira.
11 Antonio de Sousa Ribeiro.
12 Antonio Teixeira Pinto da Cruz.
13 Bento Antonio Moreira.
14 Bento Leite Bastos.
15 Bernardo Francisco de Brito.
16 Bernardo José Ferreira Rabello.
17 Bernardo Lourenço Vianna.
18 Bernardo Gomes Souto.
19 Braz Carneiro Leão.
20 Custodio Alves Guimarães.
21 Custodio Cardoso Fontes.
22 Custodio Moreira Maia.
23 Custodio Moreira Lirio.
24 Carlos José Moreira.
25 Caetano José de Almeida.
26 Constantino José da Motta.
27 Domingos José Ferreira.
28 Domingos Antonio Pereira.
29 Domingos Alves Ribeiro Guimarães.
30 Diogo de Castro.
31 Elias Antonio Lopes.
32 Felippe da Cunha Valle.
33 Francisco Alves de Britto.
34 Francisco Antonio de Carvalho.
35 Francisco d'Araujo Pereira.
36 Francisco da Cunha Pinheiro.
37 Francisco José Leite Guimarães.
38 Francisco Pinheiro Guimarães.
39 Francisco Xavier Pires.
40 Francisco Antonio da Costa.
41 Francisco Pereira de Mesquita.
42 Fernando de Oliveira Guimarães.
43 José Gonsalves Fontes.
44 João Lopes Baptista.
45 Jeronimo Teixeira Lobo.
46 João Alves da Cunha.
47 João Baptista Jacobina e C.ª
48 João de Siqueira da Costa.
49 João Francisco da Silva Sousa.
50 João Gomes Barroso.
51 João José Coelho.
52 José Caetano Alves.
53 José Correia de Paiva.

54 José Dias de Castro.
55 José Dias da Cruz e C.ª
56 José Gonsalves dos Santos.
57 José da Motta Pereira.
58 José Pereira Guimarães.
59 José Pereira de Sousa Caldas.
60 José Pinto Dias.
61 João Fernandes Vianna.
62 José Rodrigues Fragoso.
63 José da Silva Vieira.
64 Julião Martins da Costa.
65 João Teixeira de Carvalho e C.ª
66 João Francisco Pereira da Fonseca.
67 José da Cunha Barbosa.
68 Joaquim José Pereira do Faro.
69 Joaquim de Sousa Meirelles.
70 João Rodrigues Pereira de Almeida.
71 João Gomes Valle.
72 Luiz Antonio Ferreira.
73 Lourenço de Sousa Meirelles.
74 Luiz Monteiro da Silva.
75 D. Maria Cassimira.
76 Manoel Ferreira Codeço.
77 Manoel Bento Lopes.
78 Manoel Francisco Peixoto.
79 Manoel Gomes Cardoso.
80 Manoel Martins da Costa Passos.
81 Manoel de Oliveira Costa.
82 Manoel Rodrigues Bastos.
83 Manoel de Sousa Meirelles.
84 Manoel Mendes Salgado.
85 Manoel Gomes Pinto.
86 Manoel Caetano Pinto.
87 Manoel Francisco Pereira de Sá.
88 Manoel José da Costa Rego.
89 Manoel Jorge.
90 Narciso Luiz Alves Pereira.
91 Pantaleão Pereira de Azevedo.
92 Pedro Gomes Carneiro.
93 Pedro Carvalho de Moraes.
94 Roque da Costa Franco.
95 Thomaz Gonsalves.
96 Vicente José de Araujo Gomes.
97 Vicente José de Queiroz Coimbra.

LOJAS DE VAREJO E OFFICINAS QUE HA NESTA CIDADE

Lojas:

de varejo	134
de vidros e louça fina	9
de ouro lavrado	18
de prata	41
de ferragens	24
de relojoeiros	10
de alfaiates	85
de sapateiros	135
de funileiros e latoeiros	20
de entalhadores	12
de marcineiros	64
de ferreiros	11
de serralheiros	25
de caldeireiros	7
de segeiros	5
de cabelleireiros	20
de selleiros	34
de serigueiros	17
de correeiros	10
de livreiros	2
de tanoeiros	22
de ferradores	9
de penteeiros	4
de lapidarios	19
de formeiros e salteiros	3
de batefolhas	3
de violeiros	4
de tintureiros	15
de pintores	32
de cravadores	20
de torneiros	4
de torneiros de prata	2
de barbeiros	37
de casas de café	40
de pasto	17
Boticas	28
Tavernas	334
Estancos de Tabaco	35

NUMERO DAS EMBARCAÇÕES QUE ENTRARÃO NESTE PORTO NO ANNO PROXIMO PASSADO DE 1798

Portuguesas:

Náo	1
Fragatas	2
Brigue	1
Navios mercantes:	
de Lisboa	33
do Porto	16
da Figueira	3
de Vianna	3
do Fayal	2
de Moçambique	
de Angola.	10
de Benguella	12
de Pernambuco	11
da Bahia	19
do Rio Grande de S. Pedro . .	79
dos Campos Goitacazes	91
da Laguna	12
de Santos	23
de Santa Catharina	16
da Capitania	14
Sommão todas	346

Estrangeiras:

Inglezas	8
Suecas	1
Dinamarquezas	2
Hespanholas	16

MANTIMENTOS

Entrarão nesta cidade, vindos de barra fóra no anno proximo passado, além dos que se não pódem averiguar vindos de terra firme, e em barcos das roças para as differentes praias da cidade:

Caixas de Assucar 14.769, com arrobas . . .	714.583
Feixos de dito	946
Caras de dito	138

Pipas de vinho	6.848
Barricas de dito	679
Pipas de agua ardente do Reino	987
Barris de dita	51
Pipas de agua ardente da terra	3.547
Barricas de dita	47
Barris de dita	83
Pipas de azeite	77
Barris de dito.	46
Ancoretas de dito	11
Pipas de Vinagre	1.161
Barris de dito	28
Alqueires de arroz em casca	35.945
Saccas de dito descascado	3.600
Alqueires de trigo do Rio Grande	69.313
Ditos de feijão	8.304
Ditos de milho	2.851
Pipas de mellaço	14
Barris de dito	27
Cocos de comer	3.220
Arrobas de toucinho	38.432
Ditas de carne do Rio Grande	143.425
Ditas de Café	822
Sacos de dito	74
Alqueires de amendoim	189
Arrobas de peixe salgado	42.000
Barricas de bacalhao	438
Barris de manteiga do Reino	230
Queijos	
Arrobas de farinha de trigo	3.012
Ditas de sebo	3.200
Ancoretas de azeitona	8.029
Ditas de sardinha	2.000
Barris de paios	13
Duzias de ditos	1.899
Presuntos	
Barricas de ditos	22
Ditas de salpicões	2
Duzias de dito	60
Sacos de nozes	8
Rezes que se matarão no dito anno de 1798 .	13.572
Arrobas que produzirão	98.468
Porcos	187
Carneiros	123

Escravos vindos de Angola	3.609
Ditos de Benguela	3.822
Baleias que se matarão nas differentes armações	239
Pipas de azeite que produzirão.	3.292
Quitandas de barbatana	1.012
Couros em cabello do Rio Grande	170.886
Barras de ouro que se manifestarão na Intendencia desta cidade	12.105
que importarão em	1.317:605$410

FABRICAS DE ASSUCAR E AGUA ARDENTE

Das que existem em cada um dos districtos desta Capitania:

Districtos	Engenhos de Assucar	Engenhos de agua ardente
Irajá	32	4
Marapicú	57	11
Ilha Grande	32	55
Parati	7	100
Inhomerim	8	3
S. Gonsalo	36	6
Tapacorá	65	60
Macacú	30	1
Cabo-Frio	25	9
Campos Goitacazes . . .	324	4
Total	616	253

EXPOSTOS DA SANTA CASA, HOSPITAES DE MISERICORDIA E DE EL-REI

ADMINISTRAÇÃO DOS EXPOSTOS NA SANTA CASA DA MISERICORDIA

Teve principio esta administração em 14 de Janeiro de 1738 pelo primeiro instituidor Romão de Mattos Duarte, e desde o dito anno até o presente tem recebido a Santa Casa

Expostos 3.638

Para a sustentação delles recebeo a administração para o anno de 1798: . . . . 8:210$920

Despendeo . . . . 6:152$985

Pessoas empregadas nesta administração:

Escrivão, Francisco de Paula Cabral.
Thesoureiro, Manoel José de Sampaio.
Procurador, o Tenente Coronel Manoel Ribeiro Guimarães.

HOSPITAES

Hospital d'El-Rei

Numero dos doentes que se recolherão e dos que fallecerão no mesmo anno:

Doentes	2.720
Fallecidos	77

Hospital da Misericordia

Doentes pobres de ambos os sexos	954
Fallecidos	152
Recebeo a Santa Casa para a despesa annual de Julho de 1797 até Junho de 1798 a quantia de	28:713$518
Despendeo	28:552$795

Medicos da Santa Casa:

Dr. Antonio Francisco Leal.
Dr. José Carlos de Moraes.
Cirurgião-mór, João Antonio Damasceno.
Dito do Banco, José Antonio Pereira de Godoy.
Boticario, Joaquim Custodio.
Capelães da agonia, dous Religiosos de Santo Antonio por alternativa.

FREGUEZIAS, NASCIMENTOS, OBITOS

Subordinadas a este bispado

Dentro da capitania	78
Na capitania da Bahia	17
Na capitania de Goyaz	11
Na capitania de Matto Grosso	7
Sommão	113

Villas subordinadas a esta capital, 11.

Nascimentos

Pessoas livres nascidas neste anno	1.349
Escravos	781
Total	2.130

Obitos

Pessoas livres fallecidas no dito anno	571
Ditas fallecidas no hospital de El-Rei	77
Ditas fallecidas no hospital da Misericordia. . .	152
Enjeitados sepultados na Misericordia	136
Escravos fallecidos	1.360
Totas dos mortos	2.296

Fim do Almanac

——«*»——

Chronologia do pessoal que nos diversos tempos compoz o Tribunal do Conselho da Fazenda

(Offerecido ao Instituto Historico pelo Sr. Conselheiro José Paulo Figueiroa Nabuco de Araujo)

O Tribunal do Conselho da Fasenda foi creado no Brasil pelo Tit. 6 do Alv. de 28 de Junho de 1808, e foi extincto em virtude da C. de Lei de 4 de Setembro de 1831, tendo com tudo funccionado até 20 de Maio de 1832. O seu pessoal compoz-se dos seguintes membros, tendo começado o exercicio aos 14 de Novembro de 1808 e por virtude do Decreto seguinte:

" Sendo necessario, e muito conveniente ao meu Real " Serviço, que comece desde já o expediente do Conselho da " Fazenda; Sou Servido que todas as pessoas que Eu Haja " por bem nomear para os empregos, e officios da referida " Mesa principiem a servi-los sem dependencia da Carta, que " serão obrigados a apresentar no espaço de dous mezes. " O mesmo Conselho assim o tenha entendido e faça exe- " cutar, etc."

Antes desta leu o presidente já empossado, o de 28 de Junho, e passou a dar posse aos Conselheiros togados Luiz Beltrão de Gouveia Sousa e Almeida, e Francisco de Sousa Guerra Araujo Godinho, e aos de capa e espada, D. Diogo de Sousa Coutinho (depois conde do Rio Pardo), José Egidio Alvares de Almeida (depois Barão, Visconde, e Marquez de S. Amaro), Leonardo Pinheiro de Vasconcellos, sendo escrivão da Mesa Joaquim José de Sousa Lobato.

O conselheiro togado Antonio Luiz Pereira da Cunha tomou posse para ter exercicio, findo o logar de Chanceller da Relação da Bahia, aos 13 de Janeiro de 1809.

Findo este lugar, pelo tempo maior de 5 annos exercido, teve exercicio até que substituio o Conselheiro Paulo Fernandes Vianna, na Intendencia da Policia, tendo depois passado para o Desembargo do Paço, em que foi aposentado no anno de 1828, tendo sido Visconde, e Marquez de Inhambupe de cima.

Pedro Maria Chaves de Ataide e Mello, Barão e depois Visconde de Condeixa, tomou posse por procurador do lugar de Conselheiro de capa e espada aos 15 de Abril, e teve exercicio aos 30 de Agosto de 1809.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Visconde e Marquez da Praia Grande, teve posse por procurador do lugar de Conselheiro de capa e espada aos 5 de Maio de 1809.

O escrivão da Mesa Joaquim José de Sousa Lobato, continuando no mesmo exercicio, passou a Conselheiro de capa e espada tendo exercicio aos 21 de Maio de 1810.

Diogo de Toledo Lara Ordenhas, teve como Conselheiro togado exercicio aos 28 de Maio de 1810.

Antonio de Saldanha da Gama o teve como de capa e espada a 17 de Setembro de 1810.

D. Manoel Francisco Zacarias de Portugal e Castro, como de capa e espada, o teve a 17 de Julho de 1811.

Antonio Gomes Pereira da Silva como chanceller da Relação de Goa teve posse por procurador como togado a 23 de Agosto de 1811.

Antonio José da Franca e Horta, como de capa e espada, teve exercicio a 17 de Janeiro de 1812.

Como togado o teve Francisco Lopes da Silva Faria Lemos a 22 de Junho de 1812.

Como togado e para exercer na volta de Goa como Chanceller, teve Manoel José Gomes Loureiro posse a 14 de Dezembro de 1812.

Como de capa e espada, tomou D. Manoel de Portugal como procurador do Conde de Palma, depois Marquez de S. João da Palma, posse a 18 de Janeiro de 1813.

Como de capa e espada, e por procurador a teve João Carlos Augusto de Oyenhausen, depois Visconde e Marquez de Aracaty, a 11 de Janeiro de 1815.

Como togado teve Francisco Baptista Rodrigues exercicio a 1 de Fevereiro de 1815.

Item, Antonio Saraiva de S. Paio Coutinho a 10 de Fevereiro de 1815.

Como de capa e espada, Luiz Barba Alardo de Menezes, teve exercicio a 25 de Setembro de 1816.

Como togado Luiz Thomaz Navarro de Andrade, teve exercicio a 9 de Março de 1818.

De capa e espada, e por procurador teve o Conde de Paraty posse a 11 de Março de 1818.

Como togado Francisco Xavier da Silva Cabral, teve exercicio a 11 de Março de 1818.

Como de capa e espada, teve D. Antonio Coutinho de Lencastre exercicio a 21 de Julho de 1819.

Item, D. João Carlos de Sousa Coutinho, a 6 de Abril de 1821.

Conde da Lousã D. Diogo, como Presidente, id. id. id.

Entrou como escrivão serventuario, Joaquim José de Magalhães Coutinho a 9 de Abril de 1821.

Item, como escrivão serventuario na Mesa do Registro Geral das Mercês, João Maria da Gama Freitas Berquo, depois Barão, Visconde e Marquez de Cantagallo, a 4 de Maio de 1821.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama, depois Visconde e Marquez de Baependy, exerceo como de capa e espada, a 11 de Maio de 1821.

Como togado teve José Fortunato de Brito Abreu Sousa Menezes exercicio a 18 de Maio de 1821.

Como de capa e espada, José Joaquim Carneiro de Campos, depois Visconde e Marquez de Caravellas, teve exercicio a 27 de Junho de 1821.

Como de capa e espada, teve João Vieira de Carvalho, depois Barão, Conde e Marquez de Lages, exercicio a 19 de Dezembro de 1823.

Como escrivão da Mesa o teve João Sabino de Mello Bulhões de Lacerda Castello Branco, a 4 de Julho de 1825.

Como de capa e espada, o teve João Prestes de Mello, a 14 de Julho de 1826.

Como togado Agostinho Petra de Bitencourt, teve exercicio a 12 de Março de 1827.

A 19 de Outubro de 1828, passou ao Supremo Tribunal de Justiça.

Como togado o teve João José da Veiga a 30 de Março de 1827.

Como togado, Luiz Joaquim Duque-Estrada Furtado de Mendonça o teve a 14 de Dezembro de 1827.

Tanto este como o antecedente passarão a 19 de Outubro de 1828 para o Supremo Tribunal de Justiça.

Miguel Calmon Du Pin e Almeida, depois Visconde e Marquez de Abrantes, teve posse da Presidencia a 19 de Dezembro de 1827.

Manoel José de Sousa França, como escrivão supranumerario a teve a 14 de Março de 1828.

Como de capa e espada, João da Rocha Pinto, teve a 10 de Outubro de 1828.

Item, José Caetano de Andrade Pinto, a 10 de Novembro de 1828.

Item, João Sabino de Mello Bulhões de Lacerda Castello Branco, o teve a 10 de Novembro de 1828.

Manoel José de Sousa França, como escrivão ordinario com voto o teve a 19 de Novembro de 1828.

Como escrivão supranumerario Manoel do Nascimento Monteiro, teve exercicio a 3 de Dezembro de 1828.

Como Conselheiro de capa e espada, Luiz Moutinho Lima Alvares da Silva, o teve a 9 de Outubro de 1829.

Item, Ernesto Frederico de Werna Magalhães Coutinho, o teve a 18 de Dezembro de 1829.

Item, João Antonio Pereira da Cunha, a 7 de Maio de 1830.

Item, por procurador João José Lopes Mendes Ribeiro, teve posse a 14 de Maio de 1830.

Quadro das forças de mar e terra existentes nas capitanias do Rio de Janeiro, Santa Catharina, Rio Grande, Minas Geraes, e na Praça da Colonia, disponiveis para a defesa da Fronteira do Sul em 1776

(Manuscripto offerecido ao Instituto pelo Sr. Libanio Augusto da Cunha Mattos.)

FORÇAS DE TERRA

No Rio de Janeiro, como consta da Relação n. 1, trpas pagas e auxiliares	11.270
Em Santa Catharina, como consta da Relação n. 2	3.004
No Rio Grande, como consta da Relação n. 3, effectivas, 5.691; que poderão chegar a	6.717
Na Colonia, como consta da Relação n. 4 . . .	699
Forças de terra, pagas e auxiliares	21.690

FORÇAS DE MAR

Em Santa Catharina, tres náos e duas fragatas como consta da Relação n. 2	5
No Rio Grande, tres fragatinhas, duas corvetas, quatro sumacas e tres bergantins, por todos doze, como consta da Relação n. 3	12
Na Colonia, uma fragata, duas corvetas e um hiate, por todos	4
Embarcações de guerra grandes e pequenas. . .	21

RELAÇÃO N. 1

Forças com que se achava o Marquez de Lavradio no Rio de Janeiro, e com que póde ser soccorrido de Minas Geraes:

Tropas pagas no Rio de Janeiro:

	Effectivas	
Uma das duas companhias de cavalleria da guarda do Vice-Rei	60	
Primeiro regimento do Porto	734	
Primeiro regimento da Bahia	668	
Segundo regimento da Bahia	678	
Segundo regimento do Rio de Janeiro	762	
Artilheria	709	
Tropas pagas		3.611

Auxiliares tão bem exercitados como a tropa paga:

Primeiro terço, do Rio de Janeiro, de que é Mestre de Campo o Vice-Rei	726	
Segundo terço, de que é Mestre de Campo o Tenente General Bohm	718	
Terceiro terço, de que é Mestre de Campo Pedro Dias	719	
Auxiliares		2.163
Tropas pagas e auxiliares		5.774

Ha mais um terço de homens pardos, muito mais forte que os precedentes, e igualmente bem disciplinado; além de outros de que o Marquez de Lavradio faz menção, mas ainda não mandou relações circunstanciadas delles.

Tropas pagas e auxiliares de Minas Geraes, que se achão promptas a passarem ao Rio de Janeiro, logo que forem requeridas pelo Marquez do Lavradio:

Pagas:

Um Regimento de Cavalleria, de que é Coronel o Governador, e Capitão General D. Antonio de Noronha, com praças	474

Auxiliares de Cavalleria da Comarca de Villa-Rica

Primeiro regimento, de que é Coronel Affonso Dias Pereira, com praças	317
Segundo regimento, de que é Coronel João de Sousa Lisboa, com praças	317

Da cidade de Marianna

Primeiro regimento, de que é Coronel Antonio Gonsalves Torres, com praças . . .	317
Segundo regimento, de que é Coronel Francisco Ferreira dos Santos, com praças .	317

Comarca do Rio das Mortes

Primeiro regimento, de que é Coronel José Ferreira Villa-Nova, com praças	317	
Segundo regimento, de que é Coronel Francisco de Mendonça, com praças	317	
Cavalleria auxiliar		1.902
Cavalleria paga e auxiliar		2.376

Auxiliares de pé, e companhias francas na comarca de Villa-Rica:

Um terço de homens pardos, de que é Mestre de Campo Francisco Alexandrino, composto de treze companhias, e praças. . .	780	
Dez companhias francas de homens pardos de sessenta praças cada uma	600	
Sete companhias francas de homens pretos. de sessenta praças cada uma	420	

Comarca do Rio das Mortes

Dez companhias francas de homens pardos da Villa de S. João d'El-Rei, de sessenta praças cada uma	600	
Seis companhias francas de homens pardos da Villa de S. José, de sessenta praças cada uma	360	
Seis companhias francas de homens pretos das Villas de S. João de El-Rei, e de S. José, de sessenta praças cada uma . .	360	
Auxiliares de pé		3.120
Tropa paga e auxiliares de cavallo, e de pé promptos		5.496

RESUMO:

Tropa paga e auxiliares do Rio de Janeiro, promptos	5.774
Tropa paga e auxiliares de Minas Geraes, prompta a marchar	5.496
Todas	11.270

Esta capitania necessita:

Para a tropa paga della, armas completas . .	2.000
Para se venderem aos auxiliares do Rio de Janeiro e Minas Geraes, ou se emprestarem aos que não tiverem meios de as comprar, armas completas	4.000
Polvora, arrobas	4.000
Abarracamento para os cinco Regimentos de tropa paga; e para o de cavalleria de Minas Geraes	
Para o mesmo Regimento de cavalleria, clavinas	424
Pistolas	424
Espadas	424

RELAÇÃO N. 2

Forças de terra e de mar com que se acha o Marechal de Campo Antonio Carlos Furtado de Mendonça, para defensa da Ilha de Santa Catharina:

Forças de terra

Um regimento de infanteria da guarnição da mesma Ilha com praças	773	
Um regimento da capitania de Pernambuco com praças	779	
Tropa paga		1.552
Dous terços de auxiliares pertencentes á mesma Ilha, cada um de praças 726, ambos		1.452
Um destacamento de artilheria, de que se não diz a força		
Infanteria e auxiliares		3.004

Forças de mar:

Náo Santo Antonio, com praças effectivas .	476
Náo Ajuda	479
Náo Belém	434
Fragata Principe do Brasil	235
Fragatinha de Pernambuco	50
Todas as praças effectivas . . .	1.674
Artilheria desta esquadra dos calibres de 24, 18, 12, 8 e 4 peças	330

RELAÇÃO N. 3

Forças de terra, e de mar com que se acha o Tenente General João Henrique de Bohm no Rio Pardo e Rio Grande de S. Pedro:

Forças de terra:	Tropa effectiva
Uma das duas companhias da guarda do Vice-Rei	60
O regimento de Moura	679
O regimento de Estremoz	627
O regimento de Bragança	661
O primeiro regimento do Rio de Janeiro .	791
O regimento de Dragões do Rio Grande . .	380
Um destacamento de artilheria do Rio de Janeiro	115
Uma companhia de infanteria de Santa Catharina	57
Quatro companhias novas do Rio Grande. .	305
Quatro companhias de tropa ligeira de infanteria e cavalleria do Rio Grande . .	192
	3.867
Transporte	3.867
O regimento de infanteria de S. Paulo que no fim do anno proximo precedente de 1775 já tinha embarcado no porto de Santos para o Rio Pardo, composto o dito regimento de praças	813
A legião de voluntarios Reaes de S. Paulo, que no fim do mesmo anno proximo precedente tinha marchado para Viamão e Rio Pardo, composta a dita legião de seis companhias de infanteria, com seiscentas e nove praças, e de quatro companhias de cavalleria com quatrocentas e tres praças; fazendo todas	1.012

Forças de terra effectivas, no Rio Pardo e Rio Grande 5.692

Deve-se observar em primeiro lugar; que nesta conta não entra um Regimento de cavalleria auxiliar por se não saber o estado effectivo do dito Regimento. A lotação porém delle é de praças 500

Deve-se observar, em segundo lugar; que para se completarem os Regimentos de Moura, Estremoz, Bragança, e primeiro do Rio de Janeiro, lhes faltavão quinhentos e vinte e sèis praças, as quaes se devem preencher com as recrutas que se mandão das ilhas dos Açores, e estas com as do Regimento de cavalleria auxiliar acima indicado, no caso de estar tambem completo, farão montar as forças de terra do Rio Pardo e Rio Grande em combatentes 6.717

Forças de Mar:

Existem no Rio Grande as embarcações seguintes:

Graça, contendo corpo de marinha, infanteria e marinhagem		245
Gloria, idem, idem		115
Victoria		90
Bellona		96
Invencivel		108
Penha	74	
Sacramento	61	
Belém	72	
Nossa Senhora do Monte	70	
Bragantino	60	
S. José	59	
Bom Successo	34	
	1.084	

RELAÇÃO N. 4

Guarnição com que se acha na praça da Colonia o Governador della Francisco José da Rocha:

	Effectivos
O regimento da Colonia com praças	542
Uma companhia de artilheria da mesma Colonia . .	91
Uma companhia de artilheria de Lagos	66
Toda a guarnição, praças	699

Além da dita tropa, todos os habitantes da Praça em caso de sitio, servem como ella, e até as mesmas mulheres animão os maridos e os filhos, com incrivel constancia, a se defenderem.

No porto da mesma Colonia se achão as embarcações seguintes:

A fragata Nazareth, com praças	265
A corveta Gloria	43
A corveta Conceição	53
O hiate Conceição	23
Todas as praças effectivas	384

A artilheria destas embarcações dos calibres de 12. 6. 3 e 1, são, peças 80

NOTICIA

SOBRE

OS SELVAGENS DO MUCURY

EM UMA CARTA DIRIGIDA PELO

Sr. Theophilo Benedicto Ottoni

AO SENHOR

Dr. Joaquim Manuel de Macedo

Illmo. Snr.

Philadelphia 31 de Março de 1858.

Vou aproveitar alguns momentos vagos para cumprir como puder a promessa que fiz, de fornecer noticias para a — Memoria — que V. S. tem de offerecer ao Instituto Historico e Geographico á cerca dos selvagens do Mucury.

Desde que em 1847 comecei a estudar os meios de abrir pelo valle do Mucury novas vias de communicação, que ligassem o norte da provincia de Minas com o littoral adjacente do lado de leste, muito me preoccupavão os selvagens habitadores destas brenhas.

Cuidei sériamente de conhecel-os, e para saber o que delles havia a esperar ou temer, consultei a historia e as tradições antigas e recentes, tanto do lado de Minas Geraes como do lado da Costa.

Na historia pouco achei que aprender. Qualquer principiante de geographia nos dirá:

Que Pedro Alvares Cabral achou em Porto Seguro os Tupiniquins, selvagens de costumes brandos, os quaes aceitando francamente a civilisação portugueza, e alliando-se em casamentos com os Europeos, fizerão prosperar nos primeiros annos a capitania de Porto Seguro a ponto de come-

çarem logo os colonos a exportar para a metropole grandes porções de assucar:

Que os Tupiniquins tendo guerra com os Papanaus, e achando-se estes fracos se concentrarão para as mattas no tempo da descoberta sem mais darem novas suas:

Que poucos annos durou a prosperidade da capitania porque os Aymorés, Abatires e Pataxós descendo das serras que habitavão exterminarão Portuguezes e Tupiniquins a tal ponto que em 1587 só restava um Engenho em toda a capitania, continuando por dous seculos em completa decadencia, pois que ainda no reinado de D. José 1.°, diz Fernando Diniz, constar a velha capitania de duas aldêas, sendo certo que foi de 1740 a 1780 que forão erigidas em villas as aldêas de S. Matheus, Mucury, Viçosa e outras:

Que por estes tempos recomeçando-se a povoar a Costa, ahi encontrarão por toda a parte desde o rio Doce até o de Belmonte, Botocudos, que os historiadores forão sem exame declarando que erão os descendentes dos Aymorés sem se darém ao incommodo de explicar que fim tinhão levado os Abatires, Pataxós, Papanaus, Machacalis, e outros cujos nomes figuravão no tempo da descoberta como habitantes d'aquella redondeza.

Além destes detalhes nada mais conheço dos historiadores sobre os selvagens do Mucury, e sobre o mesmo valle do Mucury, senão phrases laconicas soltadas como que de passagem — exemplo — os Diccionarios de Milliet de Saint-Adolphe e de Saturnino.

O Mucury, dizem elles, é um rio que vem de Minas. Suas cabeceiras, e as do seu confluente — Todos os Santos, são occupadas por cabildas de Indios ferozes e anthropophagos.

E acabou-se a *historia.*

Fui mais feliz esmerilhando as tradições antigas e recentes. De factos coevos fiz basta colheita.

Natural do Serro do Frio ouvia desde os primeiros annos continuadas narrações á cerca de indios, caboclos, e tapuios, nomes que indistinctamente se dá aos aborigenes.

Acossados pela população christãa que se hia estabelecendo pela cordilheira central, os Macunis, Malalis, Machacalis, Nacknenukes, Aranaus, Bahués, Biturunas, Gyporoeks, etc. que pela mór parte são da nação dos Botocudos, se virão obrigados a concentrar-se na zona onde correm as aguas do Mucury, estendendo-se ao N. E. e N. O. até Gequitinhonha ou algum dos seus confluentes a leste até o litoral, ao sul até o Suassuhy Grande e Rio Doce.

E' tradição constante que antes da introducção da escravatura africana, o trafico dos indigentes se fazia em Minas de um modo atroz quanto é possivel.

Os traficantes davão caça aos indigenas como a animaes ferozes. Diz-se mesmo, que para adestrar os caens nesta caçada, dava-se-lhes a comer carne dos selvagens assassinados, e que foi em represalia destes horrorosos attentados, que os selvagens se derão á anthropophagia, devorando as victimas que lhes cahião nas mãos.

Eu conheci um official das Divisões do Rio Doce, aliás pessoa de boas qualidades, e excellente militar, que não era mais homem quando se lhe fallava em Botocudos. Ouvi-lhe a medonha declaração de que quando os seus caens davão no rasto de algum destes infelizes sentia elle as mesmas emoções que os outros caçadores quando os caens dão na batida do veádo.

Estreitados entre o litoral, o Rio Doce, o Gequitinhonha, atacados por forças regulares, os selvagens tiverão de submetter-se, e a guerra propriamente tal das flechas com as espingardas cessou ha muitos annos.

E se de tempos a tempos occorria algum attentado dos selvagens, era este as mais das vezes filho, ou de sugestões criminosas dos chamados christãos, ou do desespero que reagia contra a brutalidade e tyrania.

Muitos annos os Indios que fazião depredações nas visinhanças dos povoados erão acompanhados por linguas, que ora impunhão contribuições de guerra aos moradores, ou os roubavão em nome e com o braço dos selvagens.

A' medida que se foi estreitando a zona que occupavão, a fome activou a guerra fratricida que é eterna entre as diversas tribus. Matão-se por um pequeno terreno onde cacem, e apanhem algumas raizes tuberosas.

Os mais fracos sahirão das mattas; e inermes vierão pedir farinha, e protecção contra os seus proprios irmãos.

Forão as primeiras tribus aldêadas. Tal é a historia dos Mucunis, que para resistir aos Botucudos fizerão confederação com outras tribus, e nem assim podendo resistir aos invasores tiverão de recorrer á protecção dos christãos.

Os Malalis em 1787 perseguidos pelos Nacknenuckes apresentarão-se no Alto dos Bois, 9 legoas distante de Minas Novas, e ahi ficarão aldeados junto ao quartel das divisões.

Diz-se que alguns commandantes das divisões mostrarão predilecção pelos soldados indigenas.

Não só erão mais conhecedores das mattas, como tambem não sabendo exprimir-se nem conhecendo o valor do dinheiro, erão menos exigentes nas contas do soldo.

No Alto dos Bois os Malalis voluntarios, ou recrutados sentarão praça nas divisões.

Tendo alguns desertado soffrerão castigos severos, bem como pessoas de suas familias accusadas de haverem acoutado os desertores.

A protecção dos christãos, assim exercida, começou a parecer-lhes mais intoleravel do que a guerra com os seus irmãos das florestas.

E uma bella manhãa o commandante do Quartel do Alto dos Bois achou a aldêa completamente abandonada.

Os Malalis tinhão hido tentar fortuna nas suas florestas. Infelizes! Erão muito fracos para medir-se com os terriveis Botocudos. Vencidos, e dizimados acolherão-se novamente á protecção dos christãos.

Recebeo-os como pai Antonio Gomes Leal, cuja numerosa descendencia tem vivido sempre em paz com os selvagens, e tem tirado bom partido da sua amisade.

Restão ainda, e vivem sob a protecção de um digno filho de Antonio Gomes Leal o Sr. Casimiro Gomes, uma vintena de Malalis dados ao trabalho e ao negocio, intelligentes e desconfiados.

Ha 30 ou 40 annos que se passarão os ultimos acontecimentos expostos.

Havendo cessado os assaltos dos selvagens contra os colonos da borda da matta, estes cobrarão animo, e começarão as explorações das bandeiras.

O Mucury era para todos um paiz encantado, uma especie de El-Dorado.

Muitas caravanas penetrarão então nas suas cabeceiras.

Para o norte hião procurar as apregoadas riquezas de ouro da famosa Lagoa Dourada, e os diamantes da Serra do Chifre. Ao Sul demandavão-se os fallados campos do Tambucury.

O proprio Governo Provincial de Minas sob a presidencia do Exm. Sr. Barão do Pontal deixou-se enlevar pelos roteiros antigos, e mandou fazer uma exploração mineralogica nas margens do Todos os Santos.

A expedição, partindo do quartel do Ramalhete, no Suassuhy Grande, regressou sem ter chegado ao termo da sua missão.

Antes e depois desta expedição diversas bandeiras de aventureiros á procura de pedras preciosas ousarão inter-

nar-se até a Serra das Esmeraldas, que outra não é senão a mesma Cordilheira dos Aymorés, hoje conhecida no Mucury sob o nome de Map-map-krak, que significa — pedra lisa.

Porém nenhuma caravana, por mais numerosa que fosse, tinha podido sustentar-se na matta em frente dos seus habitadores; nenhuma se retirou sem pagar ás flechas o seu tributo de sangue.

Citarei, por exemplo, com a authoridade da Camara Municipal de Minas Novas em officio dirigido ao Governo Provincial no anno de 1834, a bandeira capitaneada por Francisco Teixeira Guedes.

Atravessando Guedes o Todos os Santos com 90 pessoas em 1829, apenas começava a sua mineração na Serra das Esmeraldas, foi atacado pelos selvagens, e teve de retirar-se deixando morto no campo de batalha o interprete que levava.

A viagem do Coronel Bento Lourenço Vaz de Abreu e Lima feita em 1811 no espirito da minha empreza, sob as inspirações do fallecido Conde da Barca, não éra mais animadora em relação ás disposições bellicosas dos selvagens.

O mesmo digo á cerca da expedição do engenheiro Reynaut mandado em 1837 pelo então Presidente de Minas, o Sr. Desembargador Costa Pinto, e que na sua passagem foi tambem atacado pelos selvagens.

Erão as consequencias do tratamento barbaro que tinhão recebido os selvagens desde o tempo da conquista. Erão as consequencias dessa carta Régia de triste recordação declarando guerra de exterminio aos Botocudos. Erão especialmente as consequencias do trafico dos kurucas.

De 1837 a 1847 não cessarão as reclamações das authoridades e moradores de Minas Novas, pedindo providencias contra as excursões dos selvagens do alto Mucury e Gequitinhonha.

As providencias que se pedião, e que o governo dava, resumem-se no laconismo destas duas palavras — polvora e bala.

Os resultados, em 1830 por exemplo, forão deploraveis.

De documentos officiaes existentes na secretaria de Minas se póde verificar a exactidão do horroroso acontecimento que vou narrar.

Os selvagens em desforço de máos tratos que soffrerão, assassinarão diversas pessoas de uma familia residente no *Corrego Novo*, districto do *Calhão*.

A paixão não sabe raciocinar, e o sangue derramado pede sangue.

Os visinhos dos assassinados se reunirão; o governo deo as providencias, isto é, mandou polvora e bala, e tambem soldados.

Formou-se um pequeno pé de exercito alterado de paixão e de vingança.

Os chefes açulavão a multidão.

Estes bem sabião o que fazião. Querião descartar-se dos selvagens, porque lhes comião nas fazendas algumas cabeças de gado.

Assim preparada a expedição marchou para a — Capivara — como quem hia a uma caçada de antas ou de porcos do matto.

Os Indios Cró e Crahy, soldados das divisões, erão os guias e directores. Tomarão de noite todas as avenidas da aldêa; assaltarão-na de madrugada.

As forças erão incommensuravelmente desiguaes; a resistencia impossivel.

A aldêa foi um açougue, não um lugar de combate.

O desespero fez com que os selvagens disparassem algumas flechas mas não morreo um só dos assaltantes.

Nos da aldêa fez-se mão baixa em velhos, mulheres e meninos, sendo reservados destes os que servião para o trafico, e alguns dos adultos para carregarem as bagagens e a matolotagem dos assassinos.

E em caminho apenas se podia dispensar uma destas bestas de carga, mettia-se-lhe uma bala na testa.

Crahy para justificar sua fidelidade á bandeira, e o principio de que o renegado é o peor dos inimigos, assassinou ao entrar na aldêa, por suas proprias mãos, sua sogra — a mãi de sua mulher!

Cró e Crahy derão baixa ha muitos annos, e vivem para as partes de S. Miguel na maior obscuridade.

Mas quando se trata de *matar uma aldêa*, façanha que de tempos a tempos se repete, estão certos os dous renegados que hão de receber o seu cartão de convite.

Matar uma aldêa! não passe a linguagem desapercebida. Por mais horrorosa que pareça nada tem de hyperbolica. E' uma phrase technica na giria da caçada dos selvagens. Os Srs. Cró e Crahy entendem perfeitamente a mytonimia, e recebido o convite tratão de fazer a empreitada á satisfação de quem lh'a encommenda.

A cousa se faz em geral como na Capivara.

Cerca-se a Aldêa de noite — dá-se o assalto de madrugada. E' de regra que o primeiro bote seja — apoderarem-se os assaltantes dos arcos e flechas dos sitiados que estão amontoadas no fogo que faz cada familia.

As mais das vezes neste primeiro lanço Cró e Crahy desarmão completamente os sitiados.

Procede-se á matança.

Separados os kurucas, e alguma India moça mais bonita, que formão os despojos, sem misericordia faz-se mão baixa sobre os outros, e os matadores não sentem outra emoção que não seja a do carrasco quando corre o laço no pescoço dos enforcados.

Ainda em 1854 os Srs. Cró e Crahy fizerão uma empreitada destas no lugar denominado — Guariba, á margem do Gequitinhonha. Havia precedido o assassinato de Antonio do Carmo, homem bom, morador na visinhança, e em represalia se fez uma hecatombe de selvagens.

O Sr. Cró, ás vezes toma por matalote para as suas façanhas, em vez do Sr. Crahy, o Sr. Lidoro, outro indigena que tambem foi soldado das divisões.

Pelos annos de 1834 a 1838 havia desertado um terceiro indigena de nome José.

José fez-se capitão de uma tribu numerosa na Serra do Chifre, onde se diz haverem riquezas de ouro e diamantes.

Resolveo-se matar o capitão e a aldêa, mas como o capitão era valente e acautelado, foi preciso destacal-o dos seus.

Lidoro foi visital-o, convidou-o para um passeio longinquo, e depois de o assassinar foi reunir-se a Crahy, e com numerosa escolta passarão a *matar a aldêa do Chifre.*

Matavão-se aldêas no Gequitinhonha, no Mucury, e no Rio Doce, em Minas, e no Espirito Santo.

Nesta ultima provincia, na Comarca de S. Matheus, referio-me pessoa do lugar uma das ultimas tragedias occorridas.

Foi protagonista um militar commandante do destacamento, pessoa estimavel e outros respeitos, cujo nome omitto em razão dos seus cabellos brancos, e em attenção á sua numerosa familia.

Em represalia de um acolhimento dos Indios este militar dêo-lhe na aldêa, exactamente pelo methodo Cró e Crahy.

Os resultados forão como sóe acontecer, e para que se não podesse pôr em duvida a façanha, o Commandante trou-

xe para S. Matheus o asqueroso despojo de 300 orelhas, que mandou amputar aos selvagens assassinados.

Querendo porém circumscrever-me a uma noticia á cerca dos Selvagens do Mucury, notarei que nas referencias anteriores eu comprehendo os Indios que habitão as cabeceiras do Mucury do lado do norte, e os do Todos os Santos da Serra das Esmeraldas para baixo.

Porém nas cabeceiras do Todos os Santos e Mucury do Poté existia a populosa confederação dos Nacknenukes.

Os Nacknenukes do Poté já apparecião no decennio de 1837 a 1847, mas só procuravão os christãos quando erão acossados pelos Gyporocks que residião no interior.

Destes as unicas noticias erão as que reportavão as bandeiras que de tempos a tempos se arriscavão a entrar na matta, e que, como já disse, erão sempre repellidas a flechadas.

Eis o que se observava do lado da provincia de Minas Geraes.

Do lado da Costa no mesmo decennio de 1837 a 1847 as tribus mais proximas acossadas tambem pelas do interior começavão a apresentar-se aos moradores de S. José de Porto Alegre pedindo soccorro contra os tapuios brabos, como elles chamavão aos outros, e pedindo paz aos christãos.

Em 1844 tres tribus capetaneadas por Gyporock, Mec-Mek, e Potik, que se dizião irmaõs, além da tribu do Capitão Urufú trabalharão puchando madeiras para a matriz de S. José.

Cada roceiro de S. José teve o seu kuruca, de que uns se servião como escravos, e que outros vendião.

Este maldito trafico dos Selvagens, mais infame que o dos pretos da Africa, tem sido a causa de calamidades sem numero.

A's vezes a guerra entre diversas tribus tem por fim unico a conquista dos kurucas, que são levados ao mercado.

S. José de Porto Alegre era em 1847 uma aldêa miseravel, povoada em maxima parte pelos descendentes dos Tupiniquins; municipio pobrissimo, sem agricultura e sem outro commercio senão o dos kurucas.

Cada um custava cem mil réis. E vinhão ao mercado não só os prisioneiros de guerra feitos pelas tribus que alli commerciavão, como tambem os meninos destas mesmas tribus, que lhe erão arrancados de mil modos.

Em 1848 o Secretario da Camara Municipal de S. José de Porto Alegre, que fallava bem a lingua dos Selvagens,

internou-se pelas mattas acompanhando a tribu do Capitão Urufú, na intenção de fazer uma boa provisão de kurucas. Nunca mais apparecêo, e suppõe-se que tendo-se apropriado de alguns kurucas, os pais para rehave-lo o assassinarão.

Em Santa Clara procurando-se desviar a gente de — Porohum — de fazer a guerra aos Bakuês, elles replicavão ter muita precisão de espingardas, e que em S. Matheus vendirão um kuruca por uma espingarda.

Em 1844 e 1845 um lingua dominava sobre as 4 tribus. Infelizmente, era um malvado coberto de crimes e condemnado á morte em S. Matheus.

O lingua impunha arbitrariamente fintas aos que recebião kurucas. E porque a familia dos Violas recusou submetter-se ao pagamento de uma tal imposição, foi exterminada pelos selvagens. O facto passou-se assim.

Gyporock reclamou dous filhos (kurucas) que havião dado aos Violas. Os Violas desprezarão a exigencia e não entregarão os kurucas.

A fazenda foi cercada e assaltada; oito pessoas da familia morrerão em combate, e o Indio reconquistou seus filhos.

O attentado contra os Violas, aliás justificado pela attendivel circunstancia da injusta detenção dos filhos de Gyporock, desafiou horriveis represalias.

No sitio do Marianno, duas legoas acima de S. José, os christãos tendo attrahido os selvagens a uma emboscada, attacarão-os á falsa fé, e fizerão larga carnificina.

Dezeseis craneos forão então vendidos (triste mercadoria) a um Francez que disse fazer esta acquisição por conta do Musêo de Paris. Foi isto em 1846.

Os selvagens novamente internarão-se pelas suas brenhas. Em 1847 foi a minha primeira viagem de reconhecimento ao Mucury.

Eu tinha adquirido a convicção de que os selvagens nas suas aggressões contra os christãos erão quasi sempre incitados por violencias e provocações destes.

Em consequencia acreditava que um systema de generosidade, moderação e brandura não podia deixar de captar-lhes a benevolencia.

A principal difficuldade para a execução, ou ao menos ensaio deste systema, estava em chamar á pratica e convivencia os filhos das selvas, e em convence-los de que havia com effeito um novo processo de cathequese que não empregava a polvora e bala, nem tinha por fim roubar-lhes os filhos.

Mandando organisar em Minas Novas uma bandeira, que devia vir encontrar-me em Santa Clara, dei instrucções para que a minha gente não fizesse uso das espingardas senão para defender a vida, e que procurando todos os meios de conferencia com os selvagens, se esforçassem por convencel-os com presentes e discursos, que os Portuguezes (como elles chamão a todos os christãos) hião mudar de vida, e que todos estavamos effectivamente mansos — Jak-jemenuk.

A bandeira que veio ao meu encontro era composta de gente da melhor de Minas Novas, que a tudo se prestava para mostrar-me o enthusiasmo com que a minha empreza era alli acolhida.

Um dos expedicionarios era um rico proprietario e meu fallecido e saudoso amigo Feliciano Lopes da Silva, o qual acceitando as minhas instrucções, escreveo-me antes de entrar para a matta promettendo que a nossa bandeira ainda que fosse atacada pelos selvagens não faria uso das armas de fogo; que porém, lançando-se a mão sobre elles havião de prender a alguns, e obrigal-os a tomar conhecimento do nosso novo theor de cathequese.

Cumprio-se o pactuado. Eu sahi do Rio de Janeiro a bordo do vapor *Princeza Imperial* no dia 4 de Setembro, e os meus amigos do Quartel de Santa Cruz no dia 7 do mesmo mez e anno de 1847.

Encontramo-nos no dia 27 na Coroa dos Muris e fomos todos pernoitar na colonia da Arára.

Os meus amigos tinhão sido os primeiros a avistar-se com os selvagens nas visinhanças da Cachoeira de Santa Clara.

Dirigirão-lhes palavras de amisade, e para os não intimidar esconderão as armas de fogo que trazião.

Mas os selvagens recusarão parlamentar, e apenas virão soldados entre os da bandeira correrão para o lado da costa espavoridos.

Cedo tiverão de reconhecer outra bandeira mais numerosa que subia o rio comigo.

E em vista dos antecedentes ninguem estranhará que os miseros pensassem ser a caça dos kurucas o alvo de ambas as expedições.

Intimidava-os especialmente a expedição de Minas.

E atterrados entre o apparato de tamanha força assentarão de capitular.

Para esse fim se encaminharão á casa de Luiz Ferreira da Gama, ultimo morador das margens do Mucury, homem

humano, que sempre lhes fizera bem, e que por isso vivia tranquillo no centro das mattas com sua familia.

Pedirão-lhe que os apadrinhasse com os *Portuguezes* que querião matar a todos os selvagens, e offerecerão os filhos ao captiveiro com a condição de ficarem perto, e onde elles alguma vez os podessem ver.

Deixarão logo em refens alguns kurucas, e um do Capitão Potik declarando-se que era um presente para o Capitão Grande, como então me chamarão.

Um outro, novo Agamenon, trouxe para o sacrificio a sua pobre Iphigenia, e mandou-ma por intermedio da familia Gama, dizendo que fazia aquelle donativo para eu ficar manso.

Despediu-se da menina choroso, mas ao mesmo tempo a consolava dizendo-lhe que ella hia ganhar muitas cousas bonitas.

Felizmente e em acto successivo a minha canôa aportou á casa de Gama a tempo de poder eu restituir Iphigenia a Agamenon, tranquilisando-o sobre as actuaes disposições dos christãos.

E foi a Iphigenia dos Gyporoks mais feliz que a dos Gregos, porque não teve que submetter-se ao onus de Sacerdotiza de Diana para escapar á crueldade de Calchas. Annos depois o bom Gama a encontrou mãi de familia, acompanhando seu marido e filhos.

Não foi ella só que livrei do captiveiro. Não consenti que nenhum outro kuruca fosse recebido pelos meus companheiros de viagem, e quiz tambem devolver a Potik o filho que me deixara.

Mas o kuruca me estava tão affeiçoado á vista da generosidade com que eu presenteava a sua gente, que não houve meio de separal-o de mim.

Trouxe-o para o Rio de Janeiro phantasiando que o poderia pela educação transformar em instrumento da civilisação dos seus patricios e parentes. Infelizmente admittido entre os aprendizes do Arsenal de Guerra falleceu em pouco tempo.

O commandante do vapor *Princeza Imperial* fez outra excepção trazendo um kuruca cujo destino ignoro.

As tribus que eu avistei em 1847 erão as mesmas que nos annos anteriores tinhão apparecido em S. José de Porto Alegre.

Fiz quanto pude para captar-lhes a benevolencia.

Tinha vindo do Rio preparado com presentes de ferramentas, missangas, espelhos, etc., e de S. José subi com 5 canôas carregadas de mantimentos.

Pude portanto obsequial-os como os coitados nunca o tinhão sido. A mór parte dos presentes distribui pelas minhas mãos, mas deixei em casa de Gama provisão que foi repartida nesse mesmo dia pelo meu excellente amigo e companheiro de viagem o Rv.^{mo} Vigario Geral de Caravellas Norberto da Costa e Sousa, que ficara um pouco atrazado benzendo o Cemiterio da colonia da Arára.

Conquistei naquelle dia a amisade dos Cyporoks que posteriormente resguardou-me a vida, e tornou possiveis os estudos do terreno entre Santa Clara e Philadelphia como depois contarei.

O Capitão Gyporok era o mais notavel dos Caciques, e o que mais pareceo entrar nas minhas visitas de pacificação. Este nome de "Gyporok" que muitas tribus lanção alternativamente umas contra as outras parece um nome injurioso cuja verdadeira significação ignoro. Mas o Cacique de que fallo o tomava com orgulho, mesmo quando mais pacifico estava. Era um Indio bravo, e intelligente, quanto elles o podem ser.

Quando eu lhe recommendei que não fizesse mal aos christãos e que ficasse manso, respondeo-me com emphase: — Fiquem mansos vocês que nós estamos tão mansos como kagados. E dizia a verdade.

Foi Gyporok e sua tribu que com mais confiança acceitou os meus conselhos, e começou a apresentar-se aos christãos da Costa. Caro pagou o infeliz a fé que deu ás minhas palavras.

Um anno não se havia ainda passado depois do nosso encontro e tractado de paz, quando no sitio das Itaúnas termo de S. Matheus sob o pretexto mais frivolo, e dominado de uma das mais hediondas paixões um intitulado christão de nome Salles assassinou traiçoeiramente o bom Cacique, e mais 14 de sua tribu.

Uma filha que escapou á matança acolheu-se em casa do bom Gama, na boa e na má fortuna constante amigo e protector dos selvagens.

Tambem elles respeitavão-lhes as plantações e a familia, mesmo quando em sua colera procuravão exterminar os *Portuguezes*.

Perseguidos e fracos não temião apparecer-lhe.

Quando cheguei ao Mucury em 1847, Gama dera-me um aviso utilissimo, e vem a ser que á sombra da minha comi-

tiva ia um parente dos assassinados Violas na intenção de retaliar contra os selvagens. Expelli da flotilha tal companheiro, e declarei que eu era o defensor, e nunca seria o verdugo desta infeliz gente.

No Relatorio de 1853, eu disse: —

"Trahidos e decimados os infelizes se concentrarão novamente pelas brenhas para fugirem á escravidão, ao bacamarte e ao veneno; por que, para vergonha da civilização, o veneno tem sido tambem empregado contra os selvagens nas immediações do Mucury.

"Conta-se até o horroroso caso de uma tribu inteira victima dos sarampos, que com o fim de exterminal-a lhe forão perfidamente innoculados, dando-se-lhes roupas de doentes atacados daquelle mal.

"Assim pois não deve admirar que uma das grandes difficuldades que tem encontrado a Companhia do Mucury nas immediações de Santa Clara seja chamar á convivencia as tribus que por alli vagão.

"Os empregados da Companhia tem ordem de dar farinha e ferramenta a quantos selvagens encontrarem, mas só em Agosto de 1852 pela primeira vez foi possivel fallar-lhes e dar-lhes farinha algumas legoas abaixo de Santa Clara.

"Deve-se, porém, notar que esses mesmos que fogem espavoridos dos homens de espingarda em Minas, no Mucury, e em S. Matheus, vão muitas vezes como amigos á Colonia Leopoldina, porque alli nunca se lhes fez mal.

"Poucos dias depois da minha chegada a Santa Clara em 1852, uma expedição mandada do Todos os Santos pelos meus amigos de Minas Novas, conseguio á força de bradar "Jac-Jemenuck" chegasse á falla uma tribu que caçava a 2 legoas para cima de Santa Clara.

"Os caçadores derão noticia da minha chegada, confessarão ser os que dias antes havião recebido farinha, prometterão vir a Santa Clara, onde só apparecerão em numero de 12 no mez de Novembro. Tiverão hospedagem franca por duas semanas, mas não foi possivel detel-os e regressarão aos bosques.

"Na minha viagem desse anno, de Santa Clara para o Todos os Santos, muitas vezes pizei os vestigios frescos dos selvagens, mandava chamal-os pelos linguas que me acompanhavão, e como não apparecessem lhes deixava ferramenta dependurada nas arvores."

No meu officio de 27 de Janeiro de 1853 ao Exm. Presidente de Minas, accrescentava eu: —

"Tenho confiança de que com este systema de não interrompida obsequiosidade, ha de a Companhia do Mucury captar a benevolencia e amisade dos selvagens, e que se os não civilisar, como espero, ao menos os não terá como inimigos.

"Tratar com bondade aos selvagens é o meio infallivel de conquistar-lhes a amisade. Entre outros exemplos temos um de poucos annos, não longe do Mucury.

"Os selvagens do municipio do *Prado* fazião-se notaveis pelas suas correrias e depredações em 1845 ou 1846.

"Os habitantes prenderão alguns homens e kurucas (meninos), e a authoridade da Villa fez remessa de todos ao Sr. General Andréa, Presidente da Bahia.

"O Sr. Andréa em vez de os mandar, como se usa, distribuir por alguns amigos em perpetua domesticidade, dêo-lhes vestuarios, presentes, ferramentas, e os reenviou para as mattas do Prado. Foi agua na fervura. Desde 1846 não se menciona um só attentado dos selvagens do Prado."

Em 1852 soube de Gama que depois da matança de S. Matheus os restos das tribus desconfiados da palavra e promessas dos *Portuguezes* se havião embrenhado, e delles não havia a minima noticia.

Suppoz-se a principio que havião subido o Mucury, mas esta idea desvaneceo-se, porque em Santa Clara apparecião duas tribus numerosas, e inimigas, que occupavão as margens do Rio, uma ao norte e outra ao Sul — Bakuês e Porokuns; dizia-se que ambas tinhão estado em guerra com os Gyporocks.

Em consequencia passou como certo que estes se havião internado para o norte nas mattas do Prado e de Alcobaça, onde por aquelles tempos havião os selvagens feito sua apparição ás centenas.

Voltemos ás cabeceiras do Mucury do norte em 1847. Nesse anno as doutrinas humanitarias encontravão um poderoso apostolo no Presidente de Minas o Exm. Sr. Quintiliano José da Silva.

Este distincto Mineiro mandou fundar o Quartel de Santa Cruz na margem do Rio Preto para ponto de apoio e de soccorro aos exploradores da Companhia do Mucury, cujas estradas então se suppunha que terião de subir pela margem esquerda do Mucury, e ao mesmo tempo dalli se emprehender uma cathequese mais christã.

No quartel de Santa Cruz apresentarão-se pacificas diversas tribus, e entre ellas uma dirigida pelo Capitão Casimiro.

Formarão alli um numeroso aldeamento.

Erão as mesmas que annos antes tinhão sido victimas da carnificina da Capivara em que já fallei.

O quartel teve guarnição até 1849. Mas os Indios que alli se forão aldeando, cedo tiverão queixas serias do Commandante do destacamento, sob cuja unica direcção estavão.

Erão elles obrigados a fazer todo o serviço de roça em quanto os soldados estavão em criminosa ociosidade.

Ao depois offensas mais dolorosas excitarão a colera dos selvagens. O sentimento da familia não é um producto de civilisação, nem um simples preceito religioso — é um sentimento innato no coração do homem.

Os selvagens do Rio Preto punirão no Sargento Coelho sua deploravel devassidão.

Assassinarão-no e tambem a tres soldados do destacamento. E desde 1849 até hoje toda a vasta região das cabeceiras do Mucury do norte tem estado sob o dominio exclusivo dos assassinos do Sargento Coelho.

Note-se porém, que no attentado commettido em 1849 pelos selvagens do Rio Preto ha simplesmente uma vingança pessoal, que elles calculadamente procurarão limitar ás pessoas dos que julgarão criminosos.

Ouvi a mais de um dos soldados que lá estavão com o sargento, que o Capitão Casimiro tendo mais de cem arcos e havendo alli sómente seis soldados, avisára a aquelles de quem não tinha offensa que se retirassem, e não tomassem o partido de Coelho de quem elle ia vingar-se.

Effectivamente quatro desertarão em vista do aviso sem communical-o ao commandante.

Descendo pela margem esquerda do Mucury, da barra do Rio Preto até Santa Clara, se encontrão diversas tribus, e na altura de Santa Clara os Bakuês que estão em guerra continua com a gente de Batata e Porohum residentes da parte do sul.

Conheço poucas particularidades da vida intima e costumes destas tribus, mas de nenhuma tenho noticia que não sejão Botocudos.

Conheço melhor e por propria observação os habitantes da margem direita do Mucury desde Santa Clara até as suas mais remotas cabeceiras, confrontando com as aguas do ribeirão de S. João confluente do Arapuca, sete lagoas acima de Philadelphia.

Vou referir pelo miudo como fiz com elles conhecimento, e V. S. poderá estudar os homens nas suas relações comigo.

Em 1852, como em 1847, organizei duas expedições, uma que partio do Alto dos Bois em demanda do rio Todos os Santos, e descia com uma picada até a sua barra no Mucury.

Era dirigida pelos meus amigos Dr. Manoel Esteves Ottoni, Augusto Benedicto Ottoni, Silverio José da Costa, e seus filhos, Casimiro Gomes Leal, e outros.

Eu e meu cunhado o Sr. Joaquim José de Araujo Maia penetramos na matta, partindo de Santa Clara com o rumo de O. N. O. certos de que iriamos cortar, como de facto cortamos, a 16 legoas de distancia a picada de Todos os Santos.

Os amigos que vinhão de Minas ao meu encontro, deixarão no Poté, sete legoas para dentro do ultimo morador de Minas, os ultimos Nacknenukes de que havia noticia, mas a cada passo do Poté para baixo, presentião moradores mysteriosos que caprichavão em occultar-se.

E eu desde Santa Clara viajando em paiz completamente desconhecido, via tambem a cada momento as pegadas, e ás vezes o bulicio dos habitantes, chamava-os incessantemente pelos linguas, mas recusavão-se tenazmente a apparecer.

Quem erão elles ?

Erão Botocudos todos os selvagens de que tenho dado noticia no Alto Mucury. Os que os não erão tinhão sido por elles expellidos das mattas.

Do lado da Costa nem mais se ouvia fallar em os nomes dos Aymorés, Abatiras, Pataxós, Monós, Cumanachos, e Frechas. E todas as tribus de que havia noticia erão de Botocudos.

Os historiadores dizião que os Botocudos erão os descendentes dos Aymorés, e seus confederados.

Era pois de crer que Botocudos fossem esses habitantes mysteriosos que teimavão em não manifestar-se.

Mas tal conclusão eu não tirava, porque não admittia essa filiação dos Botocudos nos Aymorés.

Nas feições caracteristicas dos Botocudos eu encontro quanto de mal dizem os historiadores dos Aymorés.

Mas essa barbaridade, essa estupidez, essa inaptidão para civilisar-se que admitto no Botocudo não a posso admittir nos Aymorés, e seus confederados.

O facto mesmo da confederação, os motivos della, pois tinha por fim a expulsão de conquistadores perigosos, que

se havião apoderado da costa, a intelligencia varonil com que souberão os Aymorés sustentar a guerra por tantos annos, os resultados dessa guerra, que despovoou Porto Seguro, e lhe deu baixa de capitania — tudo me fazia acreditar que esses famosos Aymorés tinhão uma civilisação mais avantajada do que a dos Botocudos, e que esse má fama que se lhes deo na historia provinha dos chronistas suspeitos de Porto Seguro, e erão desabafos de vencidos.

Quando pois eu perguntava a mim mesmo quem erão esses excentricos moradores que não querião apparecer, estava longe de suppor que fossem Botocudos.

Acreditava antes que erão os descendentes desses valentes Aymorés e Abatiras aos quaes tem a historia tratado com uma severidade, a meu ver immerecida.

Cumpre porém confessar que um terror natural nos fazia palpitar de emoção a cada novo trilho que encontravamos.

Reconhecendo que era habitado o paiz que atravessavamos, eu continuei a ter fé no programma humanitario de moderação e generosidade, que desde 1847 eu apregoava como a melhor das cathequeses.

Logo que descobria uma batida de selvagens, mandava dependurar nas arvores, em lugar bem visivel para quem passasse, diversos presentes, ora uma fouce, ora um machado. E collocava no olho do machado, ou alvado da fouce o meu cartão de visita, esperando captar a benevolencia com o presente, e com o cartão que certo não decifrarião, desafiar o sentimento do maravilhoso.

Um grupo de trabalhadores administrados pelo Sr. José Silverio da Costa, presentiu os selvagens ao passar pelo Urucú; chamou-os, seguio-os, offereceo-lhes presentes, mas obstinadamente recusarão parlamentar, e como se teimasse em chegar á falla, internarão-se pelo mato protestando em tom ameaçador, que não querião fallar com *Portuguezes*.

Deixou-se-lhes porém o tributo do machado, e de farinha, que os sujeitos á surrelfa carregarão.

Serão Aymorés, e Abatiras ? Perguntei a mim mesmo muitas vezes mas inutilmente, porque esse anno atravessei sem ver viva alma, todo o Valle do Ribeirão da Pedra, e do Urucú.

Alcançando o valle do Todos os Santos fui mais feliz: diversas tribus de Nacknenukes que presenti, sendo solicitados por intervenção dos interpretes, se me apresentarão.

As primeiras conferencias entre mim e os Nacknenukes tiverão lugar no dia 4 de Agosto de 1852, no mesmo lugar que hoje occupa a minha querida Philadelphia.

Philadelphia está situada na margem esquerda do Todos os Santos, confluencia do Ribeirão de Santo Antonio.

O ribeirão de Santo Antonio tem uma superficie de mais de duas legoas quadradas, e além da povoação de Philadelphia é occupado por muitas familias de colonos, e pela tribu do Capitão Timotheo, que antes erão os seus unicos habitantes.

Os primeiros cumprimentos que fiz aos Nacknenukes forão uma larga distribuição de toucinho, farinha e rapaduras.

Os Nacknenukes acharão-se em força de mais de 100 arcos. Um dos presentes era Poton-cacique de uma das tribus que occupão o ribeirão do Poton, legoa e meia abaixo de Philadelphia. Estavão tambem Ninkate e Timotheo caciques de uma mesma tribu que habita no Santo Antonio.

De Poton me declarei parente, e elle acolhêo rindo a demonstração de que o eramos. Tirei a demonstração do nome — Poton — que pronunciei — Potoni — e do qual, não sei por que regra de etymologia, extrahi — Ottoni.

Aceito o parentesco, dice-me Poton que trouxesse os mais parentes, porque as terras erão muitas e chegavão para todos.

Peguei-lhe pela palavra, e 15 dias depois abria-se por conta de diversos parentes do selvagem uma grande derrubada, que produzio tres magnificas fazendas, roteadas hoje por mais de 150 escravos, e cujos proprietarios vivem com os seus parentes nas melhores relações.

Depois dirigi-me a Timotheo e Ninkate. Este havia declarado com arrogancia que os *Portuguezes* devião se contentar com as terras que já tinhão tomado!

Afaguei-os e presenteei-os; e aquella mesma tarde os dous me pedião que abrisse alli uma grande roça.

Assim começou nos Estados-Unidos a occupação da Pensilvania. Sorriu-me a analogia e aceitando o auspicioso fausto, tomei posse da minha Philadelphia, repetindo mais de uma vez os versos de Philinto:

> Aqui nos torrões toscos
> Sentados aceitavão
> Os selvagens indigenas o preço
> Da terra já além dada:
> Exemplo insigne que esculpirá infamia
> Nos que as terras não suas captivarão.

Timotheo acompanhou-me até Santa Clara, onde lhe dei, além de muitos outros objectos, quanta ferramenta pôde carregar.

Consegui que a sua tribu se fixasse no Ribeirão das Corsiumas, que é o principal confluente do Santo Antonio. O Sr. Augusto Ottoni registrou convenientemente em nome de Timotheo e sua tribu a posse daquelle Ribeirão, cuja propriedade lhes fica assim garantida. O resto do Ribeirão de Santo Antonio pertence ao capitão Pogirum, no dizer de Timotheo, mas realmente á companhia do Mucury, que já tira daquellas terras um foro annual de 2:400$000 réis.

Timotheo bem como a sua tribu, ainda hoje arriscarião a vida para defender a propriedade que doou á companhia.

Tudo tenho feito para que elle nunca se arrependa da doação.

Timotheo tem grande poder sobre os seus. Nas Corsiumas repartio as terras pelas familias da tribu, e um dos poucos artigos do seu codigo diz — quem não trabalha não come.

Ha nas Corsiumas canavial, bananal, batatal, etc., e aquella gente é incomparavelmente mais feliz do que antes de me ter por socio nas terras.

Timotheo, Ninkate, Poté, Poton, Chrispim, Krakatan, Inhome, Filippe, etc., são caciques das diversas tribus da confederação dos Nacknenukes que occupão os valles do alto Todos os Santos, Mucury do Krakatan, Poté, e Mucury de fóra.

E' gente que já está toda fixada no sólo em que foi encontrada em 1852. São lavradores, plantão, colhem, e são antes de auxilio do que de peso aos novos moradores.

Vê-los-heis repetidas vezes nas ruas de Philadelphia vendendo puaia, couros de veado e outros, batatas, canas, e outros objectos.

Os Nacknenukes vivem em uma invejavel harmonia, não só os individuos de cada tribu uns com os outros, como as tribus entre si.

Não ha mez algum em que além das visitas processionaes que fazem a Philadelphia por motivos do seu mesquinho commercio, se não note, ora a tribu inteira das Corsiumas em peregrinação para casa dos seus visinhos do Poté, ora a tribu do Poton em visita ás Corsiumas.

Nas raras e pequenas dissidencias que tem entre si, ou quando recebem offensas dos *Portuguezes*, em vez de fazerem justiça por suas proprias mãos, recorrem os Nacknenukes com confiança ao seu protector legal o Sr. Au-

gusto Benedicto Ottoni, director dos Indios do Mucury e Todos os Santos.

No anno de 1855, quando se abrio a estrada de Philadelphia para o Alto dos Bois, um trabalhador perturbou a paz domestica de um pobre Indio do Poté. Toda a tribu se dêo por offendida e lembrou-se das suas flechas, mas o velho cacique opinou que se viesse pedir justiça ao Sr. Augusto Ottoni.

O caso não está previsto no Codigo, mas por virtude do regulamento dos Indios, o Director delles fez despejar do districto o perturbador das familias dos pobres selvagens, ganhando cada vez mais força moral sobre elles, e obrigando-os a abençoar a épocha em que tal protector entrou nestas mattas.

Já referi como o Capitão Poton recebeu no seu Ribeirão — podéra dizer no seu Reino — diversas pessoas e entre ellas meu cunhado o Sr. Joaquim Maia, que o Indio accolhêo como parentes.

Para acautelar o futuro desta pobre gente o Sr. A. Ottoni na qualidade de Director dos Indios, registou-lhes as posses que elles occupavão, e entre outras a de um dos principaes confluentes do Poton, onde existia o aldeamento.

Os selvagens ficarão sabendo que era aquelle confluente do Poton, que lhes ficava exclusivamente pertencendo.

Mas por equivoco os derrubadores do Sr. Maia em 1857 não respeitarão as devisas convencionadas, e penetrarão no Ribeirão do aldeamento.

Os Indios correrão para Philadelphia e começarão queixando-se ao Sr. A. Ottoni dos Gyporoks, que dizião terlhes entrado em casa. E perguntando o Sr. A. Ottoni se era gente de Pojichá, ou de João Imma, responderão:

E' o capitão Joaquim Maia que está Gyporok. Quando porém elles se queixavão, já tinha cessado o motivo, tendo sido retirados os derrubadores, que por equivoco havião penetrado no alheio dominio.

Não é só justiça, é tambem benevolencia que os Indios tem confiança de achar sempre no Sr. A. Ottoni.

Em 1856 o Cacique do aldeamento do Noret, aguas do Suassuhy, 6 a 8 legoas distante, veio a Philadelphia visitar o Director dos Indios, e o seu Deos te salve foi, que sabendo ser o Director amigo dos tapuios trabalhadores, vinha communicar-lhe que tinha um grande paiol de milho, e pedir-lhe que lhe mandasse levantar uma maquina de fazer farinha.

A promessa foi feita para logo que os Indios abrissem

para Philadelphia caminho onde se podesse andar a cavallo; mas antes o dono do paiol mudou-se para o Poté, onde com os outros planta milho para vender aos tropeiros.

Tratando da confederação dos Nacknenukes, dizia eu no meu relatorio de 1853, a paginas 34 a 35, o seguinte:

"Esta confederação não tem leis, nem governo regular, nada que se assemelhe a uma organisação nacional; são visinhos em boa visinhança uns com os outros, que mutuamente se auxilião em caso de perigo.

"As tribus em geral estão no mesmo caso, chama-se capitão o homem mais valente, e ás vezes o mais bem apessoado; acompanhão-o mas não lhe obedecem, nem ha regra alguma de deveres dos selvagens para com o chamado capitão.

"Tudo entre os miseros indica uma sociedade em acabada dissolução, ou uma raça onde ainda mal germina a sociedade. Nem ao menos uma religião nacional os liga.

"As idéas confusas que tem da Divindade parecem bebidas nas conversações de alguns que entendem o portuguez, e tem ouvido a diversos missionarios, e entre elles ao Sr. Frei Bernardino que ha annos reside por aquellas immediações, e hoje no novo districto do Jacury.

"Vi diversas sepulturas onde enterravão-se alguns mortos. Todas estão ornadas com a Cruz da Redempção, e observei com religiosa attenção a passagem de alguns por junto daquella mansão dos seus finados.

"Todos fazião genuflexão perante a Cruz, e voltando-se depois para a sepultura, uns davão sua benção, outros pedião-a, outros saudavão simplesmente, conforme o parentesco e relação que tinhão com o morto.

"No Crakatan a sepultura de um chefe de familia está justamente no meio do mandiocal e junto da casa.

"O ajuste do casamento ordinariamente se faz sendo a noiva ainda menina; fica ella em companhia do pai, mas o noivo a sustenta.

"Dá-se a bigamia, mas os casos não são numerosos.

"A fidelidade conjugal é altamente apreciada, e bem que a fome algumas raras vezes leva o marido á infamia de vender a mulher, não é menos exacto que a mór parte dos attentados commettidos pelos selvagens nestes ultimos annos, tem sido attenuados pela attendivel circunstancia de haverem sido commettidos pela defesa da liberdade de seus filhos, e da pudicicia de suas mulheres.

"O adulterio é punido pelo marido retalhando as nadegas da mulher, e no entanto o adultero não é inquietado.

"Ha meretrizes entre as tribus, mas são olhadas com desprezo, e o prova o seguinte facto:

"José Campo, em quem já fallei, quando me veio encontrar nas mattas, trouxe comsigo uma mulher que lhe carregava os mantimentos, e era companheira dos seus trabalhos.

"Certo dia eu lhe dice que queria ser padrinho do seu casamento, e que havia de fazer uma festa nesse dia, respondeo-me que queria casar-se, e estava procurando uma senhora, mas que não podia aceitar para isso aquella companheira de sua viagem, por ser uma mulher dama.

"A difficuldade de subsistencia devia necessariamente influir nos arranjos matrimoniaes dos Nacknenukes. Assim sómente são bigamos ou tem tres mulheres os caçadores mais felizes, ou os mais robustos trabalhadores.

"Pelo mesmo motivo dá-se a notavel circunstancia de que nunca um esbelto adolescente desposa uma rapariga de sua idade. Ambos são inexperientes, não conhecem o lugar das melhores caçadas, ou as moitas onde se vão arrancar raizes tuberosas; se se casassem arriscavão-se a morrer de fome.

"Assim o esbelto rapaz é conquistado sempre por alguma viuva idosa, mas rica de experiencia, e que sabe guiar o seu noivo aos lugares onde podem ambos encher a barriga; por seu turno a bella moçoila dá tambem preferencia ao velho caçador sobre o inexperiente rapaz por mais gentil que este lhe pareça."

Os Nacknenukes sabem ser agradecidos, e dessa qualidade deo Timotheo notavel testemunho em uma circunstancia bem momentosa.

Em principio de 1854 o Sr. Augusto Ottoni, agente da companhia em Philadelphia, foi avisado por carta de uma pessoa respeitavel do districto de S. Miguel do Gequitinhonha, que uma tribu de selvagens maquinava vir daquellas partes procurar os Nacknenukes do Todos os Santos, e instigal-os ao assassinato dos *Capitães* que estavão-se estabelecendo em Philadelphia.

A carta até mencionava quaes os meios de persuasão com os quaes os selvagens do Gequitinhonha contavão fazer prevalecer o seu sanguinolento projecto.

Havião de dizer aos Nacknenukes que matando os capitães de Philadelphia não havia mais estrada e assim defendião os Nacknenukes as suas terras.

Parecia ter havido um largo estudo da questão, e ficava

patente que os fins do assassinato erão antes defenderem-se os selvagens do Gequitinhonha contra os perigos da *estrada* do que preservarem da usurpação as terras dos Nacknenukes.

O Sr. A. Ottoni não deu importancia ao aviso, acreditando que o raciocinio era bastante especioso para que a sua paternidade podesse ficar aos Tapuios, e o projecto perverso demais para poder ser attribuido aos christãos.

No entanto não decorrerão muitas semanas, e um bello dia um Indio das Corsiúmas entra accelerado em Philadelphia, e da parte de Timotheo vem annunciar que em sua aldêa estavão Gyporoks mal intencionados (mavones) que o tinhão vindo convidar para assassinar os capitães de Philadelphia a fim de não haverem mais estradas, e assim não tomarem os Portuguezes as terras dos Nacknenukes.

Dizia o mensageiro que Timotheo allegava a sua amizade com o capitão Pogirum (sou eu) e os beneficios, e protecção que os Indios todos recebião do capitão Cremon (o Sr. A. Ottoni), e explicara com evidente bom senso que nós só tomavamos as terras de que elles não precisavão.

Mas que os visitantes insistião no seu projecto e annunciavão que, visto ser tolo o Timotheo, elles o virião executar.

No dia seguinte o Sr. Roberto Schloback estando alinhando a estrada encontrou-se com Timotheo e os seus armados.

Timotheo tudo confirmou ao Sr. Schloback, e accrescentou, que tendo os Gyporoks sahido da sua aldêa, e estando alli nas visinhanças entretidos a comer bichos de taquára, elle os espreitava para no caso de seguirem para Philadelphia ir tambem com a sua gente defender o Capitão Cremon.

Os assassinos não apparecerão, e nós não temos querido aprofundar os mysterios de iniquidade que o facto encerra em si.

Servio elle para estreitar nossas relações de amisade, e de gratidão para com o nosso excellente visinho e bondadoso selvagem.

Os Nacknenukes nunca viajão isoladamente; se tem de ir longe do aldeamento vai ou toda a tribu ou um grupo numeroso.

Alugão-se em turmas para trabalhar, mas sómente supportão serviços mais moderados como a colheita das roças, a roçada de uma palhada.

O preço arbitrado pelo Director dos Indios para o seu salario é de uma pataca para os homens e meia pataca para as mulheres.

E bem que não fação nominalmente outra distincção das diversas moedas senão as de pataca cobre, pataca nota, pataca prata, já sabem arithmetica bastante para quando trabalhão um dia exigirem 8 *patacas cobres* — id est — oito moedas de quarenta réis.

Este anno, 54 alugarão-se para colher uma grande roça de milho do Sr. Joaquim Maia, e estão presentemente colhendo a roça da companhia mesmo em Philadelphia.

Cumpre porém dizer que nem sempre os Nacknenukes forão mansos, pacificos e agradecidos como agora os descrevo.

Quando derão de si as primeiras novas nos terrenos limitrophes ás cabeceiras do Mucury, erão elles a vanguarda da alluvião de Botocudos, que não podendo sustentar-se no Rio Doce mudarão para o norte o theatro de suas devastações e represalias.

Forão os Nacknenukes, como depois explicarei, que expellirão de seus dominios os infelizes Maxacalis. E quando senhores das terras dos Maxacalis se approximarão dos Portuguezes, foi commettendo tropelias e attentados ora provocados, ora não.

Em abono da verdade porém neste caso, a mor parte das suas culpas devem-se antes imputar aos linguas de quem os coitados erão instrumentos.

Ha bondade no caracter dos Nacknenukes, mas deve-se confessar que elles se tornarão completamente inoffensivos e bons, depois que com a população christã crescerão os meios de repressão do lado povoado, ao mesmo tempo que os outros Botocudos do interior lhes fazião a guerra sem dar quartel.

A' cerca dos costumes dos Nacknenukes mais do Oeste, quando primeiro sahirão á falla — suas depredações e seus soffrimentos, escrevi em 1853 ao Exm. Governo da provincia de Minas o seguinte:

"As violencias e depredações em que figurou dessa épocha em diante o nome dos selvagens, tem sido, ou reacção contra extraordinarias violencias, ou as mais das vezes filhas das instigações dos linguas, que erão quasi sempre soldados desertores, os quaes mettendo-se por entre os selvagens, e ganhando facilmente preponderancia entre elles, se fazião temiveis aos fazendeiros das immediações das mattas; e como os salteadores da Italia, ou lhes impunhão

contribuições de guerra, ou lhes devastavão as plantações e criações com o braço innocente dos selvagens.

"A repressão necessaria, muitas vezes atroz, e que quasi nunca alcançava os verdadeiros culpados, fez passar os selvagens por nova transformação. Estes infelizes não encontrando, como eu já disse, na pequena circunferencia de territorio a que ficarão reduzidos, a subsistencia necessaria, se acharão na indeclinavel necessidade de pedir á agricultura os meios para viverem.

"Os linguas mais intelligentes prevalecendo-se da dependencia em que o reconhecimento desta necessidade punha os selvagens, começarão a fazer derrubadas de plantações com os braços dos miseros na borda da matta, e vendião depois estas posses a alguns colonos mais ousados que querião estabelecer-se lá.

"Vendida uma primeira posse, os linguas internavão-se novamente com as suas bandeiras de selvagens, hião fazer novas derrubadas e plantações para venderem do mesmo modo.

"Esta transformação deu-se especialmente á cerca das tribus que ficarão mais em contacto com a povoação de Minas, que se domesticarão com mais facilidade, porque talvez o terreno que lhes deixou a guerra com as outras tribus é menos abundante de caça, de pesca, e de fructos silvestres.

"A' imitação do que fazião os linguas, muitos homens emprehendedores, alguns até proprietarios de escravos, como por exemplo, o fallecido Antonio Gomes Leal, do Alto dos Bois, metterão-se tambem pela matta, e sempre com o apoio do braço dos selvagens, que elles obtinhão matando-lhes a fome com alguns presentes, forão estabelecendo habitações provisorias, que, ou vendião para internar-se mais pela matta, ou legavão a seus filhos e familia.

"Estas especies de posseiros ad instar dos Shelters que conquistão as mattas virgens dos Estados Unidos, e preparão habitações e fazendas provisorias para vender, tinhão por si o direito de occupação, que, como V. Ex. sabe, é o unico titulo de possessão da maxima parte da superficie da provincia de Minas.

"E foi incontestavelmente desta maneira que se povoou de 20 annos a esta parte toda a matta ao sul e a leste do Alto dos Bois, contendo a Trindade, S. João do Sorobim, Arapuca, S. Felix, e Jacury, onde se creou ultimamente pela Assembléa Legislativa dessa provincia um districto de paz. E no entanto Exm. Sr., um só dos innumeraveis proprie-

larios que habitão essas mattas, que se sujeitarão aos mais rudes trabalhos, que arriscarão suas vidas, comprometterão e estragarão sua saude para ter um torrão de terra que deixar a seus filhos, não se julga hoje seguro em sua propriedade, á vista de serem alguns desapossados de suas fazendas, com casa de vivenda, paióes, gongorras, engenhos de canna, e criação de gado, a pretexto de que se havião servido dos braços dos indigenas para abrirem aquellas fazendas!

"Acredite V. Ex. que esta questão é da maior transcendencia, e merece que V. Ex. se procure informar cabalmente a respeito della para deliberar o que mais acertado for. Não serei eu quem pretenda sustentar essa especie de escravidão a que, obrigados pela fome, os indigenas se tem sujeitado. Bem pelo contrario sou o primeiro a denunncial-a, pedindo a V. Ex. que a par das providencias que em sua sabedoria julgar acertadas para garantir aos numerosos fazendeiros estabelecidos naquellas mattas, a propriedade dos estabelecimentos que tantos sacrificios lhes tem custado, tome V. Ex. ao mesmo tempo as medidas necessarias para melhorar a sorte dos infelizes selvagens.

"Sabendo que estes, pelo que fica dito, não têm nas mattas meio de subsistencia, certos por outro lado que, aterrados pelas passadas carnificinas, elles não ousão attentar, nem mesmo furtivamente, contra suas plantações, os fazendeiros cuidão só em ter o paiol supprido para matar a fome aos selvagens, porque assim infallivelmente obtem trabalhadores que lhes plantem, capinem, e colhão as roças e os cannaviaes, e fação todo o serviço de cultura.

"Não é raro ver-se numa fazenda contigua á matta occupada pelos selvagens, grande porção de ferramentas que poderá fazer crer ao viajante que aquella casa pertence a um proprietario de 20 ou 30 escravos, e entretanto o fazendeiro não tem um só escravo, e nem elle nem as pessoas de sua familia trabalhão de fouce ou machado. A ferramenta é destinada para os selvagens que na estação propria voluntariamente se vem entregar ao trabalho das roças para assim matarem a fome: senhores de engenho e de cannaviaes, nem bois tem para o costeio dessa lavoura, e no tempo da moagem as mulheres dos selvagens carregão nas costas a canna cortada que seus maridos vem moer no engenho.

"Nem todos os selvagens que chegão ás fazendas nestas estações trabalhão, mas tambem só comem ordinariamente do caldeirão do fazendeiro os que trabalhão e suas familias.

Os outros cação, ou comem os restos da mesa dos trabalhadores.

"E tal é o poder da fome, e o terror com que subjuga os selvagens a lembrança das passadas carnificinas, que os miseros se sujeitão ao chicote, á palmatoria e até ao tronco, que são ainda hoje os instrumentos civilisadores de que se servem os moradores christãos. E não só se sujeitão a esses castigos sem resistencia, como não fogem senão das casas onde não lhes dão abundancia de comida."

Hoje, como já fiz ver, o viver dos Nacknenukes é bem diverso. Não são instrumentos das depredações dos linguas, não estão em guerra uns com os outros. Não são victimas da ambição dos fazendeiros, nem mettem medo a estes.

Tem plantações proprias, estão fixados no solo, e só ás vezes ha que exprobrar-lhes alguns furtosinhos nas roças das visinhanças, e a regra geral neste caso é que elles confessão o furto, mas com uma imperturbavel hypocrisia declarão que foi feito por suas mulheres sem elles o saberem, e offerecem-se para castigal-as á satisfação do roubado, que tem de contentar-se com estas explicações, mas que com a queixa afugenta da roça os larapios.

Devo accrescentar que havia alguma exageração nas informações contidas nos topicos copiados.

Os Nacknenukes são dados á medicina, e mais de uma vez notei que de boamente elles offerecem aos amigos os seus recursos contra as doenças. Tem uma materia medica rica, e onde o nosso bom Doutor e meu fallecido amigo Joaquim José da Silva, acharia muitas provas para a sua asserção de que a Materia Medica Brasileira offerecia antidotos contra todas as molestias.

Os Nacknenukes curão as boubas radicalmente com banhos e beberagens de casca de genipapo.

A poucos mezes grassando aqui febres catharraes, o Capitão Inhome trouxe de presente ao Sr. A. Ottoni umas raizes, asseverando serem remedio efficaz contra aquellas febres.

Taes são os Nacknenukes que fiquei conhecendo desde 1852, e com os quaes temos cultivado não interrompidamente a mais inalteravel amizade.

Conhecidos os Nacknenukes, isto é, os moradores das cabeceiras do Todos os Santos e os do Mucury do Sul, restava entrar em relação, e verificar quaes erão os moradores do centro existente entre os Nacknenukes e as tribus que apparecião em Santa Clara, quer do lado do Norte quer do lado do Sul.

O mysterio com que os selvagens desta zona se pretendião esquivar a todo o contacto comnosco, era proprio para desafiar a curiosidade e infundir receios.

A imaginação se comprazia ás vezes com as descobertas que phantasiava ir fazer nessas brenhas dos Aymorés e Abatyras, e eu me perguntava a mim mesmo se não era provavel que aquelles selvagens, os quaes movendo guerra aos usurpadores de sua terra tinhão mostrado espirito de nacionalidade e energia d'alma, tivessem melhorado de civilização com o seu passeio militar pela costa de Caravellas a Porto Seguro.

Se me afigurava que nesses Sertões que ninguem conhecia, eu iria encontrar, senão uma civilisação nova, ao menos alguma cousa que se não encontrasse em outra parte.

No anno de 1853 triangulando o terreno para obter um traço conveniente para a estrada de Santa Clara a Philadelphia, adiantei-me um pouco no conhecimento dos moradores.

Fazendo uma picada de leste a oeste de Santa Clara, achamo-nos nas mais remotas cabeceiras de um Ribeirão — 17 legoas distante do nosso ponto de partida.

Eu fazia esta excursão em companhia do Sr. Joaquim José de Araujo Maia, do Engenheiro Allemão o Sr. Oscar Henniq, com perto de 40 pessoas.

A cada momento presentiamos os mysteriosos habitadores daquellas florestas que perseveravão em conservar o seu incognito, mas que não davão o menor signal de hostilidade.

Para bem reconhecer o terreno desci pelo Ribeirão que estavamos certos ser confluente do Mucury, e em pouco achamo-nos em uma batida de Indios que se foi a pouco transformando em caminho muito limpo e excellente para peões.

No segundo e terceiro dia os moradores invisiveis nos intimarão, entulhando com ramos o seu caminho, que nos não concedião o direito de transito.

Apezar da advertencia, que os entendidos nos dizião ser muito significativa, continuamos a descer pelo Ribeirão, e no 4° dia de viagem (5 de Agosto de 1853) a comitiva dos cargueiros composta de 7 pessoas foi assaltada por algumas flechas no acto de começar a viagem.

Das 7 pessoas de que se compunha a comitiva dos cargueiros, 2 ficarão feridos e 4 fugirão do acampamento. Um preto só conservou o sangue frio: tomou a espingarda, deu

um tiro para o lado donde partião as flechas, e estas cessarão logo, desapparecendo os aggressores.

Note-se que os trabalhadores com o Sr. Maia, que desde manhã se occupava em alargar o caminho para poderem passar as bestas, estavão a uma legoa de distancia.

Eu tinha deixado os cargueiros poucos minutos antes do assalto, e tinha andado aquella legoa inteiramente só.

Pouco antes de montar a cavallo eu tinha ido banharme no rio fóra das vistas da minha comitiva, a mais de 200 braças de distancia.

Considerei pois como facto verdadeiramente providencial não se terem os Indios aproveitado do isolamento em que eu estivera toda a manhã para me mimosearem com alguma flechada.

Não sabia tambem explicar porque razão estando elles de má tenção comnosco deixarão de atacar de preferencia a turma da vanguarda, destacada sempre do corpo dos trabalhadores, e composta só de 3 homens, o Engenheiro Henniq, o Gama, aquelle fazendeiro do Mucury em que já fallei, e mais um trabalhador.

Avisados do ataque por um dos fugitivos voltamos a toda a pressa ao campo da batalha que estava em poder dos nossos e soubemos que o combate se limitara ao que dito fica.

Debalde tentou-se ir no encalço dos assaltantes. Havião desapparecido.

No dia seguinte achamo-nos em um aldeamento, onde havia um rancho barreado e outros mais toscos, grande bananal, mandioca, canna e inhames.

Ficou para mim explicado o ataque da vespera, e o entupimento do caminho.

Os proprietarios temião que lhes fossemos destruir o cannavial, e as demais plantações.

Não consenti que se tocasse em um só objecto do aldeamento, e seguindo viagem alcancei no dia 8 a picada do anno antecedente, justamente no lugar em que, como já referi, os Indios havião recusado chegar á falla, declarando não quererem relações com os Portuguezes. Erão os mesmos daquelle aldeamento.

O ribeirão por onde desciamos era o Urucú.

Acreditei que estes Indios erão os descendentes desses valentes Aymorés e Abatiras, que tinhão levado a guerra á costa para expellir della os invasores de sua terra, e que não tendo podido vencer, se internarão pelos matos. Pensei que fieis ás tradições de animosidade nacional dos seus an-

tepassados se abstinhão religiosamente de todo o contacto com os dominadores.

Assim expliquei o seu comportamento. Mas a cobardia com que fugirão de um só tiro dado ao acaso; mas a bondade com que se tinhão abstido de toda a hostilidade em quanto não virão ameaçado o seu aldeamento; mas o motivo porque não atacarão de preferencia os 3 homens isolados que ião na vanguarda; mas o evidente proposito que tinha havido de pouparem-me.

Erão enigmas que eu não sabia decifrar.

Fazendo regressar os trabalhadores para Santa Clara, segui com quatro pessoas para Philadelphia.

Não podia fazer esta viagem muito tranquillo.

Tinha de atravessar o valle de S. João, e alcançando o Todos os Santos dalli a 6 legoas, subir mais 10 legoas pelas suas margens para chegar a Philadelphia.

Ora no mez de Junho passado, 5 legoas abaixo de Philadelphia, no lugar denominado S. João, uma escolta de operarios da Companhia expedida de Santa Clara, tinha sido assaltada por uma tribu numerosa.

O cacique tinha-lhes declarado com sobraneeria que não queria estrada nas suas terras, e depois elle e os seus lhes havião arremeçado grande numero de flechas, de que resultara ficarem feridos gravemente 3 dos expedicionarios.

O terror foi tal entre estes, que abandonarão no meio da estrada e quasi no lugar do conflicto um companheiro moribundo, o qual morreria das feridas e de inanição, se de Philadelphia o Sr. Joaquim Pereira da Silva, que acolheu e tratou caridosamente os feridos, não mandasse uma força soccorrer e conduzir para o seu rancho o infeliz abandonado.

Mas quem era o ousado e energico tapuio que sabia articular o meu e o teu, e se abalançava a vir bradar na boca das espingardas "não quero estrada *nas minas terras*"!! Este sim, dizia eu, é o representante e descendente dos corajosos Aymorés. Pertencerá elle á tribu do Urucú?

Foi durante a minha digressão pelo Urucú que verifiquei ter havido este outro ataque no Todos os Santos.

Ou fosse a mesma tribu, ou differentes as tribus dos assaltantes do Urucú e de Todos os Santos, o facto era grave por demais.

E tanto que os meus amigos de Santa Clara, certificados dos acontecimentos expostos, se persuadirão que eu me não arriscaria, dado que chegasse a salvamento em Minas Novas, a voltar para o Rio de Janeiro pelo Mucury.

E tal era a sua convicção a respeito, que fizerão regressar para o Rio de Janeiro o vapor que tinha ordem de esperar-me em Setembro.

E eu mesmo tanta importancia dava á situação, que, em vista da hostilidade dos selvagens, comigo mesmo reconsiderei por vezes a empresa encetada, e entrei em duvida se convinha ou não abrir mão de tudo.

Mas já tinha empregado mais de 200 contos do capital da companhia, e o ponto de honra não me permittio recuar.

Fui a Trindade, a Minas Novas e ao Gravatá. Arranjei 40 homens resolutos, inclusive 10 praças de caçadores de Montanha, que forão postos á minha disposição e muito me auxiliarão.

No dia 6 de Setembro estava eu de volta em Philadelphia com o meu pequeno exercito, que devia ir reconhecer os inimigos que nos havião assaltado em Junho no Todos os Santos, e no dia 5 de Agosto no Urucú.

Reparti a força em duas escoltas, uma destinada a descer pelo Urucú, e outra pelo Todos os Santos.

Segui com esta no dia 7 de Setembro depois de ter alinhado nesse dia o armazem e a Praça da companhia em presença de Timotheo e sua tribu, que novamente ratificarão a doação do terreno.

A outra escolta atravessou a cordilheira que separa o Todos os Santos do Urucú. Hia capitaneada por Manoel Francisco da Silva, lavrador residente na matta da Trindade, que falla com perfeição a lingua dos selvagens.

Ao terceiro dia de viagem, ainda no Valle do Todos os Santos, deparou o Sr. Manoel Francisco com um grande aldeamento.

Apenas presentido, os Indios saltarão para o mato, e pedindo-lhes Manoel Francisco que não fugissem, protestando que vinha como amigo — respondêo uma voz energica estas memoraveis palavras: — "Portuguez quando vem á minha casa é para me matar."

Porém replicando Manoel Francisco que vinha da parte de um capitão muito bom, que costumava deixar ferramenta e presentes dependurados nas arvores para os Indios, e que vinha só pedir licença para fazer uma estrada sem se lhes tomar as terras, retorquio a mesma voz:

"Se vocês são desse capitão não precisão de armas: larguem-as." E lançando a escolta as armas por terra, sahio de prompto detraz de um páo um selvagem, e arremeçando tambem para um lado o arco e para outra as flechas, correo

com os braços abertos, e abraçou com a maior effusão todos os individuos da escolta perguntando-lhes pelo capitão.

Declarou em seguida que era meu amigo, e que me dava licença para fazer estrada ainda que fosse pelo meio de sua casa.

Para conhecer-me deliberou-se a acompanhar a escolta até Santa Clara, onde recebeo muitos presentes, e d'onde voltou com o Sr. Augusto Ottoni.

Este valente, e generoso cacique era — Pojichá.

Era elle que tinha atacado em Junho na margem do Todos os Santos a escolta de Santa Clara bradando: "Não quero estrada nas minhas terras."

Quando atacou estes passageiros, não pensou que elles tambem pertencessem ao Capitão que deixava presentes dependurados nas picadas.

Mezes depois sahio ao encontro do Sr. Roberto Schloback, do alto da Pedra da Saudade, e repetio a mesma prohibição, que retirou logo que se lhe explicou ser aquella a mesma estrada para a qual elle já tinha dado licença.

Era mais uma tribu de Botocudos como os Nacknenukes, os Bakuês, os Porokuns, os de João Zuum, e do Capitão Casimiro.

Quando Pojichá descia para Santa Clara com os embaixadores que mandei a sua casa, indicou-lhes no Urucú o caminho da Aldêa Brava, mostrando cicatrizes que dizia serem o resultado de luctas com os Indios d'aquelle lugar; isto é, os do ataque de 5 de Agosto.

Quem erão esses mysteriosos habitadores do Urucú ?

E' o que restava saber para ficarem conhecidas todas as tribus que ora occupão o Valle do Mucury.

Mas os Indios do Urucú souberão guardar o incognito até o dia 6 de Agosto de 1856.

Estabeleceo-se o transito de Santa Clara para Philadelphia, 6 legoas da estrada estendem-se pelo Valle do Urucú.

A cada momento os viajantes presentião os vestigios, e ás vezes os proprios mysteriosos habitantes, os quaes porém pertinazmente recusavão abrir relações com os *Portuguezes*.

Em 1854, 1855 e 1856 fui pessoalmente ao seu aldeamento deixar-lhes presentes.

Em 1856 fugirão-me quando eu já estava dentro do cannavial com os Srs. Antonio dos Santos Neiva, Leonardo Esteves, e M. Horn, e por mais que se lhes bradasse pelo lingua, não houve meio de os fazer retroceder.

Depois de depozitar nos seus ranchos os demais pre-

sentes, deixei a minha faca de matto e a minha gravata, mandando gritar que erão as insignias do capitão que as offerecia ao seu collega.

Finalmente no dia 6 de Setembro de 1856 apparecerão no serviço do Sr. Leonardo Esteves, declarando-se mansos e pedindo amizade.

Trazião como bandeira parlamentaria o lenço de seda que me servia de gravata, e que eu tinha deixado com a minha faca de mato para o Cacique.

Passei por uma grande decepção. Contra toda a minha expectativa achei-me com mais uma tribu de Botocudos.

Fingirão-se mais ignorantes do que são na realidade, e outras palavras não se arrancava delles senão — Jack-jemenuk — Sincorana — Capitão paquejú e rehé.

Estou manso, tenho fome, o Capitão grande é muito bom.

Entrincheirados na sua estupidez e meias palavras, os Indios do Urucú tinhão amortecido a minha curiosidade.

Mas veio novamente desafial-a, e instigar-me a fazer mais indagações um sabio viajante que este anno honrou o Mucury com a sua visita.

Fallo do subdito austriaco Barão de Tchudy.

Viajando comigo o mez passado encontramos na Colonia Militar e visinhanças a tribu do Urucú.

O Barão de Tchudy é o viajante mais indagador que tenho visto. Teve larga pratica com o lingua, interpellou, indagou, e por ultimo escreveu na sua carteira, que os Indios do Urucú erão os mesmos que me tinhão apparecido em 1847 na Lagoa da Arára, e que eu suppunha terem-se reconcentrado para os sertões do Prado e de Alcobaça.

No meu regresso procurei verificar o que havia de exacto na hypothese do Barão.

Eu tinha feito reunir os Indios do Urucú na Colonia Militar para os apresentar ao Sr. Cansanção, cuja visita nos fôra promettida, e não se pôde realizar.

Havião-se reunido mais de 200. A' despedida era de regra presentea-los.

Fui pessoalmente distribuir-lhes ferramenta, e aproveitei a occasião para as indagações.

Perguntei ao capitão Juquirana onde me tinha visto a primeira vez. Respondeu que n'uma Lagoa junto á qual me tinhão ajudado a levantar uma cruz, que desde então ficarão todos meus amigos pelos muitos presentes que lhes dei; que ao depois não cessavão de ver-me passar no matto e receavão que João Imma me fizesse mal.

A outro perguntei se conhecia a Gama morador perto dessa Lagoa em que fallavão.

Respondeu que quando os Indios chegavão á casa de Gama, as mulheres todas hião ralar mandioca para fazer farinha e dar-lhes; que Gama era muito bom, que o tinhão visto muitas vezes fazendo picada nos seus mattos, mas que não lhe tinhão fallado porque estavão mal com os Portuguezes.

Não havia duvida, erão os Indios da Arára que atterrados com o massacre de S. Matheus tinhão atravessado 10 leguas de paiz inimigo — as terras dos Bakués, e tribu de Porokum — para virem abrigar-se nas florestas do Urucú contra a sanha dos christãos.

Cahi das nuvens.

Para inteirar-me dos motivos porque em 5 de Agosto de 1853 havião attacado os meus tropeiros, perguntei-lhes quaes erão os que tinhão atirado flechas nos crains (pretos) de Pojirum — responderão de prompto, com ronha eminentemente diplomatica, que esses já tinhão morrido, e que erão uns companheiros que não me conhecião nem tinhão recebido ferramenta nem missangas.

E o certo é que logo ao primeiro choque tendo ficado na rancharia unicamente o preto forro Ventura, não se póde admittir que elle só intimidasse uma tribu guerreira como a de Gyporock, que tinha tomado de assalto e debaixo de fogo a fazenda dos Violas, defendida por diversas espingardas, e que lá tinhão matado 8 pessoas de familia.

Evidentemente tinhão pretendido apenas entimidar-nos, e afastar-nos do seu aldeamento atirando flechas sobre os tropeiros, mas guardarão-se de offender o bemfeitor da colonia da Arára, e o da roda de mandioca.

O talisman que nos preservou forão os donativos de 1847, e a bondade de Gama.

E estavão explicados os mysterios do Urucú, e bem averiguado que, se no dia 5 de Agosto de 1853, eu havia passado incolume por entre as emboscadas dos selvagens, devia-o á gratidão religiosa com que esta pobre gente guarda a lembrança dos beneficios.

Estava em fim provado que a generosidade, a moderação e a benevolencia erão a mais proveitosa das catecheses.

Com os Nacknenukes, com Pojichá, com os Bakuês, e com os Indios do Urucú os resultados erão sempre os mesmos.

Os Indios do Urucú já começão a ser uteis como os Nacknenukes. Forão elles que colheo muitas roças dos co-

lonos Madeirenses, e alugarão-se tambem para a colheita ao Sr. Gazzinelli, colono Italiano residente no ribeirão da Pedra seis legoas acima de Santa Clara. Posso applicar aos Indios do Urucú quanto disse do Nacknenukes á cerca de costumes, religião e sociedade.

Completamos as informações sôbre as tribus que actualmente residem no Mucury.

Entre os dominios de Pojichá no Todos os Santos e os dos meus amigos do Urucú interpõem-se duas tribus capitaneadas pelo Capitão Casimiro, e por João Immá: São confederados. Aldearão-se junto aos picos mais elevados da Serra das Esmeraldas, e nas cabeceiras do Corrego do Ouro.

Já sabemos que a tribu de Casimiro foi que matou o Sargento Coelho, e mais dous soldados no Quartel de Santa Cruz, em 1849.

Quanto á tribu de João Immá, o nome do cacique parece provar que ella emigrou do Gequitinhonha para aqui. Ao menos, é certo que no ribeirão do Rubim, confluente do Gequitinhonha, tres legoas abaixo de S. Miguel era conhecido ha annos um Indio por nome João Immá, cacique de uma tribu numerosa.

Provavelmente forão as duas ou uma destas tribus que em 1854 trouxe do Gequitinhonha o grandioso projecto de assassinar os Capitães que estavão fazendo estrada; para resguardar, como se lhes fizera dizer as terras dos Nacknenukes, projecto que o Capitão Timotheo inutilisou, como já referi.

Casimiro e João Immá estão em guerra com Pojichá, seu vizinho do lado do poente, e com os Indios do Urucú, ao lado do nascente. Ainda em Março queixou-se-me Jaquirana de que João Immá lhe tinha morto um irmão de nome Ereheé.

Parece que a principio estava só nestes lugares a tribu de João Immá, que se revelava de vez em quando roubando alguma rez que apanhavão desgarrada na estrada; mas o anno passado recebendo a visita dos do Rio Preto resolverão fazer em commum uma demonstração de fôrça.

Com effeito, ousarão apparecer na Colonia Militar e fallar ao Director em tom arrogante, não se mostrando agradecidos aos presentes que receberão, e protestando contra os Portuguezes, que lhes estavão tomando as suas terras.

Mas, reconhecendo que a Colonia Militar não era o Quartel de Santa Cruz, onde impunemente assassinarão o Sargento e soldados, retirarão-se, e os mais turbulentos voltarão para o Rio Preto.

Tambem fizerão um aldeamento com muitas plantações na margem do Todos os Santos, uma lagoa abaixo das Canôas, na passagem da picada antiga. 11 legoas distante de Philadelphia, e quatro legoas da estrada nova.

D'ahi fazem excursões contra os Indios do Urucú.

Faz compaixão ver como esta gente mutuamente se extermina.

Os Nacknenukes e os Aranaus. que habitão nas vertentes do Arapuca, são irreconciliaveis. e se não ha no presente conflictos sanguinolentos. é porque os Aranaus temem-se de vir offender os Nacknenukes no centro dos seus novos alliados christãos. e os Nacknenukes achão mais vantajoso arrancar puaia, e plantar batatas para vender com os couros de veado em Philadelphia. do que irem fazer a guerra para conquistar kurukas. que hoje ninguem lhes compra.

São inimigos de Pojichá seu vizinho de tres legoas.

Pojichá é inimigo de João Immá: ainda estte anno se atacarão, e as duas aldêas distão quatro legoas uma da outra.

Igual distancia tem entre si as duas aldêas de João Immá e do Urucú, de cuja inimizade fallei ha pouco.

Pouco mais distantes estão os do Urucú dos de Porohum e Batata. que residem a mór parte do tempo em S. Matheus.

E quando estes vèm a Santa Clara. passão o rio para o norte. perseguindo os Bakuês. que outras vezes vêm esperar ao sul os seus inimigos.

Em 1854 houve um combate entre estas duas tribus. sendo o campo de batalha o lado do sul. Ambas fizerão prisioneiros aos inimigos.

Os prisioneiros dos Bakuês forão assassinados defronte do armazem de Santa Clara. Quando o Dr. Manoel Esteves, advertido da execução. sahio de casa para embaraçal-a. era tarde.

E sabendo nós que os prisioneiros de Batata ião ser tambem executados. procurámos salval-os a todo o custo. Batata respondeo ás primeiras rogativas. declarando que a sua gente não lhes perdoava de modo algum.

Mas taes forão as minhas instancias. que o mesmo Batata insinuou-me para reclamar os prisioneiros, promettendo que ião ser meus escravos. mas que pedisse para m'os irem entregar na divisa dos Gyporoks (eu estava de viagem para Philadelphia) quando não era possivel que mesmo em minha companhia fossem mortos a flechadas.

O conselho teve o desejado effeito. mas as amaveis es-

posas dos prisioneiros se havião rendido de coração aos inimigos, e recusarão acompanhar os maridos.

Os pobres homens, conscios aliás da sorte que os esperava, preferirão ficar no acampamento inimigo.

Na mesma semana uns erão assassinados, outros fugião feridos, e o Dr. Esteves salvava estes, passando-os para o outro lado do rio.

Aos assassinos, que tambem querião canoas, negou-se passagem.

Protegemos indistinctamente os perseguidos, mas a nenhum prestamos meios de aggressão contra os outros.

Esta neutralidade verdadeira nos tem conservado em boa harmonia com todos.

Recapitulemos as tribus de que tenho dado perfunctoria noticia.

Nas cabeceiras do sul do Mucury e alto Todos os Santos as tribus confederadas dos Nacknenukes. Os Nacknenukes são Botocudos.

Nas cabeceiras do norte e no valle do Rio Preto as tribus do Capitão Casimiro e de João Immá, que descendo pelo Mucury e subindo pelo Todos os Santos passão uma parte do anno na Serra das Esmeraldas, 7 legoas abaixo de Philadelphia.

Nas aguas do Rio Preto ha, além destas, as tribus das Americanas da Agua Branca, e outras que, occupando successivamente a margem direita do Mucury, vem encontrar-se com os Bakuês, que vagão entre o rio Pampan e Santa Clara.

São todos Botocudos.

Na margem esquerda do Mucury, descendo pelo valle do Todos os Santos, apenas se deixa o paiz dos Nacknenukes, tres legoas abaixo de Philadelphia, se está nos dominios do energico e intelligente Pojichá, igualmente Botocudo.

Deixando o valle do Todos os Santos e passando ao valle contiguo do Urucú, estão os Gyporoks, Botocudos como os outros.

E no valle contiguo, isto é, no ribeirão da Pedra, e d'ahi até Santa Clara as tribus de Batata, Porohum, etc., tambem Botocudos.

Vê-se, pois, que todo o valle do Mucury não tem outra casta de selvagens.

O que são os Botocudos?

Sinto-me com poucas forças, e menos inclinação para esta especie de investigações. Direi, porém, o juizo que tenho formado.

Pouco antes da descoberta de Cabral, muitas tribus da raça dos Tupis havião-se apoderado da costa de Porto Seguro, obrigando as tribus que ahi residião, e que erão da raça dos Tapuios, a emigrar para o interior.

E' fóra de duvida que os Tupis entregarão a costa aos Portuguezes.

E que os Aymorés e seus confederados Abatiras, Potaxós, etc., da casta Tapuios, descendo das serras para onde tinhão emigrado, tirarão ampla desforra contra os Tupis, e ao mesmo tempo contra os colonos Portuguezes, e que forão depois recalcados para as florestas pelas forças que o Governo da Bahia mandou a favor de Porto Seguro.

Os Tupis tambem se dividirão, ficando os Tupinaus e Tupiniquins do Rio Doce para o norte, e para o sul os Puris e outros.

Dos Puris ainda se encontrão restos em S. Fidelis, na margem do Parahyba.

E como o terror despovoou Porto Seguro e deo-lhe baixa de capitania, por muito tempo se ignorou o que se passava n'aquella redondeza entre Tapuios (Aymorés) e Tupis.

O que eu acredito é que os Tupis continuarão a conquista começada quasi ao tempo da occupação Portugueza, exterminarão os Tapuios, e que apparecendo mais de seculo depois com o nome de Botocudos forão proclamados descendentes dos Aymorés, quando ao contrario forão os exterminadores e o flagello dos seus suppostos ascendentes.

Vou deduzir as provas desta minha asserção, e o faço muito a medo por ir de encontro ao que tenho lido a respeito em authoridades que fizerão profundo estudo da questão.

Não irei beber as provas em fontes que se resintão da humana fragilidade, observadores superficiaes, ou chronistas suspeitos, cegos pela ignorancia ou influenciados pelo odio, pela adulação, ou pelo medo.

Invocarei o testemunho incorruptivel das serras, os montes, os rios, e os valles que estão proclamando que aquelle paiz não esteve sempre sob o dominio estupido dos Botocudos, seus actuaes dominadores.

Subindo pelo Urucú, especialmente pelo ribeirão das Lages pullulão a cada canto os indicios demonstradores de que alli já existio quem sabia fazer valer os recursos da terra.

Os Botocudos actuaes habitantes deste valle tem apenas nas vizinhanças do ribeirão da Arêa uma Aldêa com palhoças, e um rancho barreado, mas pouco tempo lá se demorão, por que, tirando a mór parte de sua subsistencia da caça tem

necessidade de mudar de lugar, não digo de habitação, muitas vezes.

Vagão pelas florestas semanas e mezes, dormindo ao relento, ou cobertos apenas por alguns ramos quebrados cada dia.

Mais infelizes, e menos industriosos que os Tartaros, não tem para conduzir em suas excursões nem tendas nem rebanhos.

O unico animal domestico que conhecem é o cão.

E não poucas vezes apanhão porcos do matto, macacos, e veados ainda tenros, que as mulheres amamentão conjunctamente com os filhos.

Passão estupidamente aqui e acolá por tapéras onde o mais superficial observador reconhece os vestigios do antigo trabalho de mais industriosos moradores.

Encontrareis as tapéras geralmente em localidades apropriadas para fazendas. Muitas vezes os vestigios da velha habitação estão debaixo de uma cachoeira.

E não ha tapéra sem bananal.

Os mattos circumvizinhos demonstrão a modo irrecusavel uma cultura que cessou ha muitos annos, e que aquelle solo já foi o theatro de uma civilisação mais adiantada.

A simples inspecção do terreno, sobre tudo das tapéras, prova que os seus actuaes occupantes são intrusos.

E não é só a vegetação do paiz, que falla esta linguagem.

A terra, para denunciar a barbaridade dos Botocudos, guardou em deposito instrumentos de industria, importados de fóra por seus antigos senhores, e os artefactos locaes, que não deixão duvida alguma sobre essa civilisação mais adiantada que alli existio.

O Sr. Tenente-Coronel Antonio José Velloso Soares, importante fazendeiro, que se estabeleceo quatro legoas abaixo de Philadelphia, capinando a sua roça de milho, encontrou um precioso documento historico.

E' um machado de fórma inteiramente desconhecida aos mais velhos habitantes de Minas.

O Barão de Tchudy, examinando este instrumento com a sua habitual attenção, descobriu-lhe a marca da fabrica onde foi construido. E' um quadro de meia pollegada de face, incluindo as letras — C. V.

O Barão tirou-lhe o desenho, e tenciona na sua passagem por Lisboa indagar qual era a fabrica onde se fazia d'aquella ferramenta, e em que época se exportava della para o Brasil.

Eu creio que taes machados houvessem sido trazidos para Porto Seguro, no tempo da descoberta, e que este faz parte dos despojos que os Aymorés trouxerão da costa.

Offereço a V. S. em original o precioso documento.

Outra descoberta, tanto ou mais importante, foi feita pelo colono Suisso Riis, em sua fazenda, situada na confluencia do S. Jacintho com o Todos os Santos.

Riis fazia covas para não sei que plantação. A enchada percutio em corpo sonóro, que o colono extrahio cuidadosamente.

Era uma telha de dimensões maiores do que as usadas actualmente para os tectos de nossas casas.

Outra circunstancia. Era de terra vermelha, e não de argila, como ordinariamente.

Dir-se-hia que o oleiro, tendo visto em outra parte funccionar esta industria, veio ensaial-a em casa, sem ao menos saber escolher a materia prima.

Os Nacknenukes affirmão que nas vizinhanças de Philadelphia ha telhas d'aquellas, restos de casas de que não ha outros vestigios, e que não pertencião á sua gente.

Ora a quem se ha de attribuir o singular machado, a telha de oleiro noviço, e as tapéras?

De certo, a proprietarios anteriores á occupação dos Botocudos. Esses proprietarios anteriores está sabido que erão as tribus de Tapuios que, expellidos da costa pelos Tupis, voltarão depois das suas serras, e forão castigar nos Tupiniquins o crime de haverem partilhado com estrangeiros perigosos a patria commum.

Erão sem duvida esses famosos Aymorés e seus confederados, os quaes, tendo-se assenhoreado por alguns annos da mór parte dos estabelecimentos de Porto Seguro, e tendo sido obrigados depois pelas forças portuguezas a retroceder para as suas montanhas, para cá trouxerão provavelmente uma parte dessa civilisação que, cegos, tinhão ido combater.

Que os Aymorés expellidos da costa fossem os povoadores da cordilheira das Esmeraldas, dizem-nos os historiadores, mas ignoravão que os Aymorés houvessem trazido para as suas brenhas essa civilisação adiantada, cujas provas acabo de citar.

Nessa ignorancia imaginarão a absurda filiação dos Botocudos, que creio eu cahe por terra á vista dos factos expostos.

Muitas asserções que atravessão os seculos como verdades historicas têm menos fundamento do que a hypothese que acabo de formular.

Mas sobrão-me ainda provas para demonstrar o que avancei. Já commemorei que antes de sahirem no Alto dos Bois os Botocudos Nacknenukes, pedindo soccorro contra os Botocudos Gyporoks, havião apparecido pedindo soccorro contra os Nacknenukes outros selvagens, que não erão Botocudos.

Especifiquei os Macunis e Malalis, sobre cuja historia e desgraças entrei em alguns desenvolvimentos.

Com os Macunis e Malalis vierão os Machacalis, tribu de tapuios, cujo nome appareceu tambem na costa no tempo da descoberta.

Os Machacalis erão mais numerosos e aguerridos, e mostravão odio inveterado contra os conquistadores, que os lançavão fóra de suas terras.

Quando os Machacalis sahirão no Alto dos Bois, fugindo dos Botocudos, lutava com estes em toda a extensão do Gequitinhonha, do Calháo até Belmonte, o commandante geral das Divisões, Coronel Julião Fernandes Leão, irmão do pai do Sr. Conselheiro Antão.

Estou referindo factos coêvos de que ainda existem testemunhas, para as quaes posso appellar.

O Coronel Julião, querendo oppor aos Botocudos os Machacalis, levou-os para o Gequitinhonha, e deu-lhes por sesmaria o Ribeirão dos Prates, onde se conservão até hoje.

O seu aldeamento é na margem do Gequitinhonha, para cima da barra do Ribeirão, no lugar denominado Farrancho.

Os Machacalis fizerão-se christãos, têm um cemiterio regular, e tratão de levantar uma igreja.

Têm auxiliado constantemente os outros moradores na repressão dos Botocudos, cujas offensas passão de pais á memoria dos filhos.

Só se servem do arco para matar peixe. Raro é o que não tem espingarda.

São industriosos; a olaria é um dos ramos da sua industria, e em tal escala, que nas povoações das margens do Gequitinhonha cozinha-se exclusivamente em panellas da fabrica dos Machacalis.

Tambem fazem canôas e remos para fornecimento dos canoeiros do Gequitinhonha.

São elles mesmos excellentes canoeiros, e como taes são procurados para a conducção do sal do Salto para o Calháo.

Morão em casas regulares, cobertas de telha. O Capitão Silva, um dos principaes Machacalis, é homem intelligente, sabe ler, e já fez uma viagem ao Rio de Janeiro.

Uma viagem ao Aldeamento do — Farrancho — deve ser muito importante para a historia, e talvez traga á luz detalhes curiosos sobre os costumes, governo, religião, e nacionalidade dos ascendentes desta tribu.

Os seus penates, que elles transportarão do Mucury para o Gequitinhonha, são naturalmente depositarios, não digo de annaes, mas das tradições dos seus antepassados.

E creio que um tal exame levaria á ultima evidencia a conclusão que tiro da narração que fiz.

Os Machacalis são os restos dessas tribus de Tapuios, que os Tupis impellirão a concentrar-se para a cordilheira da Serra das Esmeraldas, e que, tendo voltado á costa com o nome famoso de Aymorés, Abatiras, etc., ahi vencerão os Tupiniquins e Portuguezes, e tendo-se assenhoreado por muitos annos dos estabelecimentos destes, conservarão alguns no captiveiro, e naturalmente delles aprenderão algumas artes e officios. E quando, vencidos novamente pelos Portuguezes, tiverão de refluir para o interior, lá forão praticar o que tinhão aprendido e de que deixarão os vestigios que mencionei, e que tem sido quasi apagados pelos Botocudos da raça dos Tupis, os quaes, proseguindo na invasão e conquista das terras dos Tapuios, os esmagarão nos seus ultimos esconderijos, e os obrigarão a ir procurar a protecção dos christãos sob os nomes de Mucuni, Malalis e Machalis.

Os Botocudos, sua origem, costumes, idéas religiosas, linguagem e governo, podem ser estudados vantajosamente em manuscriptos, que me consta existirem, contendo a correspondencia official dos commandantes geraes das Divisões do Rio Doce, Gequitinhonha, Major Guido Thomaz Marliere, e Coronel Julião Fernandes Leão.

Juiz competente me assegura que esses manuscriptos são ricos de informações.

Guido foi o pai e o amigo dos Botocudos, Julião o conquistador e vencedor delles.

O que fica escripto é tudo quanto sei dos selvagens do Mucury.

Reconheço que são materiaes demasiadamente toscos.

Não me sobra nem tempo nem aptidão para os preparar e colligir melhores.

No entanto, fico phantasiando ter com o pouco que accumulei, proporcionado ao sublime cantor da — Nebulósa, e espirituoso author da Moreninha, — assumpto com que seu fertil engenho erija á litteratura nacional monumentos novos, *et œre perenniora.*

D'esta minha carta o meu amigo Sr. Dr. Macedo póde fazer o uso que conveniente lhe parecer, certo de que só a deferencia ao seu pedido me animou a escrevêl-a.

Sou deveras

Seu Amigo,

THEOPHILO BENEDICTO OTTONI.

——«*»——

Resumo Total da População que existia no anno desta Cidade do Rio de Janeiro, até o ultimo nascerão e fallecerão no mesmo anno de

FREGUEZIAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.	BRANCOS												PARDOS					
	Chefes de Familia Ecclesiasticos.	Chefes de Familia Casados.	Mulheres dos ditos.	Chefes de Familia Solteiros.	Ditos Solteiras.	Ditos Viuvos.	Ditos Viuvas.	Filhos e Filhas até a idade de 7 annos.	Ditos de 7 annos para cima.	Ditos nascidos no dito anno.	Aggregados e Aggregadas em varias casas.	Somma.	Chefes de Familia Ecclesiasticos.	Chefes de Familia Casados.	Mulheres dos ditos.	Chefes de Familia Solteiros.	Ditas Solteiras.	Ditos Viuvos.
Sé Cathedral.	37	780	780	372	463	81	400	186	329	190	2141	5759	2	70	70	52	172	14
Candelaria.	24	490	490	501	87	59	137	293	520	133	1343	4082		33	33	18	19	7
S. José.	42	310	310	206	215	101	120	280	402	116	203	2305	1	205	205	102	120	95
Santa Rita.	13	1712	1712	628	112	27	116	857	720	202	651	6750		152	152	25	97	24
Conventos.	8				4						670	682						
Toda a População da Cidade.	183	3292	3292	1707	881	268	773	1616	1971	647	5608	19578	3	460	460	197	408	140

Fallecidos no Hospital de El-Rei.	77
Pobres fallecidos no Hospital da Misericordia.	152
Enjeitados que se sepultarão no Cemiterio da dita.	139
Escravos que se sepultarão no Cemiterio da mesma.	845
Somma Geral dos fallecidos no dito anno.	2296

de 1779, comprehendidas as quatro Freguezias de Dezembro do dito anno. Tambem dos que 1779.

						LIBERTOS
193		36	100	13	44	Ditas Viuvas.
485		210	160	18	97	Filhos e Filhas até a idade de 7 annos.
628		190	202	27	209	Ditos de 7 annos para cima.
246		31	98	39	78	Ditos nascidos no dito anno.
1007	123	48	96	233	507	Aggregados e Aggregadas em varias casas.
4227	123	965	1384	440	1015	Somma.
						PRETOS LIBERTOS
						Chefes de Familia Ecclesiasticos.
473		154	223	38	58	Chefes de Familia Casados.
473		154	223	38	58	Mulheres dos ditos.
403		205	130	19	49	Chefes de Familia Solteiros.
613		250	160	39	164	Ditas Solteiras.
183		53	101	3	26	Ditos viuvos.
195		37	112	7	39	Ditas viuvas.
503		318	119	7	59	Filhos e Filhas até a idade de 7 annos.
586		220	160	48	88	Ditos de 7 annos para cima.
456		202	106	20	128	Ditos nascidos no dito anno.
700		98	89	141	372	Aggregados e Aggregadas em varias casas.
4585		1691	1523	330	1041	Somma.
2400	63	1705	308	199	125	Escravos e Escravas até a idade de 7 annos.
11805	340	967	3120	4261	3117	Ditos de 7 annos para cima.
781		319	156	176	130	Ditos nascidos no dito anno.
14986	403	2991	3584	4636	3372	Somma de todos os Escravos.
43376	1208	12397	8796	9488	11487	Somma de toda a população.
571		179	150	86	156	Pessoas Livres fallecidas no dito anno.
515		338	36	102	39	Escravos fallecidos no dito anno.
1086		517	186	188	195	Somma de todos os fallecidos.

N. B. A Tropa desta Cidade só vai incluida neste Mappa no numero dos Mortos no Hospital Real.